

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

MARIA CECÍLIA CASTRO GASPARIAN

**A INTERDISCIPLINARIDADE COMO METODOLOGIA PARA
UMA EDUCAÇÃO PARA A PAZ**

Doutorado em Educação: Currículo

São Paulo

2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

MARIA CECÍLIA CASTRO GASPARIAN

**A INTERDISCIPLINARIDADE COMO METODOLOGIA PARA
UMA EDUCAÇÃO PARA A PAZ**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para Qualificação de Doutorado em Educação: Currículo, sob a orientação da Profa. Dra. Ivani Catarina Arantes Fazenda

São Paulo

2008

FICHA CATALOGRÁFICA

GASPARIAN, Maria Cecília Castro

A Interdisciplinaridade como Metodologia
para uma Educação para a Paz / Maria Cecília Castro Gasparian.
São Paulo: s.n.2008,164pp.

Tese [Doutorado] – Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo

Área de concentração: Educação

Orientadora: Ivani Catarina Arantes Fazenda

1. Educação 2. Interdisciplinaridade 3. Currículo

Banca Examinadora

São Paulo, _____ de _____ de 2008.

“Sentimos as novas verdades
antes de poder exprimi-las; e
quando as exprimimos pela
primeira vez revestimo-las
infalivelmente de uma forma
deficiente.”
Teilhard de Chardin¹

¹ Do livro *Pensamento Vivo de Teilhard de Chardin*.

AGRADECIMENTOS

Inicio meus agradecimentos oferecendo este trabalho a todos os meus amigos do Grupo de Estudos e Pesquisa da Interdisciplinaridade - GEPI. Ele é fruto de anos de encontros e profícuas reflexões e, também, de uma existência em que as conexões feitas foram vividas com muita intensidade.

Agradeço também a todas as pessoas que conheci ao longo de minha vida, pela forma de identificação, de interação e de diálogo que tivemos.

Paul Ricoeur (2004) disse uma vez que o reconhecimento tem três dimensões. A primeira é a dimensão do pessoal, ou seja, reconhecemos uma pessoa pelo seu modo de andar, falar, suas características físicas, hereditárias, etc. A segunda dimensão relaciona-se ao campo do conhecimento, quando de uma forma ou de outra reconhecemos a capacidade do outro em suas especificidades. A terceira dimensão está ligada à sensação de gratidão que se estabelece entre as pessoas. Em qualquer uma dessas dimensões criamos vínculos importantes para a história de nossas vidas.

Para mim é muito importante não apenas reconhecer o trabalho de uma equipe como também poder contar com um sentimento recíproco.

Assim, como ocorre ao longo de nossas vidas, nos afastamos de pessoas estimadas e caras aos nossos sentimentos por diferentes motivos. Em nosso ambiente profissional isso também ocorre de uma forma mais complexa, já que envolve múltiplas variáveis.

Neste momento, deixo-me levar pela emoção de mais uma etapa cumprida, que só foi possível pelo auxílio do meu grupo querido de tantos anos, liderado pela Profa. Ivani Catarina Arantes Fazenda, que me acolheu de uma forma única, com o olhar e com a escuta interdisciplinar, por meio de um amor oceânico, propiciado pela generosidade e pela humildade, fruto de sua sabedoria.

Agradeço também a todas as pessoas que não mais estão entre nós, mas que com sua ausência-presença me conduziram com mãos firmes e ao mesmo

tempo extremamente carinhosas para ver o mundo e minha existência como uma linda possibilidade de evolução.

Prof. Dr. Arnaldo de Hoyos Guevara, por nossa convivência e trocas de experiências no campo do futuro e do prospectivo, me diz que o possível às vezes demora mais do que queremos.

Prof. Dr. Ruy Cezar do Espírito Santo, parceiro de almas no campo do desvelar o potencial de cada um de nós, ajudou-me a olhar o humano com suas potencialidades.

Prof. Dr. Ricardo Hage de Matos, amigo particular e de tantos anos, que me ensinou a perceber, nos detalhes de uma flor, uma visão estética do cosmos.

Profa. Yvone D'Alesso Foroni, também querida amiga, que me ensinou por meio da objetividade que a subjetividade da diversidade não é empecilho para uma ação efetiva para a paz e, sim, uma possibilidade.

A todos vocês, pela humildade e generosidade de me compreenderem, meus profundos agradecimentos.

RESUMO

Pertencente a uma nova visão de mundo, a Educação para a Paz é um campo de atuação interdisciplinar cuja tarefa é a de criar uma nova linguagem para nossa relação com o outro. Cabe a ela, portanto, o destino de implantar, implementar, divulgar e, principalmente, exercitar, de uma forma consistente, um novo olhar filosófico-científico para que a Educação seja efetivamente transformadora e, transformada, possa dar um salto de qualidade no processo de ensino e aprendizagem, não somente do ponto de vista formal da Educação, mas também do ponto de vista social e cultural. Este trabalho pretende mostrar alguns dos fundamentos que norteiam a Cultura da Paz através de uma pesquisa acurada, levando-nos a pensar que, se partirmos de uma prática interdisciplinar na escola, poderemos ter sucesso na formalização de uma Cultura para a Paz, processo inevitável para uma civilização futura. Para isso, pretendo esclarecer alguns pontos essenciais que definem a Interdisciplinaridade como um importante conceito para uma educação das gerações vindouras. Na realidade, a Interdisciplinaridade é um reflexo de mudanças que começamos a vislumbrar no atual modelo filosófico-científico. Como objetivo, pontuarei a possibilidade de implantar um projeto político-pedagógico amalgamando o “Projeto Millenium” e o “Os Quatro Pilares para a Educação”, contido no Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI com a Cultura da Paz. Esse projeto-piloto foi testado em uma escola no período de um ano e meio; neste trabalho relato minha experiência n o projeto. Para que o presente trabalho tenha um embasamento teórico e uma linha de pensamento definida, ele está consubstanciado nas visões ecológica, sistêmica e crítica, em que a Interdisciplinaridade também se embasa; esta, emerge como uma metodologia de trabalho e não apenas como recurso pedagógico para implantar e implementar os princípios estabelecidos pela ONU. A Interdisciplinaridade pontua diretrizes para uma prática pedagógica mais eficaz e eficiente, possibilitando enfrentar desafios da contemporaneidade. Minha hipótese de trabalho é que, através da temática da Cultura da Paz, um novo modelo filosófico-científico-pedagógico seja introduzido, produzindo uma mudança de visão diferenciada de mundo. Para finalizar estabeleço as relações entre o desejo e a realidade para a implantação deste projeto, e analiso os obstáculos encontrados.

Palavras chave: Metodologia - Interdisciplinaridade – Educação - Currículo

ABSTRACT

As a new vision of our world, Education for Peace is a interdisciplinary activity range whose task is to create a new language for our relation with others. It is its duty therefore to insert, implement, divulgate and mainly to exert this new philosophical-scientific viewpoint in a consistent way so that Education can be effectively a transforming tool and, already transformed, may increase its quality in the learning and teaching process, and not only from a formal point of view, but also socially and culturally. This paper intends to show some of the basic principles that guide the Peace Culture by means of an accurate survey, making us think of the fact that, if we started to implement an interdisciplinary practice in school, we could be successful in creating a Peace Culture, which is an inevitable process for the future civilization. To accomplish this, my goal is to clarify some important points that define interdisciplinarity as an important concept for educating future generations. As a matter of fact, interdisciplinarity is the reflection of the change of a philosophical-scientific mode which we now begin to visualize. As a goal, I will point out the possibility of implanting a political-pedagogical project which brings together the Millenium Project and the Four Pillars of Education, contained in the UNESCO International Commission on Education for the 21st. Century report, together with Peace Culture. This pilot project was tested in a school during a year and a half, and in this paper I give an account of my experience. For theoretical fundamentation purposes and to define a line of thought, this work comprehends the ecologic, systemic and critical visions which also form the base of interdisciplinarity, becoming a work methodology and not just a pedagogical resource for inserting and implementing the principles established by UNO. Interdisciplinarity points out directives for a more efficient and effective pedagogical practice for being able to face contemporary challenges. My work hypothesis is that through the Peace Culture topic, the new philosophical-scientific-pedagogical model is inserted, producing a differentiated change of vision of the world. Finally, I establish the relations between the desire and the reality for implantation of this project, and also the obstacles found.

Keywords: Methodology - Interdisciplinarity – Education - Curriculum

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
I - EDUCAÇÃO A PAZ.....	25
• O QUE É PAZ.....	32
• OS NOVOS MOVIMENTOS DA PAZ.....	35
• PROJETO MILENIUM.....	38
• EM BUSCA DE UM SENTIDO PARA A PAZ.....	40
• OS QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO.....	42
1. APRENDER A CONHECER.....	45
2. APRENDER A FAZER.....	46
3. APREDNER A VIVER JUNTOS, APRENDER A VIVER COM OS OUTROS.....	46
4. APRENDER A SER.....	47
II – A INTERDISCIPLINARIDADE COMO FIO CONDUTOR DA EDUCAÇÃO PARA A PAZ: A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA E DA METODOLOGIA INTERDISCIPLINAR.....	48
• FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	49
• A INTERDISCIPLINARIDADE E AS IMPLICAÇÕES NA IMPLANTAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO PARA A PAZ.....	51
• DA PRÁTICA PEDAGÓGICA INTERDISCIPLINAR.....	65
III – A CONSCIÊNCIA GRUPAL: UMA ATITUDE INTERDISCIPLINAR A CAMINHO DA CONSTRUÇÃO DA SOLIDARIEDADE.....	71
IV – CAMINHOS NO COLÉGIO MAIOR.....	83
• INTRODUÇÃO.....	83
• CARACTERIZAÇÃO DA MANTENEDOURA.....	88
• O PROJETO DA PAZ NA ESCOLA MAIOR.....	90
○ MUDANÇA NA ORGANIZAÇÃO DOS CICLOS.....	95
○ FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DO COLÉGIO.....	99
1. DA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES SUGESTÃO DE PROJETO.....	102
2. DA ESCOLA DE PAIS.....	104
3. DO PROJETO DE INCLUSÃO.....	107
• O PROJETO DE EDUCAÇÃO PARA A PAZ	107
1. DA EDUCAÇÃO PARA ESPIRITUALIDADE.....	108
2. DA CIDADE EDUCATIVA.....	113
3. DA IMPLANTAÇÃO DO SINO DA PAZ.....	115
4. DO ESPAÇO LÚDICO-SINESTÉSICO.....	115
V – CONCLUSÃO.....	116
BIBLIOGRAFIA.....	123

VI – ANEXOS

ANEXO 1.....	135
ANEXO 2.....	136
ANEXO 3.....	137
ANEXO 4.....	142
ANEXO 5.....	143
ANEXO 6	146
ANEXO 7.....	151
ANEXO 8.....	152

INTRODUÇÃO

TRAJETÓRIA PESSOAL

“Posso dizer que a interdisciplinaridade é nada mais nada menos do que o reflexo do povo que a está tentando produzir em um determinado momento.”

Ricardo Hage de Matos

Desde 1968, quando me formei na Escola Normal, tornando-me uma profissional da Educação e começando a trabalhar como professora alfabetizadora, tanto de adultos quanto de crianças, uma das minhas inquietações era buscar respostas sobre o que seria um trabalho pedagógico contemporâneo e eficaz, no qual o ensino pudesse cumprir seu papel de ensinar para que todos os aprendizes pudessem realmente aprender.

Notávamos, desde então, que as dificuldades de aprendizagem eram muito grandes e que a “culpa” era sempre atribuída ao aprendiz, nunca ao ensino. Atualmente, as dificuldades de aprendizagem persistem e, embora ainda recaiam sobre o aprendiz, começa-se a esboçar uma leve *mea culpa* e uma grande perplexidade que leva a escola a começar a vislumbrar sua incapacidade e a impotência de gerir uma educação de qualidade.

Enquanto antes a dificuldade caía sobre o estudante, hoje se aponta o dedo para o professor, dois movimentos que de certo modo são complementares; no entanto, fica faltando ainda um vértice dessa triangulação: a família. Família do estudante, do professor, enfim, de todos os que compõem a sociedade e a comunidade em que a escola está inserida.

No desejo de encontrar respostas para as dificuldades de aprendizagem, percorri inúmeros caminhos, cumpri os mais diversos mandatos educacionais, descobri formas e maneiras diferenciadas de ensino, fui de Rousseau a Piaget, dos mestres gregos da Antiguidade até aos mestres da atualidade, chegando a Edgar

Morin, que propõe um novo destino para a Educação com seu pensamento complexo.

Neste meu percurso, vi vários modismos, todos bem intencionados, serem adotados por escolas conceituadas que procuravam, em um esforço quase hercúleo, fazer seu ensino se tornar cada vez mais eficaz. Os modismos foram efêmeros, e nós, professores, ficávamos sempre com um gosto amargo de frustração, incompetência e impotência diante de propostas salvadoras que nos redimissem e nos ensinassem a fazer o que precisávamos fazer: ensinar.

Todavia, será que nós, professores, e somente nós, temos de fazer o Ensino dar certo. Qual Ensino? E como fazer isso? Não tenho respostas, mas com certeza sei o que não fazer.

Fui “formada” como “técnica de ensino” e como tal trabalhei por muitos anos e era muito confortável seguir as receitas pré-estabelecidas pelos especialistas em Educação até surgirem novas descobertas da Psicologia, da Sociologia, da Biologia, etc... Com isso, a Educação teve de, forçosamente, dar uma resposta a todas as questões sociais que iam surgindo e, no afã de criar soluções, repetia a mesma “receita”.

Estamos constatando a duras penas que essa nossa atitude de resistência (consciente ou inconsciente) não está mais dando suporte às exigências da sociedade, que clama de nós uma prática mais eficaz com suas crianças, pois afinal elas irão constituir a sociedade adulta daqui a alguns anos.

Quando voltei dos Estados Unidos, onde fiquei por oito anos, comecei a ler tudo o que encontrava sobre educação para me informar e me atualizar sobre as pesquisas mais recentes desenvolvidas no período em que estive fora. Fiz o curso de Psicopedagogia na PUC-SP e o de Terapia Familiar em uma abordagem relacional sistêmica. Frequentei a Associação Brasileira de Psicopedagogia até ser eleita, para a gestão 2002-2004, presidente nacional dessa instituição, onde trabalhei pelo direito de atuação e pela regulamentação da profissão de Psicopedagogo.

Na minha prática, unia os conhecimentos de Psicopedagogia com os da abordagem relacional sistêmica para trabalhar tanto com famílias quanto em formação de professores no curso de Licenciatura na Universidade Mackenzie, no qual lecionei por cinco anos.

Ao iniciar meus estudos naquela época sobre a interdisciplinaridade de uma maneira informal e autodidata, não tinha a menor idéia sobre onde tudo isso me levaria.

Hoje, após 10 anos de estudos sistemáticos e habitante do GEPI desde então, percebo que na realidade a interdisciplinaridade é um processo de vida e da vida e por isso mesmo anda por caminhos que ainda procuro descobrir. Para mim, esse é o fascínio que a interdisciplinaridade desperta. A cada passo dado, mil outras possibilidades surgem; essa é a riqueza com que ela brinda a todos aqueles que ousarem estudá-la.

No meu percurso de quase 40 anos de profissão, fui descobrindo outras possibilidades de ser uma profissional da educação. Após minha graduação em Pedagogia, fui morar nos Estados Unidos, onde freqüentei um curso de atualização em Psicologia da Mulher que me abriu um leque de possibilidades. Foi lá que entrei em contato, em 1983, pela primeira vez, com a Teoria Geral dos Sistemas.

Minha dissertação de mestrado em 2003 falava sobre o sentido da escuta educacional, já formatando, nas entrelinhas, um projeto de doutorado que desse sentido e continuidade à minha pesquisa inicial: lidar com o sofrido processo de evoluir. Na realidade, o processo de evolução não precisa ser necessariamente dolorido, mas obrigatoriamente vivido.

Em meu trabalho clínico e institucional, tanto como psicopedagoga quanto como terapeuta de família, sempre utilizo metáforas que, de certa forma, traduzem o que os fatos, sentimentos e emoções representam para os envolvidos.

Para a interdisciplinaridade também lanço mão da metáfora, e ela poderia ser meu copo de vinho em uma festa. Embora tomada somente em minha maturidade, ela embriaga, seduz, inebria e acompanha meu percurso de adulta. Ela embriaga

pela euforia da descoberta, seduz pela ousadia, inebria pela sensação do desvelamento, e é a companheira das possibilidades que fatalmente ela nos induz.

Paradoxalmente, a interdisciplinaridade devolveu-me tanto a jovialidade de ser como a responsabilidade do rigor que a maturidade interdisciplinar exige. Tal qual na infância, da euforia das primeiras descobertas à criação das metáforas, tudo e todos passaram a ter significados singulares no meu fazer como profissional, dando lugar distinto à pessoa que sou.

Para falar sobre esse tema no meu mestrado, tive de descobrir caminhos; para desvelar meus possíveis segredos, revelar-me como em um filme diapositivo guardado há muitas décadas em uma gaveta qualquer, e, como uma fotografia, expor-me. Rever-me nesse trabalho de mestrado foi uma questão fundamental para descobrir parte do meu projeto de vida e do significado de minha existência que foram se descortinando a cada desdobramento de minhas lembranças.

A interdisciplinaridade me autoriza a ousar. Ousar no sentido de explorar, sem medo do constrangimento de me expor não só como sujeito, mas também como objeto da própria pesquisa. Como consequência inevitável dos vãos interdisciplinares, liberto-me das últimas amarras que me prendiam profissional e academicamente.

Segui seus passos, Ivani, porém, como você mesma nos orientou, com meus próprios pés; tentei acompanhar seus pensamentos e eis-me aqui, após 10 anos de convivência, usufruindo da sua generosidade e da generosidade do grupo de amigos que me acolheram no GEPI.

As palavras, entretanto, não traduzem o que a alma quer dizer, apenas o dito se revela. O que quero dizer com isso é que, ousadamente, desejo desvelar o não dito, expor a palavra da alma, fazer a leitura silenciosa das entrelinhas, do não escrito, do subentendido, do "por dizer", do dizer sem ser dito: paradoxos da interdisciplinaridade.

Utilizei, então, para compor minha dissertação de mestrado, a partir de uma experiência pessoal, uma metáfora que pudesse dar significado para as palavras

sentidas e que não podem ser escritas, pois, se escritas, perdem seu significado, significado esse que só a alma entende.

Partindo de textos de Ivani Fazenda, Gaston Pineau, George Gusdorf, e muitos outros autores, fui construindo e constituindo neste trabalho uma história por meio de meu caminho como profissional da Educação, psicopedagoga e como terapeuta de família.

Ivani me deu a possibilidade metodológica por intermédio de seus anos de dedicação, estudo e pesquisa rigorosa e apurada, de sua sensibilidade, intuição e acolhimento. Ajudando-me a desenvolver a humildade, a espera vigiada, o olhar e a escuta interdisciplinares que me ajudaram a organizar e desenvolver meu trabalho de mestrado e agora o de doutorado.

Gaston Pineau ajudou-me a dar sentido ao sentido de minhas reflexões ao trabalhar com educação continuada de professores por meio da ecoformação, heteroformação e da autoformação que permearam e delimitaram meu trabalho com a formação de professores.

Gusdorf conduziu-me com amor e carinho na revisita que fiz à minha história, desde a infância até hoje.

Cada um destes autores, e outros que foram consultados, pela sua generosidade e diálogo, me auxiliaram a compor esta festa da vida.

Cada capítulo de minha dissertação iniciou-se com uma metáfora, como um jogo de quebra-cabeça infantil. Na inquietação sobre o saber, as peças são dispostas aleatoriamente na página para simbolizar os saberes que fui adquirindo ao longo da vida e que não se encaixavam porque faltava a consígnia que daria significado ao jogo. Fui, pouco a pouco, descobrindo e revelando a paisagem do que queria dizer.

“Se conhecemos as leis da mudança, podemos nos antecipar a elas e a liberdade de ação se tornará possível.”(I CHING)

Meu primeiro relato é uma vivência como psicopedagoga e terapeuta de família.

“A flor das flores é a flor da cerejeira; o samurai é o homem dos homens.” (Ditado japonês)

O segundo relato diz respeito à minha experiência com a formação de professores. Pontuo as implicações subjetivas, complexas e paradoxais que configuram o contexto da formação de professores relatando minhas experiências escolares.

Nesse momento, Gusdorf pegou minha mão e me conduziu a uma revisita à minha história escolar dizendo:

"Atrás da porta, começa uma existência nova num mundo novo, desconhecido e difícil. Nada é mais justificado do que a angústia infantil nesse instante solene em que, abolidas as antigas seguranças, tem início a aventura do conhecimento. A criança que entrou na escola, na manhã do primeiro dia de aula, não sairá mais."
(Gusdorf, 1997:28)

Foi ele quem deu o contorno da prática de como auxiliar as possíveis transformações no professor: como tentativa de compreensão e da relação entre essas duas atividades profissionais, contribuindo para desenvolver a escuta na e da Educação.

"A teoria serve apenas como preparação; o derradeiro desafio reside na prática." (Nikos Kasantzakis)

Conto os meus passos de professora no caminho do Arqueiro Zen, do Sacerdote e do Xamã, em busca do desvelar de um segredo, que se revela ao se trabalhar com a formação de professores, tendo em vista descrever o professor interdisciplinar e sua responsabilidade perante seu aluno e o comprometimento com o seu saber.

"Cada flecha é final e decisiva, assim como cada momento é o último." (Kushner, 1992)

Mais uma vez Gusdorf me diz:

"(...) ao longo de toda a vida, o homem conservará fielmente a lembrança de seus primeiros professores. Mesmo que sua experiência tenha se desenvolvido fora de qualquer preocupação de saber, não pode deixar de evocar, num reconhecimento retrospectivo, o rosto daqueles que foram para ele os primeiros sustentáculos da verdade, os guardiões da esperança humana".
(Gusdorf, 1987, p.3)

Ao descrever cada passo do meu caminho como aluna e professora, vou identificando cada professor neste percurso: o "Sacerdote", o "Xamã", e detenho-me no "Arqueiro Zen", quando, mais uma vez, Gusdorf diz:

"As espiritualidades orientais são suspeitas aos olhos do ocidental moderno, que se sente deslocado nesses climas longínquos e teme deixar-se cair na armadilha de um exotismo muito fácil... A verdade é que as sabedorias do Oriente foram particularmente atentas à relação mestre-discípulo... Na Índia, na China ou no Japão, a educação consiste, em primeiro lugar, na formação espiritual da personalidade sob controle de um mestre que era mais um diretor de consciência do que um professor. O mestre no Oriente deseja conduzir cada discípulo à mestria e não apenas muni-lo de uma certa quantidade de saber." (Gusdorf, 1987, p.45)

Penso em como seria a Educação se todos os professores tivessem acesso a este conhecimento. É sem dúvida um desafio.

A interdisciplinaridade tem a capacidade plástica da inclusão conforme Ivani sugere.

"Uma educação que abraça a interdisciplinaridade navega entre dois pólos: a imobilidade total e o caos. A percepção da importância do passado como gestor de novas épocas nos faz exercer paradoxalmente o imperativo de novas ordens, impelindo-nos à metamorfose de um saber mais livre, mais nosso, mais próprio e mais feliz, potencialmente propulsor de novos rumos e fatos. O processo interdisciplinar desempenha um papel decisivo no sentido de dar corpo ao sonho de fundar uma obra de educação à luz da sabedoria, da coragem e da humanidade." (Fazenda, 2001, p.34)

Foi o que fiz, em um trabalho de desconstrução dos saberes por tanto tempo construídos. Não descartei o velho, porém, transformei-o em novo por meio de um olhar e de uma escuta interdisciplinar.

Nesse momento, Ivani diz:

"O processo de pesquisar a interdisciplinaridade demandou uma formação especial na forma de pesquisar, que é a marca de todo esse trabalho, a formação para a escuta sensível - escuta aos seus achados ainda não revelados (nem muitas vezes a si mesmos), escuta paciente e sensível, a melhor forma de retratar

e analisar esses achados, escuta sensível à forma de socializá-los e divulgá-los." (Fazenda, 2001, p.54)

Penso que para a desconstrução de algo precisamos ter alguma coisa construída. Ela não se ocupa do novo, mas do velho, do familiar. É um repensar o cotidiano que, de tão familiar, torna-se quase invisível, descobrindo, nessa familiaridade, certas qualidades cruciais que parecem absolutamente inesperadas e imprevisíveis e que, de alguma maneira, desviam ou comprometem a própria cena em que se encontram.

Esse sentido do não familiar dentro do familiar é, certamente, o sentido do inquietamente estranho, o sentido de que, dentro do espaço do familiar, do caseiro ou da casa, emerge algo perturbador.

Acredito que, para que ocorra uma real transformação no modo de pensar e agir do professor, precisamos dar um significado às suas ações e com isso ele alterará sua visão de mundo, de pessoa, e da sua comunidade.

Mais importante do que ensinar novos métodos, técnicas e estratégias de ensino, a grande questão é encontrar caminhos que possibilitem ao professor a revisão de sua atuação, a descoberta de alternativas possíveis de ação na sua prática em sala de aula. Mudanças efetivas só serão possíveis se o professor for orientado em como utilizar sua capacidade de mediação, integração e sintetização das várias áreas do seu conhecimento junto da equipe escolar.

Ponto e explicito neste momento ao leitor que percebo o meu momento de construção e de desconstrução, processo fundamental para o crescimento, amadurecimento e evolução espiritual. Sem esse processo, acredito ser muito difícil conseguir um relativo sucesso com a proposta de um projeto para uma educação para a paz.

Com essa postura, surge a possibilidade de responder a algumas das perguntas fundamentais deste trabalho: como conduzir nossos alunos e toda a nossa comunidade escolar a descobrirem o sentido do sentido para a educação para a paz?

A descrição deste percurso no meu trabalho de mestrado é importante para contextualizar o passo seguinte para o trabalho de doutorado que apresentarei.

Olhando a escola como um sistema vivo, em constante processo de troca de experiências entre seus elementos e que exerce influência e é influenciada por todos, temos uma visão de sua complexidade.

Dentro dessa visão dinâmica da escola, percebemos a profunda relação entre seus elementos, formando uma teia de trocas de informações, atitudes e conhecimentos. Experiências que vão, nesses encontros, transformando as pessoas por meio de um processo complexo e intrincado de se relacionar no mundo e com o mundo.

Olhar a escola por meio do prisma transformador é ver suas múltiplas facetas, como se usássemos um caleidoscópio, sabendo que, ao mesmo tempo, estamos dentro e fora do processo de transformação que queremos observar e modificar. Portanto, enquanto transformamos os outros, também estamos nos transformando.

Nesse processo devemos intervir sabendo que também estamos sofrendo intervenções por meio das inter-relações que estabelecemos com os outros e ainda por meio de uma intra-relação, ou seja, nossa relação com nós mesmos.

Como pretexto de conclusão no meu mestrado, busquei tecer um entrelaçamento de pensamentos entre autores que generosamente me autorizaram a criar novamente minha trajetória, mais feliz e mais significativa.

Percorrer as profundezas de mim mesma foi e continua sendo uma tarefa árdua, mas sem esse exercício não poderei chegar onde pretendo: conhecer-me a mim mesma.

Descobri, ao longo de minha vida, que conhecer a própria história requer uma ligação íntima e profunda com a vida e, se julgamos que não temos história, é porque não prestamos a atenção devida à nossa própria vida. Não fomos ensinados a pensar sobre ela, como se a vida que vivemos não fosse nossa. Assistimos a nossa própria história como se fosse um filme, uma história de outro personagem da qual participamos como passivos observadores.

Relembrando tudo que vivi, recolhi com carinho as amizades semeadas em tantos anos, guardei meus desejos e minhas esperanças, limpei minhas metas, mantive lembranças de minha infância e de minha juventude depositadas na cabeceira de minha cama, para vê-las todos os dias ao me levantar e recordar minha capacidade de amar e de recomeçar, reinaugurando minha vida a cada dia.

Reinauguração

*Entre o gasto dezembro e o florido janeiro,
entre a desmistificação e a expectativa,
tornamos a acreditar, a ser bons meninos,
e como bons meninos reclamamos
a graça dos presentes coloridos.*

*Nossa idade - velho ou moço - pouco importa.
Importa é nos sentirmos vivos
e alvoroçados mais uma vez, e revestidos de beleza,
a exata beleza que vem dos gestos espontâneos
e do profundo instinto de subsistir
enquanto as coisas ao redor se derretem e somem
como nuvens errantes no universo estável.*

*Prosseguimos. Reinauguramos. Abrimos os olhos gulosos
a um sol diferente que nos acorda para os descobrimentos.
Esta é a magia do tempo.
Esta é a colheita particular
que se exprime no cálido abraço e no beijo comungante,
no acreditar na vida e na doação de vivê-la
em perpétua procura e perpétua criação.
E já não somos apenas finitos e sós.*

*Somos uma fraternidade, um território, um país
que começa outra vez no canto do galo de 1º de janeiro
e desenvolve na luz o seu frágil projeto de felicidade.*

Carlos Drummond de Andrade

Só depois de 40 anos de trabalho com a educação e deste percurso acadêmico e existencial é que me senti apta para fazer meu doutorado e escrever sobre um tema que me acompanha desde sempre: a Paz.

Em 2005, fui contratada pelo mantenedor de uma instituição de ensino, que havia lido minha dissertação de mestrado e que compartilhava comigo dos ideais de educação, para ser diretora de uma escola que tinha por missão contribuir para a formação de indivíduos com visão multicultural, capazes de participar de transformações sociais, visando a promover uma vida mais humana, justa, harmoniosa e repleta de oportunidades, para desenvolver o talento de todos.

E é assim que começo este meu trabalho, resultado da reflexão crítica sobre o valor que muitos conceitos foram tomando para mim, graças ao amadurecimento intelectual e de experiências vivenciais. E a idéia de desenvolver um projeto que desse sentido, significado e promovesse meu crescimento pessoal, emocional e espiritual é que me conduziu a organizar este trabalho voltado para a paz.

A educação para a paz decorre de uma nova visão de mundo. Por ser um campo de atuação interdisciplinar, sua tarefa é a de inventar uma nova linguagem para a nossa relação com o Outro. Cabe a ela o destino de implantar, implementar, divulgar e exercitar, de uma forma consistente, esse novo olhar para a Educação, a fim de que ela seja realmente transformadora e, transformada, dê um salto de qualidade no processo de ensino e aprendizagem, não só do ponto de vista formal da Educação, mas também do ponto de vista social e cultural.

Este trabalho pretende mostrar, por meio de uma pesquisa acurada, alguns dos fundamentos que norteiam a Cultura de Paz levando-nos a concluir que, se partirmos de uma prática Interdisciplinar na escola, poderemos ter sucesso na formalização dessa cultura.

Para isso, pretendo esclarecer alguns pontos importantes que definem a Interdisciplinaridade como mais um novo conceito para a educação das gerações vindouras. Na realidade, a interdisciplinaridade, dentro da temática da Cultura da Paz, é o reflexo da mudança de paradigma científico que começamos a vislumbrar.

Como objetivo, pontuarei a possibilidade de implantar um projeto político-pedagógico, amalgamando o Projeto Millenium e Os Quatro Pilares para a Educação, contido no Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, com a Cultura da Paz; isso apenas será possível por intermédio da interdisciplinaridade nas escolas.

Para dar embasamento teórico e definir uma linha de pensamento, este trabalho está consubstanciado nas visões ecológica, sistêmica e crítica. A interdisciplinaridade surge como uma metodologia de trabalho e não apenas como recurso pedagógico para implantar e implementar os princípios estabelecidos pela ONU, para a Cultura da Paz. A interdisciplinaridade – colocando em evidência alguns dos pontos fundamentais para a Educação do início deste século, ou seja, a mudança do modelo científico clássico para um novo paradigma que, embora já despontado, ainda não se mostra totalmente socializado – pontua diretrizes para uma prática pedagógica mais eficaz, enquanto meio de enfrentar os desafios da contemporaneidade.

Minha hipótese de trabalho é que, pela temática da Cultura da Paz, o novo modelo científico-filosófico-pedagógico seja introduzido, produzindo com isso uma mudança de visão de mundo.

Na realidade é um círculo virtuoso: o novo modelo científico (sistêmico, crítico, ecológico e complexo) altera os conceitos pedagógicos (partindo da disciplinaridade para a interdisciplinaridade) e estes influenciam a nova concepção de convivência com os outros e consigo mesmo (com base nos quatro pilares e nos 15 desafios globais), que por sua vez socializará a nova concepção de ciência; e será essa concepção que influenciará a educação para as futuras gerações, em virtude das necessidades de sustentabilidade do planeta.

Para isso pontuarei:

- A importância da prática e da metodologia da interdisciplinaridade, que infelizmente sofre um processo de vulgarização quando se pretende socializá-la e divulgá-la.
- A Cultura de Paz, por ser um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilo de vida baseados no respeito à vida, no fim da violência e na promoção e prática da não-violência por meio da educação, do diálogo e da cooperação, por expressar um passo à frente na evolução da humanidade, momento em que a Educação deve assumir sua responsabilidade, desfraldando e conduzindo essa bandeira.
- A visão de consciência grupal, por ser um dos pré-requisitos para alcançarmos nossos objetivos para a paz das gerações vindouras e para a colaboração mútua como fator preponderante para isso.
- A importância da inclusão nos projetos pedagógicos escolares dos 15 desafios globais, como forma de conscientização dos jovens para as questões do planeta.
- Os Quatro Pilares da Educação para o século XXI, como proposta de formação e formalização dos propósitos interdisciplinares para a Educação para a Paz

No último capítulo, estabelecerei as dificuldades encontradas na implantação deste projeto numa dimensão prática, suas implicações e a relação de negociação com a Direção, com os professores e os coordenadores, assim como com assessores, pais e estudantes em uma instituição de ensino singular.

Apresentarei o projeto que sonhava ser implantado e que na realidade em parte o foi, por ter sido abortado com minha saída da instituição em questão.

Finalmente, mostrarei minhas conclusões sobre todo o trabalho, com algumas considerações para uma efetiva Educação para a Paz.

I – Educação para a Paz

"Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim."

Chico Xavier

Em 10 de novembro de 1998, quando a Assembléia Geral das Nações Unidas proclamou a primeira década do século XXI (de 2001 a 2010) como o Decênio Internacional da Promoção de uma Cultura da Não-Violência e da Paz em Prol das Crianças do Mundo², ela sabia que não seria fácil. Estamos no final de 2007, faltando praticamente apenas dois anos para completarmos os dez anos colocados como meta; muito foi feito, mas estamos apenas no começo do caminho.

A maioria dos adeptos da não-violência fez esta opção por aspectos religiosos, éticos ou, ainda, como estratégia. Nos dois primeiros casos, ela é utilizada como um princípio de integridade e respeito à condição humana. No último caso, trata-se tão-somente de uma questão circunstancial, em que se faz útil essa prática. No entanto, em um mesmo movimento de não-violência, podemos encontrar esses três aspectos co-existindo.

No mundo atual, a não-violência vem sendo amplamente utilizada em movimentos pelo trabalho, pela paz, pelo ambiente e pelos direitos das mulheres. No entanto, uma outra maneira de utilizar a tática de não-violência é com o intuito de direcionar a opinião pública (principalmente a internacional) contra regimes políticos extremamente repressivos, expondo ao mundo os excessos cometidos contra manifestações de cunho pacífico. Teoricamente, isso faria a comunidade internacional passar a pressionar os dirigentes desses regimes opressivos.

Estudiosos da **não-violência** sugerem que a completa ausência de estudos sobre o tema no meio acadêmico pode ser, de modo geral, o reflexo de que as técnicas que visam às conquistas sociais não são do interesse da elite. Esta acredita

² International Decade for the Promotion of a Culture of Peace in a Non-Violence for de Children of World.

muito mais nos armamentos e no poder do dinheiro do que na capacidade de mobilização organizada de uma comunidade.

O uso da não-violência em uma luta social é algo radicalmente diferente das idéias convencionais sobre conflitos; mesmo assim, pertencem à não-violência uma série de conhecimentos que fazem parte do senso comum de uma sociedade, pois o poder daqueles que dirigem uma nação depende da aderência e consentimento dos cidadãos comuns. Sem uma burocracia, um exército ou uma força policial para pôr em prática os objetivos estipulados pela classe dominante, as leis perdem força quando não encontram respaldo no cidadão comum.

A não-violência nos ensina que o poder depende da cooperação de outros tantos. Dessa forma, a não-violência faz desmoronar o poder dos dirigentes quando consegue extinguir grande parte dessa cooperação.

Um outro conceito que faz parte do senso comum é o de que somente por intermédio de um **meio justo** conseguiremos alcançar um **fim justo**. Assim, aqueles que propõem a não-violência explicam que as ações tomadas no presente inevitavelmente irão repercutir na forma como a sociedade se organizará no futuro. Eles argumentam que seria irracional conceber uma sociedade pacífica por meio do uso da violência.

Alguns divulgadores da não-violência defendem que devemos respeitar e amar os nossos oponentes. Esse é o princípio que mais se aproxima das justificativas religiosas e espirituais para a não-violência, como pode ser visto no Sermão da Montanha, quando Jesus Cristo clama aos seus seguidores "amai vossos inimigos", ou no conceito Taoísta do *wu-wei*, ou na filosofia da arte marcial *aikidô*, ou no conceito budista de *metta* (amor fraterno entre todos os seres vivos) e no princípio de *ahimsa* (não-violência entre todos os seres vivos), que também está presente no hinduísmo.

Comumente escuta-se que "os fins justificam os meios", uma alusão de que "certos" fins podem, ou devem, ser alcançados por meio de métodos não convencionais, ou antiéticos, ou violentos. Tal argumento é utilizado com freqüência em uma tentativa de minimizar os meios violentos usados na guerra, leis severas e

repressões impostas a grupos sociais ou religiosos ou étnicos, ou ainda, mas em crescente desuso, justificar sistemas e métodos educacionais rigorosos e punitivos.

A não-violência entende que o fim é um resultado do meio, em um ciclo de causas e efeitos que se correlacionam e se estendem em uma espiral evolutiva. Dessa forma, a paz não pode ser obtida por métodos violentos e repressivos. Uma "paz" que se pretende obter através da opressão, cessa assim que os instrumentos de repressão deixem de ser utilizados. Um **estado real de paz** só se mantém, portanto, quando ela se estende a todos os indivíduos de uma sociedade.

A releitura de "o fim justifica os meios" em uma percepção da não-violência seria: **os meios justificam o fim**, ou seja, **o fim é o resultado dos meios**.

Como pessoa que se interessa pelo estudo da alma humana, seus dilemas e conflitos, muitas vezes me senti constrangida em revelar minhas percepções e intuições com relação ao mundo e às pessoas, buscando com isso uma linguagem mais objetiva de pesquisa, o que empobrecia qualquer sentido que quisesse dar ao fato observado.

Tenho a convicção de que, sem uma mudança nos modelos atuais de conduta, de concepção de mundo e de pessoas, não conseguiremos auxiliar a humanidade, e nós mesmos, a conquistar a paz tão almejada. É por essa razão que agora faço uma breve reflexão sobre isso.

Certa vez, li em uma revista popular uma frase de William Blake que dizia: "*O tolo não vê a mesma árvore que o sábio*". Embora possamos entender com facilidade essa frase e até mesmo concordar com ela, do ponto de vista científico, essa afirmação não é tão evidente e óbvia, pois seus dizeres colocam em xeque a objetividade da ciência moderna, assim como os saberes do cientista que devem aparecer como "verdades" em suas pesquisas. Isso tudo me fez refletir sobre a minha experiência de vida e o que isso teria a ver com a Educação para a Paz.

Sinto que os estudos científicos em relação ao ser humano estão repletos de relatos que apresentam visões estreitas, reducionistas, sem saída e, até mesmo, miseráveis do ser humano.

Suas experiências são limitadas a condicionamentos; a psique humana reduzida aos seus conteúdos reprimidos; suas relações pessoais e sociais restritas às lutas de classe e aos conflitos vinculados com o poder; o sexo é sempre evocado quando se fala de prazer e amor; as experiências ligadas à religiosidade e à transcendência sempre são mal compreendidas e, com frequência, vinculadas a baixos níveis intelectuais e cognitivos. (Bertolucci, 1991)

Felizmente, começa a existir entre nós, graças a uma nova concepção de ciência que desponta, uma atitude positiva para sairmos da atual crise científica. Mas mantemos ainda haja muito preconceito quando resolvemos estudar a condição humana, devido ao apego que temos pelo nosso “objeto de estudo”, ou talvez pelo medo de sermos excluídos dos meios acadêmicos, ou, o que é pior, pela insegurança de estar percorrendo caminhos pouco explorados que, sabemos, poderão abalar o frágil castelo de algumas crenças e valores de pseudo-saberes sobre a natureza da realidade da vida e do ser.

Logicamente, a Ciência não é apenas mito, crenças e preconceitos, mas sabemos que, quanto mais materialista for o enfoque científico, mais ele tem de utilizar pressupostos idealistas, transformando a natureza humana em “coisa”, em algo exterior a ela mesma, tornando-a estranha à sua própria força criativa, convertendo o ser humano em um ser apático, condicionado, inconsciente, impotente e irresponsável por si e pelos seus atos.

“A sociedade do conhecimento existiu e existirá em cada período da história da humanidade. Nos diversos períodos da história, os sistemas de conhecimento e os fatos sociais por eles gerados têm influenciado a estrutura e a organização da sociedade, nomeada a partir das suas diferentes características (...). O Mito da Sociedade do Conhecimento narra a viagem da humanidade ao longo dos tempos e seu significado fundamental não é demonstrado pela seqüência linear dos acontecimentos, porque o mito está ligado a muitos outros mitos mais próximos ou mais distantes – o mito sociedade e o mito informação, ou o mito velocidade e o mito rede, ou o mito desenvolvimento e o mito progresso, ou o mito conhecimento e o mito consciência – narra fundamentalmente os processos de geração do conhecimento no ciclo da história.” (Hoyos Guevara e Dib, 2007; p.252.)

Como vimos, o conhecimento se expressa de várias formas e dispomos de uma vasta literatura a seu respeito. A Psicologia e a Antropologia, por exemplo,

estudam o pensamento mágico, mítico, o desenvolvimento do saber sensório-motor, o raciocínio lógico-formal, a aprendizagem de conceitos, de relações, a construção de modelos, teorias e conhecimentos por meio da indução, da dedução, da descrição; a Arte nos fornece a possibilidade de conhecimento por analogia, reprodução da natureza, criatividade, imaginação; a Filosofia volta-se ao conhecimento de vários aspectos da existência humana, procurando explorar a dimensão mais profunda do ser humano, dando ênfase à consciência, desvelando de várias maneiras a possibilidade deste universo.

Porém, atualmente, cada uma dessas formas é confinada e isolada, compartimentada e rigorosamente separada das outras, criando um imenso abismo difícil de transpor. Separamos então a Ciência da Religião; analisamos o ser humano, diferenciando o sentimento da razão, de uma maneira arbitrária, sem considerarmos as possibilidades da consciência humana em toda a sua complexidade. Usamos a razão para manipular o ambiente do ser humano, sobrepondo a quantidade à qualidade. As outras formas, diferentes da racionalização, são consideradas inferiores, como se o universo em que são estudadas fosse “menos real”, e esses preconceitos nos conduzem a uma redução perigosa, em que “realidade” torna-se sinônimo de “materialidade”.

Existe, porém, um outro ponto pouco explorado e obscuro por ser ainda incompreendido, marginalizado do conhecimento como experiência direta da realidade, que não sofre nenhum tipo (aparente ou desconhecido) de mediação. É o território em que se desenvolvem a percepção, em seu estado mais sutil, a atenção e a intuição decorrentes da atitude interdisciplinar frente à vida.

“Na Sociedade da Consciência funcionará uma nova estrutura e dinâmica social. No atual estágio da Sociedade do Conhecimento, os agentes sociais locais recriam as relações sociais com base em sistemas de conhecimento complexos e mais abrangentes. As organizações deverão utilizar cada vez mais Tecnologias de Conhecimento (TC) na formação de Redes de Aprendizagem, as quais levam a sociedade a um estágio mais avançado na espiral evolutiva da vida, que, acreditamos, será a Sociedade da Consciência (tempo futuro). Na Sociedade da Consciência, os sistemas de conhecimento que serão empregados nas organizações estarão cada vez mais vinculados à natureza social local com base em experiências globais, a caminho da integração natureza-homem-tecnologia-

de-conhecimento, surgindo tecnologias sociais. As Tecnologias de Conhecimento farão emergir uma forma de ser, pensar e sentir que recolocará cada homem como elemento ativo da comunidade e delineará uma nova ordem de existência que integre a organização social por meio de redes, tendo em vista a importância do comportamento de cada homem (neurônio) no vasto sistema neural para a formação de um cérebro global planetário estrutural e mentalmente sadio.” (Hoyos Guevara e Dib, 2007; p. 256.)

Como vimos acima, a proposta é ousada, mas perfeitamente plausível, desde que tenhamos a possibilidade de desenvolver e socializar essas idéias por meio de uma política de educação para a paz.

Atualmente, muito se fala sobre a "transformação da consciência", e isso vem nos preocupando, pois o reducionismo e o materialismo do modo de pensar vulgarizam esse conceito.

Acredito que a "transformação da consciência" precisa ser mais bem estudada, para que a prática desse conhecimento se torne possível, gerando uma avaliação de todos os valores, atos, padrões de relação humana, maneiras de sentir e perceber, de modo a direcionar a construção de uma Ciência que nos permita distinguir as várias formas, fases ou níveis de consciência.

“A evolução da Sociedade do Conhecimento estará intimamente relacionada ao autoconhecimento. No paradigma social do Mito Sociedade do Conhecimento, o conhecimento distribuído ganha um sentido forte de construção social, tendo como base o aprender a conviver e o aprender a ser, desenvolvendo-se habilidades, atitudes e competências individuais para o trabalho, o estudo e a vida em grupo e comunidades, por meio do desenvolvimento do autoconhecimento para se chegar à auto-realização. O desenvolvimento dessas capacidades levará ao surgimento de sociedades mais justas, cujos participantes serão motivados, participativos e colaborativos.” (Hoyos Guevara e Dib, 2007; p.254.)

Enquanto isso não acontece, ficamos no eterno "círculo vicioso" de que nos fala Pineau (2000), ou seja, em um beco sem saída, criando fórmulas e formas que não se articulam entre si, reproduzindo a maneira linear de pensar e desprezando a riqueza da complexidade humana.

Observamos que há um desequilíbrio na maneira de o ser humano conhecer e conceber o mundo, é a forma manipuladora de agir que o transforma um ser frágil, vivendo em um mundo perigoso, perverso e cruel.

Esse mundo dividido entre racionais, normais, capazes e lógicos, de um lado e, de outro, irracionais, loucos, excêntricos e incapazes, que são excluídos do "sistema", é uma manifestação da mentalidade cartesiana, que elegeu alguns pressupostos como base da vida.

"A totalidade como categoria de reflexão foi tema por excelência de um dos principais precursores do movimento em prol da Interdisciplinaridade: Georges Gusdorf." (Fazenda; 2001 (b): 19).

É preciso recuperar a perspectiva de totalidade sobre o fenômeno psíquico e sobre o ser humano, que também é social, e dar continuidade ao conhecimento da natureza da consciência humana para além do pensamento lógico-formal. Para isso, precisamos recuperar o sentido das experiências humanas em todas as suas manifestações e níveis, considerar o sentido do sagrado que há nos segredos que envolvem cada vida, cada família, cada sociedade, e assim poder ajudar o ser humano a resolver seus dilemas e confrontos pessoais, sociais, afetivos e emocionais. Essa procura de elucidar tais dúvidas nasceu, certamente, nos estudos e nas práticas interdisciplinares.

"O desenvolvimento desta consciência do sagrado do homem é aquele ponto ômega³ referido por Chardin (...)." (Espírito Santo, 2001; p. 107)

Olhar-se é poder rever-se em um processo profundo de reflexão sobre si mesmo. Mas é preciso olhar-se de uma forma prazerosa, feliz pela descoberta e pelo desvelamento de partes de si mesmo, permitindo a abertura de aspectos ainda não revelados.

Espírito Santo faz a seguinte observação:

³ **Ponto Ômega** é o termo criado por Pierre Teilhard de Chardin para descrever o último e máximo nível da consciência humana. De acordo com Chardin e o cientista Vladimir Vernadsky, o planeta Terra está em um processo de transformação contínua, indo da biosfera para a noosfera.

“Assim é que a ciência, reportando a Chardin, ‘após percorrer longamente o caminho da análise chega finalmente à luminosa síntese’, e nos situa diante não só da beleza fantástica da Vida em seus aspectos microscópicos, como também diante da magia do big-bang e da harmonia entre o macro e o microuniverso que se desvela diante de nós.” (2006:64)

Nesse sentido, experimentamos uma sensação de tolhimento ao observar as ordens impostas pelas disciplinas. O processo de metamorfose pelo qual passamos ao entrar no campo inter é lento e exige de nós uma atitude de espera vigiada, para que possamos acostumar nosso olhar e nossa escuta ao novo campo de atuação, e isso é próprio de uma atitude interdisciplinar. (Fazenda, 2001)

Observando a realidade educacional brasileira, percebe-se que o sistema escolar não conseguiu uma política clara e segura de intervenção para tornar a escola capaz de ensinar as crianças e contribuir para a superação de problemas, como o baixo rendimento e a evasão escolar. Para isso, seria necessário que os educadores adquirissem conhecimentos que lhes possibilitassem compreender a própria vida e sua prática profissional, além de dispor de meios necessários para promover o sucesso tanto de seus educandos quanto da própria vida.

Acredito essa aquisição de conhecimentos deve ser conquistada para que seja dado mais um passo rumo a uma real formalização de Educação consubstanciada na Paz.

• O QUE É PAZ

A paz tem vários sentidos: o que entendemos por paz?

Seguem algumas considerações sobre o vocábulo paz apresentados no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*:

paz – **1.** relação entre pessoas que não estão em conflito; acordo concórdia (...) **2.** relação tranqüila entre cidadãos; ausência de problemas, de violência (...) **3.** situação da uma nação ou estado que não está em guerra; relação dos países que desfrutam dessa situação(...). **4.** cessação total de hostilidade entre estados mediante celebração de tratado; armistício. **5.** estado de espírito de uma pessoa que não é perturbada por conflitos ou inquietações; calma,

quietude, tranqüilidade (...) **6.** estado característico de um lugar ou de um momento em que não há barulho e/ou agitação; calma, sossego. **p.podre** tranqüilidade resultante da falta de ação, da indiferença ou da estagnação. **P. Pública** jur. Estado de tranqüilidade e harmonia de uma coletividade assegurada pela ordem jurídica; paz social. **Jogar à p.** Lud. Jogar numa só parada (lance) tudo o que se ganhou do parceiro para que este tenha oportunidade de recuperar o perdido e ficar em paz. **Ser de boa paz** ter temperamento tranqüilo, pacífico. ETM. Lat. *Pax, pacis* 'paz, estado de paz, tratado de paz (...) (Houaiss, p.2158)

Agora, seguem idéias relacionadas à paz em contextos mais amplos, sociais ou políticos.

Paz é geralmente definida como um estado de calma ou tranqüilidade, uma ausência de perturbações ou agitação. Derivada do latim *pax = absentia belli*, pode referir-se à ausência de violência ou guerra. Nesse sentido, a paz entre nações, e dentro delas, é o objetivo perseguido por muitas organizações, sobretudo pela ONU.

No plano pessoal, *paz* designa um estado de espírito isento de ira, ou desconfiança, enfim, de todos os sentimentos negativos. Assim, ela é desejada por cada pessoa para si próprio e, eventualmente, para os outros, a ponto de se ter tornado uma freqüente saudação (*que a paz esteja contigo*) e um objetivo de vida. A paz é mundialmente representada pelo pombo.

Paz Eterna - conceito elaborado pelo filósofo Immanuel Kant, inspirado nos ideais da Revolução Francesa. Designa um estado de paz mundial, obtido por meio de uma "república" única, capaz de representar as aspirações naturalmente pacíficas de todos os povos e indivíduos. Como o próprio filósofo esclarece, o termo é derivado de uma piada, em que a inscrição "Paz Eterna" é usada como legenda na ilustração de um túmulo.

Paz pela Lei - lema da Organização do Tratado do Atlântico Norte,. Tem sua origem também no pensamento de Kant e sugere que a paz em assuntos internacionais deva ser obtida por meio de legislação capaz de regulamentar as relações diplomáticas, os conflitos de interesse etc.

Paz pela força – é estabelecida quando um indivíduo, instituição ou Estado é fortalecido de tal forma a desestimular toda tentativa de subversão do *status quo*. Em inglês original, *peace through strength*.

Paz do terror - ocorre quando há uma situação em que as nações podem destruir-se umas às outras por meio do uso de artefatos bélicos absurdamente poderosos (bombas atômicas, por exemplo). A posse sobre tais arsenais naturalmente desestimula as agressões mútuas. Tal conceito é sugerido pelo estudioso Raymond Aron em seu livro "Peace and War Among Nations".

Paz social - aplicação sociológica do conceito primário de paz; pode ser entendida como convivência harmoniosa entre diferentes segmentos de uma comunidade.⁴

O pensamento sobre a paz nos remete à não-violência, termo comumente associado à luta pela independência da Índia, liderada por Mahatma Gandhi, e à luta pelos direitos civis dos americanos de origem africana liderada por Martin Luther King.

A não-violência, por sua vez, remete-nos a uma série de conceitos envolvendo moralidade, poder e conflitos que rejeitam completamente o uso da violência nos esforços para a conquista de objetivos sociais e políticos. Geralmente usado como sinônimo para pacifismo, a partir do meio do século XX o termo não-violência passou a ser aplicado também para designar tanto conflitos sociais que não utilizavam a violência, como movimentos políticos e filosóficos que orientam-se também por esses valores.

Mais ainda, o desenvolvimento humano implica a expansão de uma cultura do ser, não apenas de uma cultura do ter.

Enquanto não nos conscientizarmos de que podemos conciliar a cultura do ser com a cultura do ter, não conseguiremos chegar aonde desejamos: à (re)união do ser com a Natureza. Isso não que dizer que deixemos de lado nossos desejos de ter do ponto de vista de consumo, mas que precisamos fazer uma reflexão, para que

⁴ Os vários conceitos de paz foram obtidos no site <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura_de_paz>.

haja conciliação entre o desejo de ter e a necessidade de ser. Um não exclui o outro, pelo contrário, um pode e deve ajudar o outro no seu crescimento, porém com bom senso e moderação, sabendo fazer boas escolhas. O uso da consciência nos dará condições para ponderar nossos desejos com nossas necessidades reais de sobrevivência.

Com base nessa consciência, podemos vislumbrar o destino da educação: ter um papel fascinante e complexo no desenvolvimento da humanidade e voltar-se aos mais nobres objetivos de nossa existência, ou seja, nossa evolução. Não devemos apenas qualificar a geração futura para o mercado de trabalho, reverenciando valores passados, mas podemos conduzir essa nova geração futura a escolhas mais assertivas, desenvolvendo atitudes reflexivas sobre o que a sociedade nos oferece e o que de fato precisamos para alcançar ou o que realmente queremos.

Lembro-me neste momento da discussão da Unesco sobre os quatro pilares da educação, por achar que essa é a melhor maneira de apresentar uma possibilidade para solução da crise de desenvolvimento por que passa a humanidade.

Essa divisão feita em quatro itens, de forma didática, refletida e pensada pelos maiores educadores da atualidade, liderados por Jacques Delors – aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver juntos – nos convida, nos convoca primeiramente a uma tomada de decisão com relação a nossos valores e, a seguir, a uma profunda reflexão sobre nossa prática educativa.

- **Os novos movimentos da paz**

Nessa mudança de século, chama à atenção mudanças que ocorrem nos modelos de movimentos para a paz. Até o fim da guerra fria, os movimentos pacifistas lutavam contra as políticas militaristas dos governos, os mísseis balísticos, as bombas de nêutrons, etc. Agora, os movimentos para a paz caracterizam-se pela gama cada vez mais diversificada de suas áreas de intervenção: a implementação

dos direitos humanos, da democracia, da justiça social, da proteção do ambiente, da solidariedade internacional, da igualdade dentro das nações e entre elas.

Nesse contexto, é preciso haver uma reflexão sobre a não-violência, cujas raízes surgiram do crescimento e aprimoramento da violência na história da humanidade.

O conceito de não-violência, centro dos nossos debates, está intimamente ligado à coragem, ao amor à liberdade e ao domínio de si mesmo, posturas opostas a uma atitude estática. A não-violência implica uma posição criadora e atuante que pode acelerar a dinâmica social, favorecer a justiça e a democracia.

As sociedades contemporâneas necessitam posições como essas para se libertarem do império de todas as formas de violência – política, econômica, cultural e sexual – que privam homens e mulheres do seu direito à palavra, quando não à vida. Por meio da não-violência desenvolve-se com menos desgaste um debate democrático entre cidadãos que buscam um destino comum.

Para melhor compreender os desafios éticos e políticos da não-violência, é necessário ter presente a sua história e as várias figuras que a encarnaram em diferentes culturas ao longo dos últimos trinta séculos: de Lao-tsé a Madre Teresa, passando por Sócrates e Gandhi.

Deve-se sair da fase do espelho, na qual o homem infantilmente só se contempla a si próprio, para o gosto de olhar o rosto do outro. Essa forma de ver e sentir supõe que se aceite que a imagem real da nossa época é a da descoberta da face do outro⁵.

Tanto a construção da paz quanto seu conceito são redefinidos a partir da prevenção dos conflitos. Paz não é só a ausência de guerra. Cada vez mais a paz é vista como um processo dinâmico que estrutura as nossas vidas, processo participativo a longo prazo, baseado em valores universais e praticado quotidianamente na família, na escola, na comunidade local, na nação.

⁵ **Alves**, Francisco Sales. Os Pensadores e a Educação como caminho: Uma proposta para uma Cultura da Paz. Mestre pela PUC-Campinas. Centro de Filosofia Educação para o Pensar: Artigos. Assessoria Filosófico-pedagógica. Disponível em: < <http://www.centro-filos.org.br/professores/?action=artigos&codigo=29>>. Acesso em 22 fev. 2008.

Nos centros mundiais – universidade e institutos da paz – onde estão sendo redefinidas as estratégias internacionais para a paz, não se pensa apenas na reconstrução após as guerras. São examinadas atentamente a transformação dos conflitos e as possibilidades de sua prevenção, criando a partir delas processos de cooperação antes que degenerem em guerra e destruição. A chave está na educação para a não-violência.

A não-violência ativa também se aprende, e essa aprendizagem parte de práticas pedagógicas, tais como: a escuta ativa; o diálogo; a mediação e a cooperação. Ao entrarmos no novo século, podemos dizer que a segunda “literacia” está no “aprender a viver em conjunto” e que essa atitude se tornou tão importante como o era na primeira literacia o “ler, escrever e contar”.⁶

A busca da paz supõe também, como vimos, o recurso às ciências humanas e por isso a Unesco reuniu em 1986 um conjunto de biólogos em Sevilha que fizeram no termo dos seus trabalhos a seguinte declaração: “A biologia não condena a humanidade à guerra. A mesma espécie que inventou a guerra é capaz de inventar a paz. A responsabilidade é de cada um de nós”.

Cada vez mais homens e mulheres no mundo se convencem de que a cultura da paz é da responsabilidade de cada cidadão. Por isso, o Manifesto 2000⁷ procura induzir a idéia de que é o indivíduo, mais do que o Estado, o responsável, o ator central na criação de um mundo de paz.

A cultura para a paz está se transformando em um movimento global – movimento de movimentos – no qual cada um, trabalhando para os direitos humanos, praticando a não-violência, a democracia, a justiça social, o desenvolvimento sustentado e a igualdade entre os seres humanos, sente-se unido, em uma grande aliança, a favor de uma transformação social.

⁶ Texto elaborado a partir de **França**, Luís de. *Uma cultura para a paz* - um programa. Ista. Convento e Centro Cultural Dominicano. Rua João de Freitas Branco, 12 – 1500-359. Lisboa. CONTACTO: <jam@triplov.com>

⁷ Ler na íntegra o Manifesto 2000, em anexo.

- **Projeto Millenium**

Não entendo a Cultura da Paz na escola sem a presença do Projeto Millenium; acredito inclusive que o Projeto da Paz na escola ficaria incompleto e sem sentido. Tenho constado que a maioria das escolas desconhece tanto o Projeto Millenium na íntegra, quanto quem é seu representante no Brasil. Por motivos de coerência, respeito, mas acima de tudo de democratização de conhecimento, citarei os responsáveis no Brasil por esse projeto. Com isso expresso o prazer e a alegria em poder fazê-lo neste trabalho, já que não tive a oportunidade de desenvolver esse projeto em uma escola que dirigi recentemente.

O Núcleo de Estudos do Futuro (NEF)⁸ é um centro de referência nacional e internacional pela promoção do pensamento antecipativo e prospectivo, sempre sob uma ótica humanista, valorizando a ética e contribuindo para a evolução da consciência e da responsabilidade socioambiental. Além disso, desenvolve vários projetos educativos para a formação de professores, dos quais destaca-se o grupo Girasonhos⁹, sustentado por pesquisadores que trabalham com a sensibilização de professores voltados para um novo estilo de prática educacional.

O NEF surge em 2001, inicialmente como uma tentativa de pensadores brasileiros, envolvidos em temas de Estudo do Futuro, Sustentabilidade e Desenvolvimento Social, representarem o Brasil na Rede Internacional de Pesquisa do Projeto Millenium, do American Concil da UNU – Universidade das Nações Unidas (www.acunu.org), inserindo o País na polifonia de visões e opiniões sobre o futuro relacionado a 15 desafios globais (www.stateoffuture.org). Em 2002, o NEF foi certificado como um dos Grupos de Pesquisa da PUC-SP no CNPq, e em 2004 é criada uma ONG para facilitar sua divulgação e prestação de serviços em seis divisões estratégicas: Pesquisa, Educação, Comunicação, Sustentabilidade e Ética, Aprendizagem Organizacional e Empreendedorismo.

Sua linha de pesquisa é apoiada nos pilares Consciência, Valores e Gestão do Conhecimento, Pensamento Antecipativo e Prospectiva Sustentabilidade.

⁸ Extraído de: <www.nef.org.br>. Acesso em: 10 jan. 2008.

⁹ Disponível em: <www.girasonhos.org.br>. Acesso em: 10 jan. 2008.

Embora o tópico “Como trabalhar com os estudantes os 15 desafios globais e a Educação para a Paz” seja assunto que deve ser melhor explorado nas escolas, adiantamos desde já que a explicitação dos 15 desafios é de fundamental importância para que os estudantes tenham uma visão totalizante das dificuldades e dos desafios que enfrentamos na atualidade.

Os projetos escolares ficam desarticulados quando são voltados para a comunidade, sugerindo que os estudantes se engajem apenas nos projetos para uma possível boa nota, sem se conscientizar de que é uma realidade social que precisa de uma ação contínua e eficaz. Noto que as escolas sentem dificuldade de implantar essa atividade em virtude do acúmulo de conteúdo e atividades pedagógicas. Além disso, as famílias acham “bonito” fazer um trabalho comunitário, porém não se comprometem com a continuidade desse trabalho.

Vejamos, então, 15 desafios globais¹⁰.

1. Desenvolvimento sustentável: como podemos alcançá-lo?
2. Água: como todos podem ter acesso a ela sem conflitos?
3. População e recursos: como podem estar em equilíbrio?
4. Democratização: como a verdadeira democracia poderá emergir do autoritarismo?
5. Perspectivas globais de longo prazo: como elas podem passar a nortear a criação de políticas mundiais?
6. A globalização da tecnologia da informação: como a globalização e as convergentes tecnologias da informação e da comunicação poderão trabalhar para o bem comum?
7. A distância entre ricos e pobres: como as economias de mercado norteadas por uma ética social poderão ser encorajadas a reduzir as diferenças entre ricos e pobres?

8. Doenças: como reduzir a ameaça de novas doenças e de microrganismos infecciosos?

¹⁰ O Projeto Millenium e Os 15 desafios globais estão mais detalhados no anexo 3.

9. Capacidade de decisão: como pode ser aprimorada à medida que mudam as instituições e a natureza do trabalho?
10. Paz e conflito: como novos valores e estratégias de segurança podem reduzir os conflitos étnicos, o terrorismo e o uso de armamentos com poder de destruição massiva?
11. Mulheres: como a mudança no *status* social da mulher pode ajudar a melhorar a condição humana?
12. Crime transnacional: como evitar que o crime organizado se torne o mais poderoso e sofisticado empreendimento global?
13. Energia: como a demanda crescente de energia pode ser atendida de forma segura e eficiente?
14. Ciência e Tecnologia: como as inovações científicas e tecnológicas podem ser aceleradas para melhorar a condição humana?
15. Ética global: como as considerações globais podem se incorporar no cotidiano das decisões globais? Muitas dessas questões globais ainda não encontram resposta, mas de uma coisa podemos ter certeza: é chegada a hora de, frente a tantos e profundos desafios, identificarmos forças e capacidades para transformar a condição do planeta.

- **Em busca de um sentido para a PAZ**

“ Encontrar o sentido é desvelar a própria identidade
Conhecer o tempo que passou
Saber da convergência desse tempo no presente
Mergulhar na eternidade do agora...”

Ruy Cezar Espírito Santo

Ao reinaugurar minha existência,
a cada minuto descubro
um sentido para o sentido da Paz.

MCG

Em 1997, a Assembléia Geral das Nações Unidas decidiu que o ano 2000 fosse dedicado a promover uma Cultura para a Paz e que também se consagrasse a essa tarefa a próxima década. Coube à Unesco, agência especializada das Nações Unidas, a tarefa de promover no mundo e nos próximos anos a idéia de uma cultura para a paz.

A Unesco, então, criou um programa mundial cujo ponto de partida foi pedir a um grupo de personalidades, que já tinham recebido o prêmio Nobel da Paz, que escrevessem um texto sobre esse assunto. Esse texto foi divulgado como o “Manifesto 2000”.

A motivação para essa proposta da ONU foi a onda generalizada e insuportável de violência em todos os níveis e graus. Além disso, a evolução tecnológica, aliada à facilidade de aquisição e à precisão dos instrumentos bélicos, teve como consequência imediata o crescimento de vítimas de armas maior na população civil que entre combatentes, ou seja, profissionais da guerra. A constatação dessas realidades e o aumento da violência e do extermínio ao longo do século XX levaram as Nações Unidas a propor em 1997 que o ano 2000 fosse dedicado à implementação de “Uma cultura para a Paz e a não-violência”.

Como já mencionado, a Unesco solicitou aos premiados com o Nobel da Paz que redigissem um Manifesto. Esse texto apelativo tem como tópicos fundamentais as seguintes orientações: “Respeitar todas as vidas; Rejeitar a violência; Partilhar a generosidade; Ouvir para compreender; Preservar o Planeta; Reinventar a solidariedade”.

Todos os responsáveis mundiais sabem que a tarefa de mudar as mentalidades a favor de uma cultura para a paz não se esgota nem de longe em um ano. Assim, as Nações Unidas logo proclamaram a década de 2001 a 2010 como a Década Internacional da Cultura para a Paz e da Não-Violência.

Segundo esse manifesto, as novas tecnologias, sobretudo na área da informação, poderiam dar ajuda decisiva na difusão de uma nova cultura da paz. Por isso, a coleta de assinaturas do manifesto, que aponta uma adesão de 100 milhões de cidadãos, seria feita pela Internet. Ao mesmo tempo que se considerou que a sociedade da informação pudesse ajudar o conhecimento mútuo, foi levantada a hipótese de possíveis problemas decorrentes dessa decisão. Não seriam, no futuro, os “infoexcluídos” mais uma causa de conflito?

Ainda segundo o manifesto, sabe-se hoje que a pobreza no mundo é uma das causas das guerras, mas não a única. Todos os estudos tendem a confirmar que a obra da educação, em geral, e a elevação de nível escolar, em particular, são a primeira alavanca para se implementar uma cultura da paz:

- A prevenção de conflitos é vista como nova estratégia na aplicação da não-violência: a prevenção é melhor que a cura.
- A necessidade da prevenção dos conflitos violentos tornou-se cada vez mais evidente e por várias razões.
- As guerras civis causam sofrimentos maciços e enormes violações dos direitos humanos.
- Os custos destes desastres humanitários são visíveis não só nos sofrimentos humanos, mas também nos efeitos políticos e sociais da destruição da democracia, dos sistemas políticos e mesmo da integridade dos estados.

Os excessivos custos das operações humanitárias e da manutenção das forças militares das Nações Unidas põem em causa a própria estrutura da cooperação. Só uma pequena parte desses custos é investida nas atividades de prevenção de conflitos. Os conflitos violentos ameaçam a segurança internacional. As respostas tradicionais da comunidade internacional são inadequadas.

Além do mais, a experiência diz que quanto mais cedo houver intervenção em uma zona de conflito, maior será a possibilidade de sucesso. E o que é pior, os conflitos violentos são muito mais difíceis de parar uma vez iniciados.

Todas essas considerações levam a concluir o quão necessária é a prevenção dos conflitos. E, considerando o desenvolvimento de competências e habilidades de muitas organizações e de alguns governos, já se pode considerar possível a prevenção dos conflitos.

• Os quatro pilares da Educação

Na elaboração para a Unesco, Jacques Delors foi o presidente da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI. No prefácio do livro *Educação: Um tesouro a descobrir*, escreve:

“Ante os múltiplos desafios do futuro, a educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social. Ao terminar os seus trabalhos a Comissão faz, pois, questão de afirmar a sua fé no papel essencial da educação no desenvolvimento contínuo, tanto das pessoas como das sociedades. Não como um ‘remédio milagroso’, não como um ‘abre-te sésamo’ de um mundo que atingiu a realização de todos os seus ideais, mas, entre outros caminhos e para além deles, como uma via que conduza a um desenvolvimento humano mais harmonioso, mais autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, as opressões, as guerras...”. (Delors, 2006, p.11)

É com este intuito que pretendo fazer as interconexões entre vários saberes e poder divulgar e socializar entre os professores essas idéias que, embora alguns já conheçam, não são claras na sua prática. Ainda que muitas escolas tenham como objetivo esses pilares, na prática eles não ficam evidenciados, em virtude da falta de maior conhecimento na área. E os professores, na maioria bem intencionados, não sabem como colocar em prática esses princípios, ficando muitas vezes desconectados do currículo escolar.

Muito se tem falado sobre o documento Os quatro pilares da Educação para o século XXI, porém, penso ser de uma forma diferente da que abordaremos aqui.

Espírito Santo, em seu livro *Autoconhecimento na formação do Educador*, aborda o tema e nos sugere:

“Observe-se, por outro lado, que nossa possibilidade de conexões não diz respeito apenas a ‘conectar o Outro’, mas também a promover outras conexões: conectando os sons fazemos música; as palavras, um poema; as tintas, um quadro, e assim por diante.” (2007p.33)

Queremos dizer com isso que os quatro pilares, se não estiverem conectados de uma forma particular, harmoniosa, sedutora, amorosa e principalmente vivida, não surtirão o efeito que queremos. E que forma particular seria esta? Espírito Santo nos sugere:

“Mais instigante será a observação de que ‘amar’, além de ser uma possibilidade de ‘conexão’, implicará sempre a

necessidade de uma 'liberdade' fundamental! Sim, ninguém poderá nos obrigar a 'amar'! (...) Amar será sempre um ato gratuito. Vê-se assim, curiosamente, que essa 'realidade' de 'amor', além de nos conduzir a uma perspectiva de 'possibilidades de conexões', também deixa patente o mistério da 'liberdade' presente em cada ser humano." (2007p.33)

Portanto, para ter efetivamente os quatro pilares praticados, precisamos inevitavelmente exercitar o amor, e isso sugere também que a Arte é uma das possibilidades:

"Ou seja, a arte é o caminho profundo para que, por meio de 'conexões', o ser humano produza a beleza, sendo o Amor o condutor desse processo. Que outro ser vivo consegue tal nível de conexões? Vê-se por essa reflexão um ponto de partida para a investigação do 'quem somos nós'... Seres capazes de amor... de arte... de beleza..." (p. 33-34)

Espírito Santo também nos sugere que o primeiro e grande passo a ser dado por um educador em sua sala de aula é estabelecer a conexão com a classe: dar um abraço! Sim, o grande desafio de um educador ao assumir uma sala de aula é seu vínculo com os alunos, e isso somente ocorrerá se ele tiver avançado sua consciência para sua essência de amor...¹¹

A maioria dos professores, além de desconhecer ou temer esses conselhos, também desconhece os 15 desafios globais e, ao tomar conhecimento deles, não sabe como trabalhar com esses desafios e como aplicá-los em projetos escolares. Alguns até conseguem fazer alguma coisa em relação a esses desafios, mas muitos não têm consciência de que muito do que estão fazendo em projetos pedagógicos faz parte de um dos 15 desafios globais.

Portanto, como educadores, devemos deixar expandir todas as formas de expressão, primeiro em nós mesmos e depois em nossos educandos, para que, juntos, extraindo e revelando nossas próprias essências, possamos nos educar mutuamente.

¹¹ Orientação dada a mim no momento da qualificação pelo Prof. Dr. Ruy Cezar do Espírito Santo.

Delors (2006) sugere que “para dar respostas aos seus objetivos e missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão, de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento”.

São eles: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser.

1. Aprender a conhecer¹²

Sabemos, como educadores, que o processo de aprendizagem é um caminhar ao longo de toda a vida; esse processo vai tornando-se mais rico e complexo no percurso de nossa existência, graças a experiências vividas no trabalho cotidiano e nas relações inter e intrapessoais.

O tipo de aprendizagem a que se refere o Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI supõe um aprendiz que tenha domínio dos instrumentos de conhecimento necessários para a aquisição de um repertório de saberes codificados.

Nesse contexto, a aprendizagem é um *meio* para a compreensão do mundo que nos rodeia e também como uma *finalidade de vida*, já que nos conduz ao prazer de compreender, conhecer e descobrir o ambiente que nos cerca sob seus diversos aspectos. Esse prazer trazido pelo ensino com significado, contextualizado, desperta a curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real, graças à aquisição de autonomia na capacidade de discernir.

Para desenvolver o conhecimento, o aprendiz necessariamente tem de aprender a aprender, mediante o exercício de atenção, de memória e de pensamento. Esse exercício é iniciado no ambiente familiar e, na escola, é elaborado por avanços e recuos entre o concreto e o abstrato; isso implica uma

¹² Esse texto foi escrito com base em idéias desenvolvidas especialmente para o Congresso da Apase – Sindicato de Supervisores do Magistério no Estado de São Paulo, Águas de Lindóia, Estado de São Paulo, maio de 2002, publicadas em: **Faria, José Barreto de – Educação e Cultura da Paz.** Hamilton Faria é poeta, autor, entre outros livros, de *Súbitos Encantos para São Pedra Espanto*, professor titular da Faculdade de Artes Plásticas da Faap, e coordenador da área de Cultura do Instituto Pólis. Participa da Aliança por um Mundo Responsável e Solidário e é animador da Rede Mundial Artistas em Aliança.

combinação entre ensino e pesquisa, ou seja, a utilização dos métodos indutivo e dedutivo, por muitos considerados antagônicos, mas que vejo como complementares.

2. Aprender a fazer

O aprender a fazer é considerado uma segunda aprendizagem, mais associada a questões da formação profissional. Essa aprendizagem deve evoluir e ser considerada em sua complexidade: preparar alguém para uma tarefa material. Na realidade esse é um tema amplo, pois a partir do binômio pensar–agir observa-se a capacidade de refletir voltada às habilidades artísticas, técnicas, científicas, políticas etc., possibilitando o desenvolvimento de aptidões individuais e coletivas.

É preciso saber como aplicar os conhecimentos para agir positivamente com vistas a transformar a realidade. Para aprender a fazer, o aprendiz não pode ter medo da rigidez escolar. É de vital importância a democratização da palavra, pois, com a vivência da democracia desde os primeiros anos de escolaridade, serão desenvolvidas competências e habilidades no trato social, com base em uma visão de sociedade sustentável.

3. Aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros

Acredito que todos nós, educadores, concordamos que esse seja o maior desafio suscitado por essa aprendizagem. É de fundamental importância reconhecer e respeitar valores plurais, expressões da diversidade de pensamento. A escola ainda não está preparada para distinguir as diferenças e sobre elas dialogar; essa habilidade ainda é insipiente e pobre dentro da escola. E para desenvolvermos a Educação para a Paz é de fundamental importância que auxiliemos a comunidade escolar a aprimorar essa habilidade e a fortalecer os relacionamentos entre professores e educandos, professores e seus pares, e entre todos e o pessoal administrativo, considerado como mão-de-obra sem comprometimento com o processo educativo.

O saber formal é ainda muito rígido, colocando a escola em uma posição autoritária. Ações de competição devem dar lugar a ações de cooperação, para que o “aprender a viver juntos” se torne uma realidade e o ambiente escolar se transforme em uma eterna descoberta do outro. Esse processo de descoberta do

outro induz ao conhecimento da diversidade da espécie humana, despertando a consciência sobre as semelhanças, diferenças e a profunda interdependência entre todos os seres humanos.

Portanto, os métodos de ensino deverão levar ao encontro do outro e não ir de encontro a ele. Quando se trabalha em conjunto, em projetos escolares motivadores, os conflitos e as divergências são salutares e com o passar do tempo tendem a desaparecer. Uma nova forma de identificação nascida desses projetos torna-os mais ricos e ultrapassa as rotinas disciplinares e individualizantes, pois valoriza aquilo que é criativo e diferente e constrói uma nova referência para a vida dos futuros cidadãos.

4. Aprender a ser

Este pilar destaca, para mim, a finalidade última de todo o processo educativo, tanto na vida familiar quanto em ambiente social ou escolar. Para aprender a ser, todos nós, aprendizes, os envolvidos em atividades educacionais, deveríamos estar formados na nossa integridade, ou seja, inteligência, sensibilidade, responsabilidades social e pessoal, ética, estética, espiritual etc.

Todo ser humano deve ser preparado, principalmente por vias da educação, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes situações da vida.

Diante de um mundo em mudança, em que um dos principais motores parece ser a inovação tanto social como econômica, deve ser dada importância especial à imaginação e à criatividade, manifestações da liberdade humana tão ameaçadas pela standardização de comportamentos. Precisamos, neste século, da diversidade de talentos e de personalidades, de pessoas criativas. Convém oferecer, em todas as ocasiões possíveis, oportunidades ao aprendiz, situações de descoberta e de experimentação do ponto de vista da ética, da estética, além de atividades esportivas, científicas, culturais e sociais, visando a ampliar o que as gerações precedentes foram capazes de criar.

A arte, a música e a poesia deveriam ter um espaço mais significativo que é concedido pelos currículos atuais. Isso seria uma grande contribuição para uma evolução da cultura, tão empobrecida em nossos dias.

II – A INTERDISCIPLINARIDADE COMO FIO CONDUTOR DA EDUCAÇÃO PARA A PAZ: A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA E DA METODOLOGIA INTERDISCIPLINAR

Interdisciplinaridade

Não há definição
 Não há palavra
 Não há conceito

Há percepção
 Intuição
 Sabedoria nascente...

Mergulhar fundo na realidade
 Além dos conceitos
 Das palavras
 Do racional...

Perceber a unidade do saber
 O sentido do movimento
 A perenidade da transformação
 E o instante da percepção ...

Tentar definir este instante
 Situa-lo no papel
 Escrevê-lo
 É fazer poesia...

É soltar-se no espaço infinito
 Na dança cósmica
 Na relatividade do tempo
 Na unidade do querer...

Até sempre !
 Ruy

(ESPÍRITO SANTO, Ruy Cezar, 2006. p.125.)

• FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

"(...) a metodologia interdisciplinar em seu exercício requer como pressuposto uma atitude especial ante o conhecimento (...) parte de uma liberdade científica, alicerça-se no diálogo e na elaboração, funda-se no desejo de inovar, de criar, de ir além e exercitar-se na arte de pesquisar — não objetivando apenas uma valorização tecno-produtiva ou material, mas, sobretudo, possibilitando uma ascese humana, na qual se desenvolva a capacidade criativa de transformar a concreta realidade mundana e histórica numa aquisição maior de educação em seu sentido lato, humanizante e libertador do próprio sentido de ser-no-mundo.". (*Fazenda, 1999*)

Educar sempre foi um dos processos mais paradoxais, complexos e difíceis, principalmente nos dias atuais, mas não há dúvida de que essa tarefa torna-se ainda mais relevante nos tempos incertos em que vivemos.

A Interdisciplinaridade surge como uma força catalisadora e regenerativa (por que não dizer curativa?) para fortalecer os laços que unem os projetos disciplinares e uma educação inovadora. É uma tendência que desponta, trazendo novas esperanças para o processo de ensino e aprendizagem. Fatores do processo educacional, tais como choque de valores **em** e **entre** os diferentes setores da comunidade educacional e a diversidade social e cultural, a perda de valores, o consumismo, a exclusão social são alguns obstáculos a enfrentar.

Além disso, no contexto atual, a persistência da mídia na divulgação e do uso da violência como forma de resolver conflitos constitui uma grande preocupação por parte daqueles que estão envolvidos com uma educação voltada para a paz no mundo e comprometidos com a formação das novas gerações. Contudo, quando as circunstâncias são mais difíceis, devemos reagir com compreensão e compaixão ainda maiores, em vez de apenas criticar e nos isolar, tristes e decepcionados, visto que a decepção e a tristeza não nos levam à solução desses problemas.

É preciso conhecer a fundo tais desafios para poder questioná-los, tanto do ponto de vista ético quanto educacional, em uma incessante busca da verdade. É imprescindível também deixar claro que dentro do espaço educativo posições ambíguas e tolerantes não cabem frente à violência.

Em outras palavras, o sistema educacional, como espaço de aprendizagem e convivência, deve oferecer os instrumentos necessários para possibilitar a aprendizagem de uma cultura de paz e não-violência, em que o respeito à diversidade é tônica, frontalmente oposta a qualquer forma de fundamentalismo, ainda que este se refugie em supostos direitos culturais. Tal aprendizagem deve basear-se na vivência das regras e dos valores da democracia: respeito aos direitos humanos, diversidade e cumprimento das regras e deveres a eles inerentes. A educação deve ser prioritária, pois em longo prazo só ela pode proporcionar maiores garantias de verdadeiro desenvolvimento, tanto do próprio ser como do bem comum.

Surge, então, a possibilidade de uma resposta a todos esses questionamentos: a Interdisciplinaridade.

Por quê? Pelo simples fato de que, para novos desafios, temos de usar novas metodologias e estratégias, baseadas em uma diferenciada maneira de ver o mundo e as pessoas.

Segundo Fazenda (1991), a Interdisciplinaridade, por ser uma categoria de ação, está vinculada a atitudes frente à vida. E uma vida bem diferente do que era há alguns anos atrás.

A partir da prática pedagógica, surge uma proposta interdisciplinar no contexto de instituições de ensino, como uma forma de superação da fragmentação do ensino em disciplinas.

Essa prática, no contexto da sala de aula, implica a vivência do espírito de parceria, de integração entre teoria e prática, conteúdo e realidade, objetividade e subjetividade, ensino e avaliação, meios e fins, tempo e espaço, professor e aprendiz, reflexão e ação, dentre muitos dos múltiplos fatores integrantes do processo pedagógico. Essa proposta implica uma revisão de valores pessoais na qual a cultura da paz está inserida.

Embora muito se tenha discutido e muitos educadores tenham mostrado grande interesse, os conceitos interdisciplinares muitas vezes estão sendo divulgados de uma forma distorcida e por isso são mal compreendidos e mal aplicados, conduzindo o aluno a resultados sofríveis.

Minha hipótese de trabalho é que, por meio da Cultura da Paz como projeto político da escola, o novo modelo filosófico, científico e pedagógico seja introduzido,

produzindo uma mudança de visão de mundo. Na realidade é um círculo que se torna virtuoso: o novo modelo filosófico-científico altera os conceitos pedagógicos e o modelo pedagógico influencia a nova concepção de convivência, que por sua vez socializará a nova concepção de ciência, a qual está influenciando a educação para as gerações vindouras em decorrência das necessidades de sustentabilidade do planeta.

Destacarei a importância da prática e da metodologia interdisciplinar para implantar e implementar a Cultura de Paz. A Educação, por meio da interdisciplinaridade, deve assumir como sua a responsabilidade de desfraldar e conduzir a bandeira de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilo de vida baseado no Amor, no respeito à vida, no fim da violência e na promoção e prática da não-violência, do diálogo e da cooperação. Desse modo, a Educação estará essencialmente um passo à frente na evolução da humanidade.

- **A INTERDISCIPLINARIDADE E AS IMPLICAÇÕES NA IMPLANTAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO PARA A PAZ**

“O rigor na Interdisciplinaridade
nada

mais é do que um compromisso tácito entre professor,
pesquisador, aluno e o conhecimento.

Esse é um compromisso de respeito mútuo.” (Matos, 2003)

O interesse em trazer a Interdisciplinaridade como tema para este trabalho decorre, além da importância crescente que esse termo vem assumindo como parte de um amplo movimento de interesse e, com isso, de crítica que se trava, atualmente, ao modelo científico moderno que até então nos alicerçava, também por ela ser de fundamental importância para a Educação para a Paz.

A Interdisciplinaridade, por pertencer a um novo modelo filosófico-científico-pedagógico, aponta para outras possibilidades de atuação além de auxiliar o professor a educar as gerações vindouras para resolução de problemas cada vez mais complexos da contemporaneidade. Ela surge como resposta aos limites do

modelo atual, caracterizado pela simplificação, redução e fragmentação da realidade que já não mais responde às perguntas dos pesquisadores e pensadores em Educação.

A idéia de superação da fragmentação do ensino não é nova. A concepção do currículo, proposta no final do século passado, já indicava uma preocupação com a fragmentação e procurava oferecer o instrumento conceitual necessário ao estabelecimento da unidade de ensino.

A Lei 5692/71, que propunha a integração vertical e horizontal das disciplinas, procurou orientar a superação dessa fragmentação. Igualmente, o “método de projetos”, que foi muito popular em certa época e ainda continua nos dias atuais, porém com outras roupagens, fazem desta proposta apenas uma pesquisa circunstancial, levando o trabalho com projetos na escola como um apêndice e não como uma atitude interdisciplinar. Esses aspectos correspondem, no entanto, ao estágio elementar e inicial do processo de “interdisciplinar-se”.

Verifica-se que apenas agora a Interdisciplinaridade surge com força de sustentação de uma fundamentação que corresponde ao atendimento de necessidade percebida pelos profissionais da educação.

Trata-se de uma concepção que veio evoluindo gradativamente, por meio do amadurecimento pedagógico. A interdisciplinaridade não deve ser considerada como uma inovação em seu sentido pleno, uma idéia nova, embora muitos professores tenham ouvido falar desse tema apenas recentemente. Ela cristaliza a preocupação e o interesse pela superação de um problema que tem preocupado os professores, de um modo geral e de longa data.

A interdisciplinaridade, enquanto construção de conhecimento e da prática pedagógica através de uma nova ótica, se caracteriza como transformação, como vivência intuitiva e experiência humana que elabora e reelabora, em seu contexto histórico, seu próprio situar-se, sua própria síntese de normas criadoras, sua capacidade de pensar a sua própria racionalidade. Ela nos auxilia nessas questões, postulando cinco princípios que consubstanciam a prática pedagógica e que Fazenda coloca muito bem:

“A metáfora que subsidia, determina e auxilia sua efetivação [da interdisciplinaridade] é a do olhar, metáfora que se alimenta de natureza mítica e diversa. Cinco princípios subsidiam uma prática interdisciplinar: humildade, coerência, espera, respeito e desapego”.(Fazenda, 2002, p.11)

Ela, portanto, está intimamente ligada à paz porque tem como princípios, segundo Fazenda (1999), a humildade, a espera, a coerência, o respeito e o desapego. **Humildade** em reconhecer que construímos **um** mundo e não **o** mundo com o outro; **coerência** entre o que pensamos e o que fazemos; **respeito** por si próprio e pelo outro, por ser diferente de mim, mas que não está necessariamente contra mim; **desapego** tanto de bens intelectuais quanto de bens materiais significa estar aberto à novas idéias. Esses princípios sendo exercitados fatalmente nos conduzirá à uma prática interdisciplinar, abrindo-se às novas possibilidades para a prática em sala de aula.

Uma das dificuldades que as pessoas têm em relação a essa abordagem é a de se transformar em um ser interdisciplinar. Como é normal, algumas pessoas sentem medo e insegurança em adotar uma nova atitude pedagógica, pois temem seu futuro na escola, sentem-se vulneráveis, e isso os estimula a ter uma vida sem riscos e sem comprometimentos com seu trabalho. Essa condição leva a pessoa a se tornar cada vez mais “dependente”, achando que com isso não se comprometeria com os outros, ou seja, como eu faço o que o meu superior manda, a responsabilidade é toda dele.

O estabelecimento de uma prática interdisciplinar provoca uma sobrecarga de trabalho como toda e qualquer ação a que não se está habituado a fazer. Há um certo medo de errar, de perder privilégios e direitos adquiridos. A orientação pelo enfoque interdisciplinar direcionada para a prática pedagógica implica em romper hábitos e acomodações; é ir à busca do novo e do desconhecido. Isso tudo realmente é um grande desafio. O trabalho interdisciplinar não descarta o velho modelo, mas o transforma em novo. (Fazenda, 1999)

Dados, portanto, os riscos inerentes a essa situação, o estabelecimento da interdisciplinaridade provoca reações de resistência, apesar de aceita

intelectualmente. Parte de nós a deseja e aceita; outra parte a rejeita; mas a rejeição ocorre não pelos resultados que possa produzir, e sim pelo trabalho que promove, pelo desalojamento de posições confortáveis que provoca. O fundamental no desenvolvimento da interdisciplinaridade é uma questão de atitude. (Fazenda, 1999)

No mundo globalizado de hoje, vivemos na interdependência. A realidade, o pensamento e a ação não são mais individuais, mas sim interconectados, fazendo-nos pensar globalmente e agir localmente. A metáfora do mundo não é mais uma máquina, mas o holograma (do grego *holos*, todo), ou seja, em cada parte está contido o todo e o todo está em cada uma das partes. Isso nos faz responsável tanto pela parte quanto pelo todo.

A educação escolar, por ser um campo de dimensões pública e coletiva, tradicionalmente é considerada como multidisciplinar, mas muito tem a se beneficiar com as propostas de abordagem interdisciplinar. Embora existam vários artigos e pesquisas neste campo, elas ainda são muito tímidas quando vistas da esfera teórico-prática. Ressalto, porém, que algumas propostas se destacam por procurar demonstrar a importância do emprego desse conceito no campo educacional e que muitos dos professores, por acharem que a Interdisciplinaridade é algo muito diferente de sua prática, acabam colocando-a inatingível.

As pessoas de um modo geral têm a tendência de olhar o ensino – que tem como princípio democrático várias tendências metodológicas – como um espaço em que as práticas são exercidas sem o critério necessário. Esta visão, tão presente é em parte verdadeira, e alguns professores exercem suas práticas dessa maneira. Penso, porém, que atualmente o ensino, de um modo geral, sinaliza estar chegando a um ponto de grande maturidade para uma radical transformação demonstrada pelas atitudes de muitos educadores que já não mais se satisfazem com suas práticas e muitos deles já atuam como interdisciplinares sem se darem conta disso.

Todos os pesquisadores da interdisciplinaridade – dentre eles destaco Ivani Fazenda e o seu Grupo de Estudos e Pesquisa da Interdisciplinaridade (GEPI) Hilton Japiassu, Georges Gusdorf, Gaston Pineau, e outros –, cada um a seu modo, procuram destacar em seus trabalhos a importância da Interdisciplinaridade nas suas trajetórias profissionais e intelectuais. Eles nos dão um bom exemplo de como esses pensamentos recentes têm sido incorporados e desenvolvidos no campo da Educação há muitos anos, auxiliando-nos e imprimindo uma dinâmica e uma

metodologia de pesquisa, abrindo com isso amplas possibilidades para uma prática pedagógica mais significativa tanto para o professor quanto para o aluno.

Porém, para que isso ocorra de uma maneira eficaz e não apenas superficial, será necessário uma **transformação** profunda em nosso modo de pensar e agir senão não haverá uma prática mais significativa.

Atualmente nos perguntamos por que é tão difícil trabalhar em Educação e com a Educação. A necessidade da vida contemporânea está nos obrigando a fazer uma constante revisão de nossos valores e princípios que regeram nossas vidas até então e o trabalho nesta área é um grande desafio, pois temos que desenvolver algumas capacidades, habilidades e competências que até então não “precisávamos”.

Existem vários desafios que devemos superar para termos uma prática que funcione efetivamente no cotidiano escolar e um dos desafios é a mudança de modelo de atuação pedagógica. Esta é a “brecha” para que a Interdisciplinaridade se desenvolva.

Em virtude da falta de referência, o ensino através da Interdisciplinaridade ainda é bem pouco praticado entre os professores. Esse exercício deve ser visto como um processo contínuo que se inicia no desejo do professor de superação dos limites impostos por cada campo do saber, e do seu desejo de sempre aprender a aprender. São estágios de consciência que vão se complexizando, até atingir níveis diversos de compreensão de uma mesma disciplina, quando esta deixa de ser vista como campo restrito, e passa a constituir um campo livre e aberto para novos saberes.

Em minha prática como orientadora deste processo em cursos de formação continuada de professores, verifico a grande dificuldade que todos nós temos nestes “vãos”. Como disse o professor Ubiratan D’Ambrosio em um dos encontros com o Grupo de Pesquisa da Interdisciplinaridade: “devemos abrir as gaiolas em que estamos aprisionados”. Ele se referia às gaiolas disciplinares.

Através de encontros regulares com os professores, estes vão percebendo que suas disciplinas não dão conta de responder a todas as questões e, com o decorrer dos encontros eles vão construindo um trabalho em grupos solidários em

que um colabora com o outro para melhor entendimento do seu campo e com isso questionam o seu próprio conhecimento e a forma como seu trabalho é produzido.

Assim, ao trabalhar os princípios da Interdisciplinaridade com um grupo de professores, foi proposta a construção de valores que conduzissem a uma nova relação entre o grupo e com seu campo de conhecimento. Depois de alguns encontros emergiram do grupo algumas sugestões para que conquistássemos mais um degrau para atingirmos nossos objetivos interdisciplinares. Os itens relacionados abaixo sinalizam como praticar os cinco princípios da Interdisciplinaridade:

- superar inseguranças para expressar-se crítica porém construtivamente;
- aceitar idéias novas
- desenvolver maior autoconfiança aceitando a possibilidade de errar;
- fazer autocrítica, como um processo contínuo de compreender-se no mundo e para isso estudar mais para aprofundar a prática;
- respeitar seus próprios limites e os limites de cada um;
- dar tempo aos colegas de manifestarem suas opiniões;
- trabalhar cooperativamente.

Apesar de já estabelecido um rol de competências, surgiu ainda outro grande desafio para o trabalho interdisciplinar: a impaciência, que todos nós temos. Queremos tudo para ontem, não sabemos esperar. A paciência é uma grande virtude, principalmente na sociedade atual, em que o imediato e o descartável são cultuados. Um dos princípios da Interdisciplinaridade é a **espera**. Esperar significa observar todos os fenômenos que pudermos capturar no tempo e no espaço e, após uma reflexão, agir no momento mais adequado. Não esperar demais e nem se antecipar quanto aos fatos. Portanto o rol elaborado acima, embora expresse o desejo de todos, exige disciplina e conscientização de conduta, que poucos têm.

Aprender a conter a angústia e a ansiedade também são fatores decisivos para uma real transformação. Não existe receita ou fórmulas miraculosas, o que existe é um esforço pessoal e coletivo para que isso ocorra.

Torna-se nítido, nesses encontros, perceber o nível de maturidade individual e coletiva dos envolvidos. Como a interdisciplinaridade, segundo Sommerman, se

expressa de formas variadas, transitando de uma interdisciplinaridade fraca (inicial) para uma forte (cada vez mais complexa) (Sommerman, 2006 p. 63-64), não podemos rotular como não sendo interdisciplinar a prática inicial daqueles que se esforçam para aperfeiçoá-la.

Outro fator que temos de levar em conta quando trabalhamos com formação de professores é o fato de que o comportamento humano se expressa através de uma maneira dinâmica de forças interiores polarizadas, que associadas dialeticamente podem, no entanto, manifestar-se, em certos momentos, e segundo o conjunto de circunstâncias e avaliações que se fazem a ele, mais um pólo e menos outro. Das dimensões possíveis de comportamento, que vai do total egoísmo ao profundo altruísmo; da omissão para a participação; do individualismo ao espírito de grupo; de um isolamento ao engajamento; da acomodação à ação; e assim por diante, são os paradoxos que todos nós enfrentamos no nosso cotidiano. (Lück, 1994, p.81)

Como não conseguimos nos atualizar tão rapidamente como a sociedade contemporânea exige, pois a transformação de hábitos e atitudes é lenta e dolorosa, demandando tempo. Tempo de espera, tempo para vivenciar os conceitos. Tempo para ver e rever hábitos e atitudes que de tão vividos e incorporados não nos apercebemos que os praticamos.

Assimilar esses princípios não é uma tarefa fácil e muitas vezes nos tornamos vítimas e algozes de nós mesmos. Isso me faz pensar que podemos realizar **escolhas**.

Não precisamos necessariamente sentir culpa e ou nos considerar vítimas. Acredito que, com humildade para assumir responsabilidades por nossos atos e coragem e ousadia suficientes para tomar iniciativas criativas visando a superar obstáculos, com o **desapego** de hábitos e idéias que entravam nosso desenvolvimento, caminharemos para uma posição assertiva, estabeleceremos bom relacionamento com os outros e enfrentaremos melhor nossos desafios educacionais.

Fazer escolhas não é uma tarefa fácil, principalmente quando se fala em Educação. Existem tantos métodos, estratégias e técnicas que nós, professores, nos

perdemos, muitas vezes, nesses caminhos, sem darmos conta de que tudo não passa de uma mudança de atitude frente a vida.

Os textos dos pensadores da atualidade nos remetem a essa reflexão. Cada um expressa a seu modo seu desejo de deixar claro seus propósitos, ou seja, explicar para o leitor o seu ponto de vista sobre os temas contemporâneos.

A exigência da interdisciplinaridade é apenas que dialoguemos com esses autores na busca de uma compreensão do mundo.

“Ser rigoroso na Interdisciplinaridade não significa buscar loucamente todo e qualquer material bibliográfico apenas para ter um “texto” cheio de notas de rodapé. Na realidade essa busca enlouquecida deve ser por autores que conversem conosco dentro de nosso “texto” e que nos possam ouvir (metaforicamente) da mesma forma como os devemos compreender para que possamos nos tornar professores rigorosos.” (Matos, 2003)

Com isso a interdisciplinaridade nos induz a fazer uma profunda reflexão sobre nossa prática, nossa vida, enfim, sobre nossas relações inter e intrapessoais, por meio do diálogo travado entre nós, os autores escolhidos e a nossa formação inicial.

Essa é uma das grandes questões que procuramos desenvolver nos cursos de formação continuada de professores, quando desenvolvemos com eles suas histórias de vida, nas quais eles se tornam autores de suas próprias histórias e encontram um significado para o exercício de sua profissão. Mas, para que isso seja realmente eficaz, temos que fazer esta reflexão com maturidade e humildade para que reconheçamos nossas dificuldades de ser o que pensamos que somos ou o que sonhamos ser.

De uma maneira mais simples, mas sem ser simplista, a interdisciplinaridade como já dito acima é uma nova abordagem filosófica, científica, cultural e social. Seu objetivo é a compreensão do homem e a transformação de sua prática. Tudo isso deve ser traduzido em nossas ações pedagógicas, e tanto o diálogo quanto a história de vida dos envolvidos são fundamentais para tal.

Para que isso ocorra deve ser feita, apenas, uma nova construção. É necessário descobrir o ponto que une, observar as possíveis conexões. Assim desenvolveremos um ensino com significado, planejaremos nossas aulas com uma

maior abrangência, montaremos uma rede de informações com sentido. Nesse caso, a palavra “sentido” pode assumir triplo significado: sensação, sentimento e direção. Para isso precisamos estudar com profundidade nosso campo de formação, pois somente assim encontraremos seu significado e abriremos nosso campo de visão.

Sabemos que quanto mais nos dedicarmos ao nosso campo de conhecimento (nossa especialidade), mais limitado ele se torna para responder a todas as questões colocadas. É nesse cenário que, ao questionarmos nossa especialidade, surgirão respostas vindas de outros campos (disciplinas e especialidades) de saber e que irão formar um caleidoscópio multifacetado de informações. Assim, ao dar uma aula de História, por exemplo, o lançar mão de outros saberes para instigar novos questionamentos é o que forma o tecido único e original de cada professor.

Essa mudança de concepção desvela novos espaços, em que o diálogo entre o modelo positivista moderno e a proposta de alternativas para superação deste modelo possibilitam alargar a concepção de racionalidade da ciência moderna e articular o conhecimento existente, produzindo novos conhecimentos.

Os avanços no campo do conhecimento foram se tornando tão complexos que nos conduziram à concepção de não-linearidade em oposição à linearidade, a simplificação, além de constatar a impossibilidade de se separar o pesquisador (observador) do seu objeto de pesquisa. Ou seja, ao pesquisar fazemos também parte deste pesquisa. Por mais imparciais que sejamos, teremos sempre o “nosso olhar” sobre o objeto pesquisado, imprimindo inconscientemente nossos desejos, angústias, ansiedades, vivências, etc., dando um cunho pessoal, por mais impessoal que seja a pesquisa. Como diz Fazenda (anotações nos encontros do GEPI) temos apenas um projeto existencial e é dele que partem todas as nossas ações. Descobrir esse projeto é a essência para uma vida com significado.

Para Morin, por exemplo, o paradigma da simplificação característico da ciência moderna

“determina um tipo de pensamento que separa o objeto de seu meio, separa o físico do biológico, separa o biológico do humano, separa as categorias, as disciplinas, etc. (...) Por isso, as operações comandadas por esse paradigma são principalmente disjuntivas, principalmente redutoras e fundamentalmente unidimensionais (...) chega-se a um puro catálogo de elementos não ligados (...) Por outras palavras, o paradigma da simplificação não permite pensar a unidade na

diversidade ou a diversidade na unidade, as 'imitas multiplex' só permite ver unidades abstratas ou diversidades também abstratas, porque não coordenadas." (Morin, 1983. p.31)

As palavras de Morin mostram a grande dificuldade que a ciência típica do mundo moderno enfrenta: o seu próprio limite. Esse limite é inculcado em nós de tal maneira que não nos apercebemos de que temos outras possibilidades e isso se torna realidade em nossa prática e não **uma** realidade **possível** em nossa prática.

Criamos modelos e aceitamos os modelos impostos sem questionar. Thomas Khun, em seu livro *A Estrutura das Revoluções Científicas*, nos diz que paradigmas são uma espécie de modelos aceitos como dominantes por dada comunidade científica, cuja função é direcionar toda pesquisa em sua área. Portanto, é a comunidade científica que determina e define quais questões podem ser formuladas a respeito das coisas existentes no mundo e que técnicas podem ser empregadas na busca de soluções. Essa atitude nos coloca em uma "camisa-de-força" que nos impede de criar, inovar, articular e ousar. Sentimos medo de ser diferente, pois não queremos correr o risco de ser ridicularizados ou questionados sobre o que fazemos ou pensamos.

Antes que seja aceito um novo modelo, tudo é mais difícil e complicado, porque surgem muitas teorias focando a atividade científica. Para que uma idéia se torne um paradigma, ela precisa amadurecer para que forneça respostas mais seguras e que tenham coerência.

A interdisciplinaridade pertence a esse novo modelo de pensamento, por isso mesmo muitas vezes mal interpretado, já que "olhamos" para esse modelo com os "olhos" da ciência moderna positivista. Portanto, temos de alterar nossa forma de olhar o fenômeno educativo e com isso nossas práticas pedagógicas. Quais seriam as bases para este olhar diferenciado?

Segundo Sommerman (2006, p.37-39)

"(...) duas teorias teriam cooperado muito para fomentar a pesquisa interdisciplinar: o estruturalismo e a Teoria Geral dos Sistemas. O estruturalismo, embora criado pelo lingüista

Saussure (1857-1913) visando descobrir as estruturas abstratas por trás das línguas, expandiu-se para muitas outras áreas, especialmente com os trabalhos do antropólogo Claude Levi-Strauss na década de 50, nos quais este procurou mostrar que por trás das culturas mais diversas há estruturas profundas comuns, que aparecem como que em camadas. A Teoria Geral dos Sistemas foi formulada pelo filósofo e biólogo Ludwig von Bertalanffy na década de 60. (...) Ele chamou a atenção para a existência, naquela época, de duas vertentes básicas nas ciências dos sistemas: uma, mecanicista; outra organicista. A primeira correspondia à sua teoria Geral dos Sistemas e a segunda, à Teoria Cibernética.”

Não é minha intenção neste momento discorrer sobre essas teorias, cabe apenas dizer que a interdisciplinaridade está fundamentada na Teoria Geral dos Sistemas, na Cibernética de segunda ordem (onde o observador influencia e é influenciado no fenômeno observado) e na Teoria da Complexidade desenvolvida por Morin e outros. Porém, a título de contextualização e “licença didática” simplificarei os princípios básicos e as propriedades gerais do modelo sistêmico que englobam também, em alguns aspectos a Cibernética de Segunda Ordem e a Complexidade¹³:

- **Globalidade:** o sistema é uma totalidade. Aquilo que chamamos de parte é um mero padrão numa teia inseparável de relações. O sistema caminha como um bloco, agindo e interagindo para a sua evolução.
- **Retroalimentação** ou *feedback*: circularidade. As partes de um sistema unem-se através de uma relação circular. Ou seja, o comportamento de cada pessoa afeta e é afetado pelo comportamento de cada uma das outras pessoas do grupo.
- **Homeostase** e transformação: todo sistema tem um processo de regulação, reestabelecendo o equilíbrio entre acomodação e assimilação. Cada sistema desenvolve formas básicas, específicas de crescimento e transformações, ou seja, uma seqüência padronizada de comportamentos, de caráter repetitivo, que garante a organização desse sistema e que permite um mínimo de possibilidade sobre a forma de agir de seus membros.

¹³ Para estudo mais aprofundado deste tema ver na bibliografia livros dos autores Capra , Morin, Bateson, nos quais baseei-me neste momento do trabalho.

- **Eqüifinalidade:** comportamentos diferentes podem criar a mesma consequência. A eqüifinalidade é a característica dos sistemas vivos, segundo a qual, em um sistema automodificável – como a família e a escola, por exemplo – os resultados são determinados mais pela natureza do processo do que pelas condições iniciais do sistema. Assim, os mesmos resultados podem derivar de condições iniciais diferentes e resultados diversos podem advir de circunstâncias semelhantes, o que indica que os parâmetros do sistema predominam sobre as condições iniciais.

Através do pensamento sistêmico tem-se mais flexibilidade nas ações e com isso uma ampliação da visão disciplinar restrita e restritiva do ensino, abrindo-se as fronteiras e rompendo barreiras para um ensino mais significativo.

Olhamos então o todo e não só as partes. A interdisciplinaridade percebe que as propriedades das partes só podem ser entendidas a partir da dinâmica do todo. Para a Interdisciplinaridade não existe parte, ela é meramente um padrão numa inseparável teia de relações.

A Interdisciplinaridade vê a estrutura como uma manifestação de um processo subjacente. Portanto, enfatiza mais o processo que a estrutura. Ela também acredita que a ciência objetiva cederá lugar para a subjetiva e intersubjetiva, porém uma das grandes características é a mudança da idéia de construção para a de rede, como metáfora do conhecimento. À medida que a realidade é percebida como uma rede de relações, as descrições de um indivíduo formam igualmente uma rede interconexa, representando os fenômenos observados, não havendo nem hierarquia nem alicerces.

Outra propriedade do pensar sistêmico é o das mudanças de descrições verdadeiras para descrições aproximadas, com isso a Interdisciplinaridade reconhece que todos os conceitos, todas as teorias e todas as descobertas são limitados e aproximados.

A maioria de nós, pesquisadores, conhece muito bem os passos de uma pesquisa científica: criar hipóteses, realizar experimentos, comparar provas, publicar seus resultados e esses resultados, ao serem aplicados em qualquer lugar, sejam sempre iguais. O objetivo é produzir um conhecimento que, além de poder ser

verificado, seja aceito pela comunidade científica e que, após sua comprovação, torne-se uma “verdade”, mesmo que em casos específicos, mas com a pretensão de ser uma verdade generalizada. Para isso devemos ser bem racionais, do contrário, poderemos ser considerados gurus ou chamados de adivinhos no ambiente da comunidade científica.

Vemos, portanto, que a ciência moderna se inscreve na racionalidade como elemento definidor deste pensamento e desta conduta. (Sommerman, 2006). Este modelo, então, passa a negar qualquer outra forma de conhecimento que não esteja de acordo com seus princípios epistemológicos e com as regras metodológicas com que foram convencionadas, e por si só tomadas como garantia de um critério da verdade.

Com esse posicionamento, o processo de conhecimento fecha-se em compartimento, e a ciência moderna rompe radicalmente com a tradição do pensamento clássico. Essa ruptura se manifesta na dissociação entre saberes e práticas, indivíduo e sociedade, local e global, sujeito e objeto, objetivo e subjetivo. A ciência passa a trabalhar apenas com temas e problemas delimitados e especializados, caracterizando-se por uma fragmentação sempre crescente do saber e tendo o espaço disciplinar como seu principal sentido e finalidade.

A crescente complexização da realidade faz o ser humano se sentir despreparado para enfrentar os problemas globais que exigem dele uma formação orientada para a visão globalizadora (no sentido holístico) da realidade e uma atitude contínua de aprender a aprender.

No contexto escolar, o conhecimento já produzido é submetido, novamente, aos tratamentos metodológicos analíticos e lineares, agora com o objetivo didático de facilitar a sua apreensão pelos estudantes.

O objetivo didático, visto dessa forma, promove, nas instituições de ensino, um distanciamento mais acentuado do conhecimento, em relação à realidade de que emerge.

Instala-se, então, na escola a ênfase sobre informações isoladas que passam a valer por elas mesmas e não por sua capacidade de ajudar o ser humano a compreender o mundo e sua realidade e a posicionar-se diante de seus problemas vitais e sociais. Descuida-se, igualmente, do processo de apropriação crítica e

inteligente do conhecimento e mais ainda de sua produção, uma vez que o ensino, em geral, centra-se na reprodução do conhecimento já produzido.

Conseqüentemente, o ensino deixa de formar cidadãos capazes de participar do processo de elaboração de novas idéias e conceitos, tão fundamental para o exercício da cidadania crítica e a participação na sociedade contemporânea, em que tanto se valoriza o conhecimento.

O enfoque interdisciplinar tem sua base em uma forma filosófico-educacional diferente, que se manifesta como uma contribuição para a reflexão e o encaminhamento de soluções às dificuldades relacionadas à pesquisa e ao ensino, e que dizem respeito à maneira como o conhecimento é tratado em ambas as funções da educação. (Matos, 2003)

A falta de contato do conhecimento com a realidade parece ser uma característica acentuada nas instituições de ensino. Os professores, no esforço de levar seus alunos a aprender, fazem-no de maneira a dar importância ao conteúdo em si e não à sua interligação com a situação da qual emerge, gerando a já clássica dissociação entre teoria e prática.

O objetivo da interdisciplinaridade é o de promover a superação da visão restrita de mundo frente à complexidade do real, ao mesmo tempo resgatando a centralidade do ser humano na realidade e na produção do conhecimento, de modo a permitir também uma melhor compreensão dessa realidade e do homem como ser determinante e determinado. (Lück, 1994)

A interdisciplinaridade não consiste em uma desvalorização das disciplinas e do conhecimento produzido por elas, mas como um caminho para elaboração do conhecimento. Isso faz com que um conhecimento dialogue com o outro, mas também faz com que ambos se modifiquem gradativamente. Morin afirma que:

“o problema não está em que cada uma perca a sua competência. Está em que a desenvolva o suficiente para articular com outras competências (disciplinas e conhecimentos) que, ligadas em cadeia, formariam o anel completo e dinâmico, o anel do conhecimento do conhecimento”. (Morin,1999. p.32)

O professor entra, necessariamente, nesse circuito; afinal, ele é o responsável pelas interconexões significativas entre um saber e outro, de modo que refletirá

sobre seu modo de pensar os conhecimentos, estabelecendo o sentido de integração consigo mesmo e dele para com a realidade, resultando em uma verdadeira jornada de conscientização. Esse diálogo é caracterizado por atividades mentais como: refletir, reconhecer, situar, problematizar, verificar, refutar, especular, relacionar, relativizar e historiar. Ele ocorre na interface entre uma e outra, e entre elas e o quadro referencial do indivíduo cognoscente, de modo que, por essa rotatividade, constrói um saber consciente e globalizador da realidade. (Lück, p.69)

A Interdisciplinaridade surge, então, para dar um contorno prático-pedagógico na teoria sistêmica ao pontuar que as disciplinas conversam e se articulam na medida em que o professor encontre um significado pessoal para isso. Não existe imposição, mas um convite natural, ao estudar seu percurso profissional, para que esta ampliação de sua visão disciplinar se torne interdisciplinar. Muitos professores já praticam este movimento sem se dar conta de que são interdisciplinares, porém, a sutil diferença está na atitude, pois a Interdisciplinaridade é uma categoria de ação.

- **Da prática pedagógica interdisciplinar [entra no sumário]**

“A exigência interdisciplinar que a educação indica reveste-se sobretudo de aspectos pluridisciplinares e transdisciplinares que permitirão novas formas de cooperação, principalmente o caminho no sentido de uma policompetência.”

Fazenda, 2001

A interdisciplinaridade nos induz a uma prática que pode conduzir a universos nunca explorados; essa é apenas uma das riquezas deste campo: entrar por várias portas, descobrir inúmeras possibilidades de condução da prática, redimensionando o papel da educação como uma ciência multifocalizada e pluridimensionada, em que a perspectiva da diversidade é exigida como pré-requisito. (Fazenda, 1999)

A partir dessa abordagem, a metáfora mais adequada que encontro é a do caleidoscópio, e vista desta maneira, a educação vai exigir que compreendamos o sentido maior e transcendente (talvez por isso mais radical) de nossa prática, que irá

requerer um cuidado técnico, ecológico, crítico, reflexivo, ético e estético, e não apenas uma simples retomada dos aspectos sociológicos e psicológicos que subsidiaram a educação no final do século passado e ainda se fazem presentes no início deste novo século.

Pesquisar a prática pedagógica tem sido a principal proposta do GEPI nos últimos anos. Fazenda (2001) focaliza em seus estudos que um olhar interdisciplinarmente atento recupera a magia das práticas, a essência de seus movimentos, mas, sobretudo, induz-nos a outras superações, ou mesmo reformulações. Exercitar uma forma interdisciplinar de teorizar e praticá-la na educação demandam, antes de qualquer coisa, o exercício de uma atitude ambígua. Estamos tão habituados à ordem formal que nos incomodamos quando desafiados a pensar em outra base, ou em uma nova ordem, em que a complexidade, as inter-relações, as aproximações, o contexto, a estrutura e o processo são fatores relevantes.

Um primeiro passo para aquisição conceitual interdisciplinar seria o questionamento e a reflexão das posições acadêmicas. Devemos abandonar as atitudes prepotentes, unidirecionais, que são fatalmente restritivas, impedindo-nos de tentar novas possibilidades. Essas atitudes acabam por obscurecer nosso olhar, imprimindo preconceitos frente ao novo.

Um outro passo seria uma reflexão sobre as práticas em sala de aula e as histórias de vida, nas quais aparecerão, de maneira inevitável, as competências latentes e não só as manifestas. Nesse sentido, ao entrar em contato com a história de sua vida, por meio da memória retida e ativada, o professor entra em contato com seu percurso e com a intensidade das buscas que empreendeu enquanto se formava, com as dúvidas que tinha e a contribuição delas para seu projeto existencial. (Fazenda¹⁴)

Portanto, a memória é um fator muito importante para o trabalho interdisciplinar com o professor, em que o projeto existencial é decisivo em uma tomada de atitude, pois é o que nos permitirá a análise e a projeção dos fatos. Um professor competente, quando submetido a um trabalho com memória, resgata e recupera a origem de seu projeto de vida. (Idem)

¹⁴ Anotações de aula e encontros do Grupo de Estudos e Pesquisas da Interdisciplinaridade. Sobre este assunto ver também Espírito Santo, Pineau e outros que trabalham com formação de professores.

Grande parte do trabalho e da pesquisa no campo interdisciplinar de Fazenda foi alicerçado nos estudos da psicologia analítica de Jung, porém esse foi um dos muitos aportes teóricos utilizados ao longo de suas pesquisas. A classificação abaixo, que ela mesma chama de preliminar, foi realizada apenas com o propósito de compreender diferentes óticas na questão das competências.

1. *Competência intuitiva* – o professor não se contenta em executar o planejamento elaborado: ele busca sempre alternativas novas e diferenciadas para seu trabalho. Assim, a ousadia acaba sendo um de seus principais atributos.

2. *Competência intelectual* – a capacidade de refletir é tão forte e presente nele que imprime esse hábito naturalmente a seus alunos. Analítico por excelência, privilegia todas as atividades que procuram desenvolver o pensamento reflexivo.

3. *Competência prática* – a organização espaço-temporal é o seu melhor atributo. Tudo ocorre conforme o planejado. Usa com requinte técnicas diferenciadas. Ama a inovação. Copia o que é bom, pouco cria, mas, ao selecionar, consegue bons resultados.

4. *Competência emocional* – uma outra espécie de equilíbrio é constatada no emocionalmente competente, uma competência de “leitura da alma”. Ele trabalha o conhecimento sempre com base no autoconhecimento. A inovação é sua ousadia maior.

Essas quatro competências descritas por Fazenda nos dão uma síntese do que seria o sentido de uma atitude interdisciplinar. Essa é uma atitude que, na alquimia que a Interdisciplinaridade exige, transcende a todas as competências e se aloja e se mescla nelas, fazendo parte de todas e de nenhuma em particular. O professor com a atitude interdisciplinar utiliza-se de todas as competências a cada momento. Preciso como um bisturi, ele corta, insere, retira e opera em um instante “kairológico”¹⁵ do processo de ensino e aprendizagem, oferecendo significado para

¹⁵ A dimensão psicológica não se orienta de acordo com o tempo cronológico, mas de acordo com o tempo “kairológico”. Tempo “cronológico”, tão bem representado pela ampulheta, é um tempo seqüencial onde passado, presente, futuro se posicionam em uma ordem total e absoluta, onde cada episódio é irretocável e irreversível sob todos os pontos de vista. Ao contrário do tempo cronológico, o tempo “kairológico” é o tempo

seus alunos e desenvolvendo o sentido do coletivo, da parceria e de grupo. É aquele que escuta olhando e enxerga ouvindo.

Considero esse professor interdisciplinar em parte como mítico, em parte como religioso, mas profundamente filosófico e científico. Nesse sentido, o professor já não mais se preocupa em somente passar o conteúdo específico de sua disciplina, mas em ver se seus alunos estão realmente compreendendo o significado delas. Esse professor dá mais valor ao processo de aprendizagem, e cada descoberta é um novo passo no caminho do conhecimento de ambos, transformando-os em pesquisadores.

Ainda é incipiente, no contexto educacional, o desenvolvimento de experiências voltadas para a prática intencional de construção interdisciplinar em que se evidenciam o professor e aprendiz pesquisadores. Em vista da falta de padrões de referência, existe também muita insegurança a respeito dessa prática. Surgem então questionamentos sobre a respeito do que seja ou não a prática, afim de que haja parâmetros de segurança para o entendimento da mesma.

Segundo Lück, para que a busca da interdisciplinaridade se constitua em um processo efetivamente interdisciplinar, é necessário que seja considerada como um movimento contínuo de superação de estágios limitados de significado e abrangência, isto é, que seja um processo e por isso mesmo sujeito procedimentos cautelosos e até mesmo inicialmente distanciados da interdisciplinaridade.

Assim, portanto, entende-se todo esforço orientado por uma intenção de construção da interdisciplinaridade como parte do processo contínuo, caracterizado por estágios sucessivos de significação cada vez mais abrangente, como uma verdadeira práxis, que vai ampliando o entendimento dos professores envolvidos, ao mesmo tempo que vai transformando a realidade pedagógica.

Lück também pontua que alguns esforços são necessários para que professores se engajem no processo de construção de uma prática interdisciplinar.

do “aqui e agora”. Nele só existe o presente; mesmo o passado e o futuro só existem no presente, ou seja, tudo é “presentificado”, independente de qualquer ordem seqüencial. Foi graças à compreensão que os gregos tinham do tempo kairológico que eles puderam inventar o teatro, onde fatos passados e futuros, distantes décadas uns dos outros são apresentados como instantâneos aqui e agora. Na perspectiva kairológica, passado, presente e futuro são apropriados, reinterpretados e re-inseridos instantaneamente no meu “aqui e agora”. Estas são notas nos encontros do GEPI.

O primeiro caracteriza-se pela construção de um trabalho em equipe, pelo estabelecimento do diálogo entre professores, de modo que conheçam os seus respectivos trabalhos. À medida que esse entendimento é conseguido, percebe-se que ele não basta, que é necessário questionar o próprio conhecimento e a forma como é produzido e trabalhado, características de um pesquisador.

O segundo passo corresponde ao estágio de maturidade coletiva dos professores. A prática interdisciplinar se expressa em diferentes níveis de profundidade em diversas escolas, não se devendo rotular como não sendo interdisciplinar a prática daqueles que se esforçam para tal, embora estejam ainda apenas dialogando entre si sobre seus conteúdos, sem estabelecer uma visão mais complexa da realidade.

Não há receitas para a construção interdisciplinar na escola. Ela se constitui em um processo de intercomunicação de professores que não é dado previamente e sim construído, a partir de encontros, hesitações e dificuldades, avanços e recuos, tendo em vista que, necessariamente, são questionados a própria pessoa do professor e seu modo de compreender a realidade no processo. Daí o porquê de seus altos e baixos.

Reconhece-se que, para o desenvolvimento da interdisciplinaridade, é fundamental que haja diálogo, comprometimento, participação dos professores na construção de um projeto comum, voltado para o ensino e o processo pedagógico visto com significado.

A força para essa mudança de pensamento está na educação e devemos trabalhar para a formação de uma cultura planetária, estimulando uma tomada de consciência para as soluções locais e globais.

Devemos nos empenhar na desconstrução de um discurso uníssono dentro da escola, do autoritarismo de cima para baixo, de saberes formais indiscutíveis, para um saber em que o multiculturalismo, aquele que se completa com o outro, seja a tônica para a evolução humana, transformando o homem de um ser local para um ser tanto cosmopolita quanto Kosmopolita¹⁶.

¹⁶ Refiro-me ao ser Kosmapolita com “K” para designar um ser que um dia poderá se relacionar com o Universo, através do desenvolvimento de sua espiritualidade e da transcendência.

Com relação ao multiculturalismo, conceito e atitude interdisciplinar tão importante para a consolidação dos princípios da Educação para a Paz, em que a diferença não é vista como deficiência, mas como mais uma forma de ser ver e estar no mundo, Foroni nos diz:

“Numa perspectiva de cultura brasileira, compreende-se o multiculturalismo como um ideal que não se restringe a uma expressão cultural etnocêntrica, mas que se afirma na diversidade e nas diferenças culturais. O espaço social é concebido como um território conflituoso de enfrentamentos culturais cotidianos em que as identidades e as tradições étnicas se reformulam, modelando-se e configurando novas identidades culturais. Neste sentido, a educação multicultural implica processo de reconhecimento e valorização de todas as manifestações culturais locais presentes na sociedade, buscando a integração e a convivência respeitosa entre elas, de tal forma que se possa potencializá-las, proporcionando a identidade cultural de diferentes povos e costumes. O espaço educacional é concebido como um lócus onde os personagens são sujeitos que se movimentam e se enfrentam, configurando e reelaborando suas próprias experiências. (Foroni, in Fazenda, 2006. p.180)

É com este esforço que conseguiremos uma Educação voltada para a paz. Paz entre os povos, mas principalmente uma paz interior.

Está lançado o desafio aos educadores, no sentido de que se esforcem por assumir uma atitude interdisciplinar que, acreditamos, associada ao empenho de mudar no exercício da prática, há de transformar o trabalho educacional e pessoal mais significativo e mais produtivo.

“A paz se cria, se constrói, na e pela superação das realidades sociais perversas. A paz se cria, se constrói, na construção incessante da justiça social.” (P. Freire)

III - A CONSCIÊNCIA GRUPAL: UMA ATITUDE INTERDISCIPLINAR A CAMINHO DA CONSTRUÇÃO DA SOLIDARIEDADE

“O pleno desenvolvimento do espírito envolve sua própria capacidade de ser reflexível para a passagem pelos vários tipos de consciência.”
Arnoldo de Hoyos

Para desenvolver um trabalho na escola sob o tema da paz temos que ter não só em mente, mas principalmente em nossas atitudes esse espírito de grupo e a consciência de grupo. Não é fácil, mas temos que começar de alguma forma a nos mobilizarmos para isso. Por exemplo, fazer as coisas com alegria, auxiliar os outros a ter felicidade do compartilhamento sem medo de errar.

Seria muito difícil, em um único trabalho, falar sobre um tema tão complexo e amplo. Dei até agora algumas noções que vivenciei na minha prática como psicopedagoga e pedagoga com a formação de professores, dialogando com todos os meus mestres, alunos e colaboradores. O percurso foi longo, árduo e ousado, mas gratificante, pois passamos por experiências e desafios que muito nos auxiliaram na transformação constante de visão de mundo, de pessoas e conseqüentemente de atitudes pedagógicas nas práticas em sala de aula em qualquer nível de ensino.

No entanto falta ainda mais um elemento a ser explorado: a transformação.

Para responder a essa questão, temos que em primeiro lugar questionar nosso modo de ver o mundo e o como entendemos a Instituição de Ensino onde trabalhamos. Temos de saber sobre a prática deste professor, ou seja como ele aprende e ensina; sobre o aprendiz, a comunidade, enfim, sobre tudo o que envolve o ato de ensinar e aprender, não só do ponto de vista formal de ensino, mas, sobretudo, do ponto de vista existencial da vida humana.

Conceitos tais como o de ecologia educacional, de sistemas, circularidade, totalidade, redes sociais, por exemplo, que falamos anteriormente, fogem do

entendimento de muitos profissionais ligados à área de Educação porque acharem que essas idéias não fazem parte do universo pedagógico.

Olhar o ensino sob o prisma transformador significa obter uma visão multifacetada, em que ao transformar os outros nos transformamos também. É intervir, sabendo que simultaneamente estamos sofrendo intervenções externas e sendo modificados pelos nossos atos por meio das inter-relações que estabelecemos com o outro e de uma intra-relação, ou seja, nossa relação com nós mesmos e com nossa prática, tanto do ponto de vista profissional quanto do ponto de vista pessoal.

Esse ponto de vista nos permite desenvolver uma consciência grupal que, através da reflexão sincera e profunda individual e coletiva, poderá nos dar essa condição de agente transformador.

Para percebermos os laços que conectam a Educação com a abordagem interdisciplinar, precisaremos examinar as relações do fazer educativo com as várias correntes educacionais. Notaremos que essa abordagem, embora nova em nosso consciente, já existe há vários anos.

Por exemplo, a década de 1960 evidenciou o interesse pelo ambientalismo, preocupando-se com a ecologia biosférica; as décadas de 1970 e 1980 intensificaram esse interesse criando espaços para a ecologia social. Infelizmente, a Educação não conseguiu acompanhar esse processo em todos os níveis e ficou apenas em uma abordagem superficial desses temas.

A escola, de um modo geral, longe de ser um lugar de desenvolvimento integral da pessoa, é o lugar onde, pelo contrário, se permite a todo cidadão adaptar-se à sociedade tal qual é, integrando-se em um sistema determinado. Ela é o cenário onde atuam diferentes personagens, desempenhando diferentes papéis altamente diversificados. São vários grupos (identificados como subsistema) de indivíduos interagindo: grupo familiar, a comunidade, o grupo de aprendizes, o grupo de profissionais que trabalham na Instituição e outros tantos grupos envolvidos no processo educativo.

Todos estes elementos atuam direta ou indiretamente na vida acadêmica no sentido de atingir o objetivo exigido pela sociedade: tornar o indivíduo apto a exercer sua cidadania por meio da Educação, tornando-se consciente de seus deveres e

direitos, assim como o de desempenhar sua função como profissional em um mercado de trabalho cada vez mais desumano e competitivo.

Dentro de uma abordagem transformadora, olhamos a escola como um sistema em constante interação com seu meio, em constante processo de trocas de experiência entre seus elementos e que recebe influências e influencia a todos os seus elementos, assim como a comunidade onde ela está inserida. Desse modo olhamos em vários níveis e perspectivas que tornam a escola um fenômeno vivo e por isso mesmo complexo.

Vemos, então a escola como um sistema, ou seja, um conjunto de elementos que dependem reciprocamente uns dos outros, de maneira a formar um todo organizado.

Ela é um sistema aberto em que existe um movimento de entrada e um de saída de elementos através de suas fronteiras. Para entender e promovermos a transformação da escola por intermédio de seus elementos, devemos entendê-la como um sistema que tem:

- **Estrutura:** representa a organização da qual um sistema é dotado para o seu funcionamento. Para que qualquer sistema exista e funcione como tal, é necessário que exista uma certa divisão das funções que os diferentes subsistemas precisam realizar; que se estabeleçam certas regras de funcionamento para decidir sobre as diferentes questões que vão sendo colocadas. Para isso, existem os limites ou fronteiras e as hierarquias. Por exemplo: grupo de classes, departamentos, cargos pessoais, etc.
- **Processo:** seriam aos aspectos relativos às regras que imperam no funcionamento do sistema e também ao momento evolutivo em que este se encontra. Na interação pessoal, ocorrem constantemente situações de comunicação nas quais são transmitidas mensagens que influem nos comunicantes, marcando um tipo de relação e comportamento. No seu processo de formação, são definidos os modelos de funcionamento que se transformam em regras que regem o sistema de forma implícita ou explícita. Quem dita as regras e como e qual é o processo de negociação são os elementos do sistema.
- **Contexto:** na instituição, há uma série de crenças que marcam seu funcionamento, tanto por parte dos profissionais e funcionários quanto por parte

dos alunos e suas famílias. Nesse sentido, os valores dos pais, no que concerne à educação dos filhos, são transmitidos à instituição e, por isso, as famílias esperam que a instituição de ensino responda às suas expectativas. Da mesma forma, os profissionais, imbuídos pelas próprias crenças, valores e experiências, pelo ambiente da instituição ou pela própria história da instituição, definem uma ideologia que marcará as regras de funcionamento de cada escola.

Assim como a Instituição, as pessoas também possuem um modo de se organizar externa e internamente, também estão em constante processo de crescimento físico, intelectual, emocional, afetivo, e espiritual e pertencem sempre a um contexto, é um ser social em um eterno vir a ser.

Fazemos parte de uma invisível e complexa rede social que consciente ou inconscientemente vamos tecendo. Essa rede social é um conjunto de caminhos, materiais e fictícios que, de maneira informal e espontânea, vinculam as pessoas entre si.

Compete às Instituições de ensino realizar o processo formal de evolução da sociedade, transmitindo o saber universalizado e desenvolvendo atitudes morais e éticas entre seus elementos.

Precisamos formar profissionais aptos a enfrentar esses novos desafios. Para que isso ocorra, será necessário formular um projeto pedagógico que priorize a realização do objetivo da formação de novo cidadão apto a resolver e mediar as questões complexas deste século.

Muito tem se falado e feito visando a alcançar esses objetivos, haja vista o número muito expressivo de cursos, palestras e convites de escolas para prepararem seus professores para uma nova sociedade. Porém, notamos com tristeza que pouco se faz ou se consegue fazer em sala de aula. Acredito que isso ocorra em virtude do ranço de uma educação por meio de fórmulas: o professor espera que os cursos de atualização, as palestras, as famosas oficinas transmitam fórmulas de como ensinar, sem se darem conta de que o que acontece com eles também está acontecendo com seus alunos.

É por isso que, com freqüência, ouvimos que o construtivismo, o sócio-interacionismo e a interdisciplinaridade são propostas muito difíceis de serem aplicadas e, quando algumas escolas as fazem, é sempre por intermédio de uma

“imposição” de cima para baixo, ou seja, por ordem da direção. Nessas condições, é provável que o professor não consiga aplicar o que “aprendeu” porque não ter conseguido incorporar e, como diz Fazenda, “habitar” os conceitos. Portanto, impingimos um aprendizado sem significado tanto para nossos alunos quanto para nossos professores.

Essa nova visão exige uma real transformação. Uma transformação baseada na interdisciplinaridade que envolve a mudança radical do sujeito. Essa mudança é de cunho intra e interpessoal, ou seja, uma questão de atitude. Requer que conheçamos em profundidade a nossa disciplina, entendamos como, por que e principalmente para que aprendemos, e como nos relacionamos com o mundo e com as pessoas.

Concluimos então que existe uma série intrincada de inter e intra-relações que vão favorecer ou dificultar as transformações do sujeito. Essas relações são de fundo complexo, entendendo-se complexo como um todo cujo os componentes guardam entre si numerosas relações de interdependência ou de subordinação e não como algo que se julga como complicado ou confuso. São dois conceitos diferentes e que são muitas vezes mal interpretados.

No dicionário *Aurélio (2006)* encontramos:

Complexo : 1) que abrange ou encerra muitos elementos ou partes. 2) observáveis sobre diferentes aspectos. 3) grupo ou conjunto de coisas, fatos, ou circunstâncias que tem qualquer ligação ou nexos entre si. 5) conjunto de interpretações ou idéias estruturadas e caracterizadas por forte impregnação emocional, total ou parcialmente reprimidas, e que determinam as atitudes de um indivíduo, seu comportamento, seus sonhos, etc.

Complicar: 1) reunir (coisas heterogêneas), 2) tornar confuso, difícil, embaraçar, enredar, 3) dificultar a compreensão ou a resolução.

Quando entramos no mundo pelo prisma do complexo, mergulhamos no mar das incertezas, do aproximado, do paradoxo, do ambíguo, do real construído com o outro, formando uma teia de relações. Temos uma relativa autonomia, mas ao mesmo tempo temos uma profunda dependência. Para podermos continuar existindo, precisamos estar em constante mudança, mas não de modo tranquilo, previsível, controlado, mas criativo, arriscado, ousado.

Dentro dessa visão de escola, percebemos uma profunda relação entre elementos, formando uma rede de trocas de informações, atitudes e conhecimentos. Experiências que vão, nesses encontros, transformando as pessoas por meio de um processo complexo e intrincado de se relacionar no mundo e com o mundo.

Porém, a transformação de que falo, dos profissionais que trabalham **na e com** a Educação e que deve ser um trabalho consciente do saber-se em processo de transformação e que implica na tomada de decisão na escolha de um caminho a se percorrer para tal transformação. Não é mais um processo inconsciente, mas sim um comprometimento com os fatores que auxiliam para que essa transformação ocorra.

A construção intra e interpessoal do professor exige o conhecimento do processo em processo, portanto complexa. Por motivos didáticos, passo a expor os atributos, as propriedades e características da complexidade da interdisciplinaridade, contribuindo para que dela tenhamos uma visão panorâmica, porém não reducionista.

A primeira propriedade da complexidade é a noção de **todo**. É que o **todo** é mais do que a soma das partes. Isso que dizer que quando nos unimos aos outros trocamos energias, idéias, desejos conscientes e inconscientes, carregamos nossas histórias de vida, nossas angústias, frustrações, esperanças, tristezas, alegrias, etc. E isso faz o grupo ser único. Quando um elemento falta, o grupo fica modificado.

Outra propriedade da complexidade é o da **não linearidade**, ou seja, a da **circularidade** das informações e trocas que vão se modificando e se transformando ao entrar em contato com os elementos em exposição. Como exemplo: “A” influencia “B” que por sua vez influencia “C” e que ao retornar ao “A” o transforma novamente.

A **dinâmica** é também uma das características e atributos da complexidade, sua forma é aquela de nunca ser a mesma coisa, é a possibilidade de sempre vir a ser. Essa visão provoca uma profunda angústia e ansiedade nas pessoas que estão acostumadas a sensação do eterno permanente, o que dá segurança e conforto porque sabemos o que vai acontecer depois e que, portanto, podemos controlar. Observamos o produto como processo e o processo como produto em um movimento **circular** ascendente com deslocamentos no espaço e no tempo.

A propriedade de ser **reconstrutiva** é uma outra característica da complexidade, ou seja, a pessoa jamais será como foi antes, não há retrocesso. É um processo **irreversível** (que também é uma característica de complexidade), sem volta. É um processo evolutivo que está inserido na noção de tempo: o tempo não volta. Utilizamos da memória para lembrar do tempo passado, porém, vivendo a lembrança dos fatos, criamos e re-criamos, contamos e re-contamos a nossa história com os olhos de hoje, com as experiências vividas no processo entre o ponto inicial da nossa história até o ponto do agora. Não somos mais o que éramos há um minuto. Essa dimensão nos remete para o sentido de aprendizagem, pois como já sabemos, aprendizagem não é o simples crescimento cumulativo, mas uma apropriação de natureza qualitativa, e essa qualidade não é reproduzível, mas sim desempenhável em cada contexto por meio de um ritmo subjetivo interpretativo. (Demo, 2002)

Uma outra propriedade da complexidade é a sua característica de ser um **processo dialético evolutivo**, ou seja, o cérebro humano levou milhões de anos para chegar ao estágio atual, e continua evoluindo. Ele possui uma inquestionável habilidade de selecionar e reconstruir fatos, idéias, conhecimentos.. É um processo, na minha maneira de interpretar, similar ao do Construtivismo: de assimilação e acomodação, transformando, “digerindo” e interpretando os fenômenos da Natureza e os objetos de conhecimento, que vão ficando cada vez mais complexos à medida que vamos nos apropriando deles.

Outro atributo da complexidade é o de ser **ambíguo e ambivalente**. Esse atributo desmobiliza e desestrutura os campos do saber que dominamos provocando dúvidas, inquietações e que nos estimulam a busca de um novo espaço de conhecimento. Sentimos uma sensação de tolhimento quanto às ordens impostas. O processo de metamorfose a que a ambigüidade e ambivalência nos conduzem é lento e exige de nós uma atitude de **espera vigiada** para que possamos acostumar nosso **olhar** e nossa **escuta sensível** ao novo campo do saber.(Fazenda, 1999)

Refletir sobre este percurso que é **paradoxal**, exercitando nossa capacidade de confrontar paradigmas, de analisar nossa prática sob outros critérios de avaliação, é parte fundamental do processo de elaboração da transformação do profissional que trabalha com a Educação e, conseqüentemente da Escola.

Esse procedimento exige de nós algumas atitudes: estudar com profundidade, exercitar a reflexão, substituir a obrigação pela satisfação, a arrogância pela humildade, o trabalho **solitário** pelo trabalho **solidário**, em que conceitos de cooperação e trabalho em grupo devem ser aplicados, a especialização pela generalidade, o grupo homogêneo pelo heterogêneo, etc. (Fazenda, 2001)

Tudo isso não é fácil. Requer uma ruptura parcial com a velha postura transformando-a em novas posturas. É admitir que construímos um mundo com o outro, em parceria.

Todas as realizações humanas são o resultado da cooperação em todos os campos do esforço humano: na política, na educação, na comunicação, nas artes, na Ciência, na religião e nas finanças. Quanto maior nossa colaboração para que elas se desenvolvam dentro da harmonia e cooperação, maior será o nosso sucesso, porém, quanto menor for nossa participação, maior será a nossa tensão, dor, sofrimento e fracasso. Por isso reservo um espaço para colocar minhas idéias sobre como poderemos desenvolver entre nossos professores uma consciência grupal em que a cooperação, a solidariedade e a harmonia, entre outros atributos, poderão nos auxiliar a implantar e implementar uma Cultura de Paz na sociedade por meio da Educação para a Paz na escola.

Acredito que a maior felicidade, alegria, saúde, prosperidade e futuro de um ser humano estão baseados no trabalho que ele realiza para outras pessoas: curando, iluminando, encorajando e dando oportunidades para outros crescerem.

Uma das formas de identificarmos as pessoas é pelos estágios de suas consciências. Por exemplo, aquelas que vivem para fazer a felicidade delas à custa da felicidade dos outros ou para fazer seus partidos ou nações felizes à custas de outros, e as que vivem para servir os outros e ajudar a tornar as pessoas saudáveis, felizes, prósperas e criativas. As primeiras lentamente terminarão suas vidas muito infelizes. As segundas aumentarão a dor e o sofrimento da humanidade e as terceiras apreciarão a vida e aumentarão a saúde, a felicidade, a prosperidade e a luz no mundo. Elas viverão felizes e serão capazes de agüentar muitas crises e calamidades na vida.

Existe, porém, um outro grupo de pessoas totalmente diferente das três acima. São as pessoas que servem às forças do mal que controlam a humanidade por meio do ódio, medo, raiva, ciúmes, difamação, maldade e separatismo.

É do meu interesse como professora orientar pessoas a distinguirem os vários tipos de consciência e agrupamentos e viverem livres, de uma forma menos prejudicial possível para si mesmo e para os outros. As pessoas devem aprender a não viver pelas suas posses e posições, com a finalidade de trazer uma felicidade real para a humanidade, como um grande mestre uma vez declarou: "Felicidade repousa em auxiliar a humanidade."

Acredito que aprendendo o verdadeiro significado da consciência de grupo – e aqui coloco grupo como equipe de trabalho visando ao bem comum, e não equipe como alguns profissionais de outras áreas que se introduziram no campo da educação, fazendo da escola uma instituição com fins altamente lucrativos, colocando o pedagógico em segundo plano. Nada tenho de contra, mas para mim a Educação está em primeiro lugar – pararemos de olhar para nós mesmos como um ser separado de todos os outros e começaremos a ver nosso elo com toda a humanidade, com a Natureza e o Cosmos. Nesta realização aprendemos a ciência e a arte da cooperação. Pessoas em toda parte estão finalmente percebendo que ter cooperação e uma consciência grupal é a verdadeira e única chave para o sucesso da nossa sobrevivência.

Um grupo é uma união de pessoas que têm um objetivo comum e que tentam esse objetivo por intermédio da cooperação, perseverança e abnegação. A intenção de cada membro é tornar o grupo saudável, feliz, próspero e seguro.

Uma família pode ser um grupo; uma igreja pode ser um grupo; uma nação pode ser um grupo. Até a humanidade como um todo pode constituir-se como um grupo global.

Mas o que estou falando é mais do que se constituir como grupo, é ter uma consciência grupal, mais do que a soma dos indivíduos, que por meio dos sinceros esforços, têm unido, fundido e harmonizado suas consciências com as de outros. Um grupo não é um verdadeiro grupo a menos que as consciências de seus membros estejam fundidas, unidas, harmonizadas umas com as outras. Isso se refere a ter uma única mente, ou consciência grupal.

“A consciência pode ser concebida como intencionalidade que visa, num determinado momento, o objeto de conhecimento, ou processo de conhecimento, ou os estados e comportamentos do sujeito conhecedor, tornando-se sujeito/objeto de si mesmo. A conscientização do conhecimento pode ser ensinada e transmitida como outros conhecimentos, mas em determinadas situações é necessária uma tomada de consciência pessoal. Sem dúvida, podemos auxiliar os outros a tomar consciência, mas a tomada de consciência significa mais que isso: ‘É um ato reflexivo que mobiliza a consciência de si, empenhando o sujeito numa (re)organização crítica do seu conhecimento ou mesmo num voltar a colocar em causa os seus pontos de vista fundamentais’.” (Hoyos, 2007 p. 123)

Consciência é, portanto, despertar dos outros. A consciência grupal é a percepção do seu *Self* real existindo dentro do *Self* real dos outros existindo dentro de você. O que quero dizer por “outros”? “Outros” são seus corpos físico, emocional e mental; sua família e sua nação; assim como toda a Natureza, o planeta, o sistema solar, a galáxia e o Cosmos.

Por considerar consciência o despertar da existência do outro, a consciência grupal é o despertar da existência do *Self* Uno em todos os outros. Alguns têm a ilusão de que apenas o juntar de pessoas forma um grupo. De qualquer forma, a maioria das pessoas não está pronta para se tornar membro de um grupo real. Precisam antes passar por um processo de conscientização, elas não podem ser forçadas a adquirir consciência grupal ou a se tornar membro de um grupo. Elas precisam estar maduras antes de se tornar um membro.

Acredito que a maior sabedoria para ensinar a humanidade a dar um passo para a Cultura de Paz é fazer a consciência grupal ser desenvolvida, começando com nossas crianças. Tenho a convicção de que a consciência grupal preparará pessoas para a paz universal, harmonia e cooperação.

Cooperação é uma relação de ajuda mútua entre indivíduos e/ou entidades, no sentido de alcançar objetivos comuns, utilizando métodos mais ou menos consensuais. A cooperação opõe-se, de certa forma, à competição.

A cooperação é uma Lei Cósmica, operando no Universo para levar adiante a construção de todas as formas de vida e guiá-las para sua evolução. Essa é a lei da criatividade, evolução e aquisição. Ela opera como o instinto da sobrevivência, como

afinidades e relações, e gradualmente como um processo de cooperação consciente. Ela é a lei da existência, saúde e felicidade.

Qualquer forma de destruição é causada pela retração desta lei. O ódio, animosidade, separatismo, interesse próprio e ganância são sinais de desintegração desta lei.

É por isso que para conseguirmos a paz tão desejada temos que nos esforçar para conseguir ter atitudes de solidariedade, compaixão por meio da cooperação mútua.

Ainda que a totalidade dos membros de um grupo se beneficie da cooperação de todos, o interesse próprio de cada indivíduo pode agir em sentido contrário. O clássico exemplo do “dilema do prisioneiro”¹⁷ codifica este problema, que tem sido objeto de pesquisas teóricas e experimentais. Estudos de economia experimental mostram que os seres humanos agem na maioria das vezes de forma cooperativa do que seria de esperar, tendo em conta as suas motivações pessoais egoístas. De fato, repetindo-se a situação do dilema do prisioneiro por vezes consecutivas, a não cooperação acaba por ser punida e a cooperação premiada mais do que se poderá depreender do resultado do dilema não repetido. Sugere-se, pois, que situações semelhantes motivem a evolução sócio-emocional nos animais mais desenvolvidos.

Segundo Saraydarian (1990), por meio da cooperação entre os seus elementos, a consciência grupal poderá ser desenvolvida pela adesão dos seguintes princípios:

- Os membros do grupo devem aprender o valor do respeito e praticá-lo uns com os outros
- Os membros do grupo devem promover um objetivo comum
- Os membros do grupo devem tentar trabalhar em harmonia uns com os outros, elevando o objetivo grupal e os objetivos individuais dos membros que não contradizem o objetivo grupal.
- Os membros do grupo devem proteger o grupo e seus companheiros
- Os membros do grupo devem encorajar e evocar forças para desenvolver grandes potenciais em cada um de seus elementos.

¹⁷ Ver anexo 4 no final do trabalho

- Membros do grupo devem aprender a ser primeiro tolerantes e depois complacentes com os outros membros do grupo, dando-lhes a oportunidade de se encaixar dentro do trabalho grupal;
- Os membros do grupo devem cultivar uma profunda sensibilidade à liderança do grupo, pela luz do objetivo grupal. Uma verdadeira liderança não exerce força para tornar os membros sensíveis a ela. Em vez disso, a liderança usa o princípio da liberdade e procura educar as pessoas para a importância da sensibilidade ao líder grupal;
- Membros grupais devem fomentar a alegria dos outros grupos. Acredito que somente em uma atmosfera cheia de alegria que grandes trabalhos são efetuados e a consciência grupal é desenvolvida. A alegria atrai elevados pensamentos e a criatividade. Ela cresce quando cada um dos elementos do grupo encontra suas responsabilidades e fica livre de sentimento de culpa pelas ações erradas.

Trabalhando com vários tipos de grupos, percebo que a consciência de um indivíduo e de um grupo se expande vagarosamente quando a pessoa e/ou seu grupo trabalha com objetivos e planos cada vez mais elevados, exercendo sucessivamente nesses planos grandes criatividade, disciplina e sensibilidade.

IV – CAMINHOS NO COLÉGIO *MAIOR*

“Se você não pode sentir-se uno com alguém,
isso significa que você não se aprofundou bastante
em seus sentimentos”¹⁸

Sri Aurobindo Ashram

Neste capítulo, contarei minha trajetória como diretora em uma escola onde esta posição deu-me a possibilidade de fazer uma tentativa de implantar um legítimo projeto da paz.

Para que este projeto fosse realmente implantado teríamos de fazer algumas alterações profundas não só do ponto de vista estrutural, mas também organizacional desta instituição. Os pontos por meio dos quais essas mudanças seriam feitas para a implantação do Projeto da Paz seriam os seguintes:

- Da mudança estrutural da formação curricular;
- Da Formação de professores;
- Da Escola de Pais;
- Da Cidade Educativa;
- Do Espaço Lúdico-sinestésico;
- Do Sino da Paz;
- Da Política de Inclusão.
- Da introdução da espiritualidade.

- **Introdução**

Todos nós que trabalhamos com educação sabemos muito bem que não é fácil entrar nas instituições humanas, sejam elas clubes, associações ou quaisquer outras. Imagine, então, a dificuldade de entrar nas escolas, onde há uma série de preconceitos e rivalidades, e entra em jogo a atuação profissional de seus elementos, a sua qualidade de ensino, ou seja, a qualidade do seu produto e, conseqüentemente, a sua reputação.

¹⁸ Do livro *Conversas com a Mãe*, página 23 1973 Editora Pensamento São Paulo

A escola, instituição que trabalha com o ser humano, onde seu produto final é a socialização da pessoa fornecendo princípios e valores para se viver numa sociedade e a divulgação de saberes, democratizando-os, ela com isso denuncia os problemas da criança, do adolescente, da sociedade e os seus próprios.

A sociedade, então, para sanar essas dificuldades, prepara profissionais que possam atuar sobre esses casos a partir de uma visão mais ampla, já que a escola não está correspondendo à demanda da sociedade para a formação de um indivíduo preparado para enfrentar os desafios contemporâneos. Entretanto, a formação de professores, atualmente, tornou-se insuficiente para a atuação na instituição escolar, pois esta requer, além de um conhecimento específico, um outro, mais complexo, como por exemplo, do ponto de vista de novas tecnologias educacionais. Além do que, esses profissionais, na sua maioria, não dispõe nem de tempo e nem de recursos financeiros para uma atualização mais profunda.

Sabemos que os seres humanos se unem pelo que têm de pouco (pela escassez, pelo medo e não pela abundância e segurança). A sociedade se liga mais pelas normas sociais do que pelo fator biológico. Também sabemos que é muito difícil trabalhar sem um referencial teórico adequado para abordar tais dificuldades que ocorrem na sociedade, e principalmente em uma instituição escolar. A Psicologia Social, nesse aspecto, tem muito a nos auxiliar no campo dos agrupamentos e das relações humanas.

Em uma instituição escolar, a rotina é repleta de desafios e incertezas; temos de *deduzir* as freqüências dos distúrbios de aprendizagem e sua duração, diagnosticando-as precocemente; *deduzir* as seqüelas e a deterioração provocada, trabalhando com a reabilitação; observar os distúrbios precoces (sinais); trabalhar com pais e professores na compreensão do ensino, da aprendizagem em geral e das dificuldades específicas da criança ou do adolescente; trabalhar com as famílias; perceber quais tipos de relações vinculares são estabelecidas entre pais e filhos, entre alunos e professores, entre dirigentes e professores; entre professores e seus pares, observar que tipo de leitura a escola faz dos profissionais e dos especialistas que ela contata (fonoaudiólogos, psicólogos e outros); verificar se ela acata e procura seguir certa orientação ou se refuta as idéias sugeridas engavetando as sugestões; observar que tipo de postura a escola tem com relação a esses

especialistas (como ela elabora sua crítica), em fim, a escola (digo as pessoas que a compõe) não consegue dar conta de tanta demanda.

Temos que observar as áreas conceituais e organizacionais dos estudantes e dos professores para podermos resolver as dificuldades específicas de aprendizagem e do ensino, assim como das áreas conceituais e organizacionais da escola. Observar **como** se produz a crise e não o **porquê** dela ter sido produzida.

Este quadro aponta que os processos educativos atuais ganham uma centralidade nunca vista até então. Não estou apenas considerando a escola formal, mas também a escola da vida que é constituída por outros espaços, experiências e saberes. A Educação herda, portanto, uma responsabilidade com um sentido cada vez mais claro de contribuir para o desenvolvimento humano e não apenas para qualificar os jovens e adultos para o mercado de trabalho.

Muitas escolas nos dias atuais estão marcadas pela lógica empresarial onde surgem os executivos, que ao perderem espaço nas multinacionais, por incompetência de produzir uma real transformação no ser humano que trabalha no setor corporativo onde a exigência de metas, produção e desempenho estão acima da condição humana; se enveredam pelos campos da educação e da saúde para explorá-lo de uma forma perversa e cruel visando a apenas lucro, *status* e fama dando 'aulas' de como devemos nos comportar frente ao ensino e a aprendizagem. Esta idéia infelizmente está se introduzindo silenciosa e lentamente entre nós em virtude da falta de pensamento crítico e reflexivo de nós educadores, fazendo-nos esquecer que o pedagógico está acima de qualquer ideologia partidária, e acima de interesse políticos e econômicos que visam ao lucro, confundindo desenvolvimento humano com produção e lucro desenfreados, minando a área pedagógica, chamando seu educando de cliente, seus professores de colaboradores e fazendo das Instituições de ensino uma prestadora de serviço para uma sociedade desumana e cruel onde a lei que predomina é o da competitividade através da esperteza.

Acredito que possa haver no binômio lucro e educação com uma parceria menos perversa e mais lucrativa para ambos os lados: uma trabalhando em prol da outra e não uma contra a outra.

Neste momento surge uma pergunta: mas afinal, o que é desenvolvimento humano senão a conquista de uma vida mais feliz, saudável, longa e conseqüentemente em paz consigo mesmo e com outros, o acesso a bens e serviços que possibilitem uma existência digna pessoal e coletiva por meio da educação?

Acredito ainda que desenvolvimento humano implica o acesso a conhecimentos úteis e a valores éticos, ao reconhecimento dos direitos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais somente construídos por meio da cidadania e participação coletiva.

Observando as características das relações humanas, percebe-se que ainda não sabemos trabalhar muito bem com as diferenças. Mas esse trabalho é fundamental para o professor, além de sua sensibilidade de compreender em que fase de evolução e maturidade seu aprendiz está em relação ao seu processo educativo. Temos também que entender os grupos humanos, como eles se agrupam nas famílias, se suas interações são regressivas, primitivas ou indiferenciadas, se elas servem de continente ou controle, se dão espaços para que os processos analógicos contribuam para a individuação e diferenciação dos seus elementos. Nas instituições, como grupo secundário, devemos observar como os indivíduos se agrupam, quais os tipos de relações vinculares são estabelecidas entre eles. E, definitivamente, nós profissionais da educação, não fomos preparados para isso.

O profissional da educação deve aprender a diagnosticar e atuar contra a estagnação da escola, por meio de uma postura reflexiva e pesquisadora dos eventos em andamento, aliando seus conhecimentos teóricos a sua formação na área.

Portanto, o campo da Educação é amplo e complexo como dito acima, e requer do profissional que nele atua uma habilidade específica para poder trabalhar adequada e satisfatoriamente **com** e **na** instituição escolar.

Tendo como referência a Ecologia, que *“vê o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão profundamente interconectados e são interdependentes”* (Capra, 1997:26), e reconhecendo o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebendo os seres humanos como transformadores e participantes de uma maneira especial e particular da vida e da

História, a escola deixa de ser um depósito de crianças e adolescentes para ser um ambiente vivo de relações onde deverá desvelar os talentos escondidos de cada um.

O processo de formação dos profissionais que se aventuram a trabalhar com a Educação e com a saúde mental requer um esforço ainda maior de deslocamento de pensamentos e atitudes que vão se construindo na prática. Entretanto, essa prática é complexa, abrindo um leque de modelos e abordagens igualmente complexos.

Todos os que querem seguir por esses caminhos devem refletir sobre o percurso paradoxal que a formação inicial impõe ao caminho que se quer seguir e vai experimentar. Ao exercitarmos nossa capacidade de confrontar modelos, de analisar outros critérios de avaliação de nossa práxis, vemos que isso é parte fundamental do processo de elaboração da transformação do indivíduo em um outro profissional: o profissional interdisciplinar voltado para o desenvolvimento e evolução do humano.

Este exercício exige de nós o estudo com profundidade das várias teorias que embasam este conhecimento que são muitas vezes desconhecidas, quando não distorcidas pelos iniciantes, e adotarmos uma postura própria da área: de observador e investigador do nosso objeto de estudo e de nossa atuação.

Quando entramos em contato com um novo saber, iniciamos um processo em que não sabemos aonde vamos chegar; o caminho que percorremos depende de nossa vivência pessoal e acadêmica e, com ela, determinam-se as tendências filosóficas e científicas que seguiremos. É nesse encontro com diferentes teóricos, diferentes ramos do conhecimento e nossa prática que nos construiremos e nos desenvolveremos como profissionais interdisciplinares.

Dessa forma, iremos estabelecendo “sinapses” que transformarão nossas atitudes, antes lineares e causais, em redes e conexões cujas intersecções implicarão outras formas de pensar e agir. Dessa forma, passo a passo, nossa consciência se tornará mais esclarecida sendo possível superar a ignorância e a violência atual e nos tornemos civilizados finalmente.

- **Caracterização da Mantenedora¹⁹**

Fundada em 1997, por um grupo de empresários preocupados com a qualidade da Educação brasileira, o Instituto Maior é uma instituição sem fins lucrativos, declarada de utilidade pública federal (Portaria no. 1522, de 8 de novembro de 2002) que trabalha para elevar o nível do ensino em nosso país, a partir da pesquisa e do desenvolvimento de novos modelos educacionais.

Além de criar uma escola modelo – o Colégio Maior – e desenvolver um fundo especial de bolsas de estudo para alunos que freqüentam, o Instituto contribui para a formação continuada de mais de 2.500 educadores da rede pública – Municipal e estadual – no município de Cotia/SP e regiões adjacentes.

Os fundadores e mantenedores do Instituto Maior sonham com o dia em que os esforços conjuntos da Sociedade Civil, Governo e Setor Privado permitirão que todas as crianças e jovens do Brasil tenham o direito a uma educação de qualidade.

- **Caracterização do Colégio²⁰**

Trabalhando para formar líderes de amanhã comprometidos com a ética e a Cidadania Universal, o Colégio distingue-se pela sua filosofia educacional e proposta pedagógica. São três os eixos em torno dos quais se desenvolve essa proposta: o crítico, o ecológico e o sistêmico. A teoria das Múltiplas Inteligências, o Ensino para a Compreensão e a Metodologia de Projetos são referências do trabalho nesta escola.

A visão transdisciplinar confere unidade, harmonia, significado, prazer e pragmatismo ao exercício de aprender. Trata-se de “aprender a aprender” tão vital nos dias de hoje em que o empreendedorismo, o senso crítico. A ética, a iniciativa, as competências múltiplas e a proatividade são altamente valorizados no perfil de profissionais no mundo inteiro.

Ainda dentro da filosofia educacional do Colégio, os alunos são estimulados a descobrir e desenvolver suas potencialidade e habilidades nas diversas áreas do conhecimento humano. O uso de tecnologia de ponta integrada à educação dá ao professor, cada vez mais, um papel de tutor e facilitador, auxiliando o aluno a

¹⁹ Por questões éticas o nome da instituição é fictício. Usarei o nome de Colégio Maior para me referir a esta instituição de ensino.

²⁰ Extraído do plano escolar do colégio.

estabelecer relações, redes entre o conhecimento e sua função social. Diante do dinamismo das informações nos dias atuais há uma necessidade de desenvolver habilidades de seleção, qualificação, de planejamento e pesquisa, critérios que o colégio proporciona de uma forma reflexiva.

Ele está localizado em 40 mil metros quadrados de área verde. Seu projeto arquitetônico obedece a especificações de seu projeto pedagógico e seu parque tecnológico completa o perfil de excelência em educação. O corpo docente passa por um processo cuidadoso de formação continuada para atender aos desafios de seus elevados parâmetros pedagógicos.

Dada a amplitude dos cursos oferecidos, que vão desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, temos alunos desde três anos incompletos até 18 anos de idade. Os alunos são provenientes de famílias que residem na região, mas também é marcante a presença de famílias de municípios vizinhos. Essas famílias contam, em sua maioria com pais e mães que trabalham em vários ramos de atividades, tendo praticamente em sua totalidade, formação universitária, distribuídos entre profissionais liberais e executivos de grandes empresas.

Princípios:

1. Compromisso de todos: sem envolvimento
2. Alinhamento: a organização é um reflexo do preparo e da forma como se articulam as pessoas que compõe os seus grupos de interesse (interno e externo)
3. Exemplo: relações de confiança são frutos do cultivo diário de confiabilidade de parte a parte
4. Integridade
5. Busca de Excelência
6. Transparência
7. Espírito de Cooperação
8. Aprendizado Permanente
9. Desenvolvimento dos potenciais do indivíduo *versus* Assistencialismo
 - Sem envolvimento não há compromisso.

O Projeto da Paz na Escola Maior: um sonho ou uma realidade?

- **Problemas, dificuldades e sugestão de plano de ação.**

O projeto para implantação de uma Educação para a Paz nesta escola é baseado nos seus princípios e na sua filosofia. Após a leitura criteriosa do Plano Escolar do colégio e encontros com o corpo docente e famílias dos educando, elenquei alguns pontos importantes. Em nenhum momento que permaneci no colégio (precisamente 18 meses) tive a intenção de modificar seus princípios, sua filosofia e seu embasamento científico ou alterar seus valores, pelo contrário, este projeto para a paz surgiu exatamente para podermos dar conta das muitas demandas e das dificuldades relacionais que o colégio passava. É interessante notar que as dificuldades de relacionamento no colégio eram de ordem interna (entre os funcionários) e externa (entre os funcionários da escola e os pais). Isto quer dizer que a “violência” que eu presenciava era entre os adultos e não entre os estudantes.

Comecei com uma avaliação e diagnóstico que pontuavam o seguinte:

- Uma alteração na estrutura curricular do colégio já que este, paradoxalmente, estava formatado em uma visão de escola tradicional e disciplinar embora estivesse trabalhando com projetos (que também apresentava uma visão distorcida sobre ele)
- Um grande número de pais insatisfeitos com o programa de ensino de 2005.
- Orientadores pedagógicos e educacionais (chamados de OPEs) despreparados para ajudar a solucionar esta questão.
- Forte resistência deste pessoal para aceitar o novo, tanto do ponto de vista pedagógico quanto do ponto de vista da mudança de liderança.
- Comunicação distorcida e desencontrada quanto ao planejamento escolar e avaliação deste processo. Aliás, paradoxalmente também, esta é uma grande dificuldade entre pais e equipe pedagógica. Por mais que se explique para alguns

pais como foi o processo de ensino da escola, estes não conseguem entender e continuam achando o ensino fraco. Por outro lado, o mesmo acontece com os professores que acham que o ensino é bom. Isto sugere um encobrimento de atitudes que tanto um quanto o outro não acreditam no que se fala. Distorção entre o que se faz, com o que se fala e com o que está escrito.

- Tensão exacerbada da equipe pedagógica quanto a críticas e sugestões pedagógicas.
- Grupo de professores extremamente reativos e demonstrando uma “pseudo” colaboração. Isto sugere um grupo com sintomas claro de medo e insegurança, refratário a qualquer intervenção. Em virtude disso, não demonstra ser um grupo cooperativo.
- Enfrentei grandes tensões entre pais e equipe pedagógica. Pais insatisfeitos com professores e professores insatisfeitos com a “cobrança” e desconfiança dos pais.
- Grande resistência por parte da equipe pedagógica quanto ao ensino do idioma Mandarim. Primeiro pela escola não ter identidade definida, por desconhecerem a metodologia de ensino deste idioma e pela dificuldade de comunicação.
- A total falta de conhecimento do corpo pedagógico do que seriam os três eixos basilares (crítico, ecológico e sistêmico) e como poderiam articulá-los. Os professores fundadores tiveram 300 h/aula com o grupo da Escola do Futuro. Destes iniciadores apenas duas estavam ainda na escola, mas nunca mais tiveram outras orientações, muito menos uma supervisão curricular.
- Desconheciam também o que realmente seria a transdisciplinaridade. Ressalto aqui que o CETRANS da USP em parceria com a Escola do Futuro foi quem escreveu todo o referencial teórico do colégio. Na ocasião de minha entrada no colégio entrei em contato com eles e me foi informado que eles estiveram apenas uma vez para uma palestra sobre o

assunto. Com isso, o corpo docente foi se desarticulando ao longo dos anos.

- As famílias nunca tiveram uma explicação adequada sobre como implantaram e implementaram as propostas filosóficas e como essas eram articuladas com o currículo, provocando desconfiança.
- Como o corpo docente não tinha embasamento teórico sobre a filosofia da escola, as distorções pedagógicas inevitavelmente começaram a surgir e as famílias, por desconhecimento e por uma matriz pedagógica tradicional começaram a questionar o ensino. Com isso as famílias foram se afastando da escola.
- Não existia um projeto político pedagógico para o grande problema de inclusão. Existia na escola um grande número de estudantes com distúrbios emocionais de vários níveis, dificuldades de aprendizagem nas mais diferentes modalidades que iam desde defasagem de conteúdo até graves problemas cognitivos. Isso se deu em virtude de pais, descontentes com o ensino divulgarem na região que este era “fraco” e por isso as escolas que eram consideradas mais fortes da região indicavam o colégio para essas famílias.

Estes eram alguns dos desafios que eu tinha que enfrentar para poder fazer com que o colégio sobrevivesse e crescesse.

Após ler o planejamento escolar e fazer um diagnóstico sugeri algumas ações tendo como princípio norteador a Educação para a Paz:

Sugestões de plano de ação:

- **Adequação** do planejamento e avaliação ao regimento escolar. Para setembro, novo encontro com o assessor técnico para alteração do regimento quanto à avaliação.

- **Adequação** do currículo e da união das séries redistribuindo os OPEs em outra configuração
- Encontros semanais com OPEs e professores para que conheçam e se familiarizem com um planejamento e uma avaliação mais ágil para evitarmos distorções quanto à interpretação da avaliação dos estudantes.
- Em todas as entrevistas e reuniões com pais e OPEs estive presente para auxiliar e dar suporte para equipe pedagógica. Devo acrescentar que em nenhum momento das reuniões com pais os Coordenadores estavam presentes, embora tenham sido convocados.
- Auxiliar na efetiva implantação do ensino do idioma Mandarim na escola para criar uma identidade do colégio.
- Investir na capacitação dos educadores. Para isso montamos um plano de curso e uma metodologia de formação de uma equipe de professores pesquisadores na área de inter e transdisciplinaridade.
- Auxiliar o Instituto que mantém o colégio na articulação pedagógica entre Colégio, Núcleo e Centro de Pesquisa.
- Incrementar e divulgar a identidade do Colégio e de sua equipe, que se encontrava fragilizada.
- Devolver e criar uma nova relação entre a equipe pedagógica e pais. Sem medos e conflitos de ambas as partes.
- Atendimento **imediato** aos pais e professores quanto a tensões e conflitos de opiniões.
- Dar suporte e desenvolver junto à equipe um ambiente harmonioso, alegre e feliz onde todos nós possamos trabalhar **juntos** em prol do desenvolvimento da comunidade escolar. Nisso incluo todos os elementos que aqui trabalham.
- Criação de uma escola de pais (para uma aproximação deles com a escola) onde seria o espaço para apresentação e alinhamento entre

escola e família sobre a filosofia da escola e também para discussão sobre relações familiares.

- Reformulação do Projeto de inclusão de crianças com necessidades especiais.

Sugeri, na época, que começássemos então pela formação de professores. Apresentei um projeto em fevereiro de 2006 (dois meses após minha entrada), mas este só começou no ano seguinte depois de muita insistência e com a colaboração apenas de Manolo Vilches, coordenador pedagógico que entrou na instituição em agosto de 2006.

Enquanto isso não acontecia, comecei fazendo a distribuição das séries e das disciplinas para que os professores e OPEs pudessem começar a visualizar uma nova dinâmica.

- **Da formação e distribuição das séries e das disciplinas**

Tendo o Colégio a proposta de uma visão transdisciplinar, uma visão emergente e um campo de pesquisa de uma nova ciência, e já colocada no projeto de formação continuada de professores, esta proposta tende a articular a formação dos profissionais do Colégio com suas práticas, ou seja, colocar na prática o que está proposto no plano escolar 2005-2008, sendo que este plano deverá sofrer alguns ajustes para que se cumpra e se articule o que se escreve com o que se faz.

Da teoria à prática

Embora fosse extremamente ousada a proposta que fiz abaixo acreditava que deveríamos reorganizar a distribuição das funções dos OPEs. É um plano para ser implantado de acordo com a necessidade do corpo docente e de acordo com a aceitação, assimilação e acomodação dessas novas idéias. Esta proposta era para ser pensada e discutida e, se aprovada, implantada vagarosamente de acordo com a capacitação contínua de todo o corpo pedagógico.

- **MUDANÇAS NA ORGANIZAÇÃO DOS CICLOS**

Com o intuito de dar continuidade ao decidido no final de 2005 ao elaborarem a LINHA DO TEMPO DO ESTUDANTE, e atender às necessidades da proposta matricial do Colégio elaborei um esquema de implantação pedagógica desta proposta que segue abaixo:

1. **Sistema pedagógico da Educação Infantil e elementar chamado de ciclo 1:** do G1 a 2ª. Série do fundamental I (são os seis anos de formação básica infantil. É um preparo para o ensino formal e sistematizado)
2. **Sistema pedagógico da Educação intermediária chamado de ciclo 2:** da 3ª. Série a 6ª. Série do fundamental II (são os cinco anos de formação intermediária como preparação para o Ensino Médio)
3. **Sistema pedagógico da Educação Média chamando de ciclo 3:** da 7ª. Série do Ensino Fundamental a 3ª. Série do EM.
4. **Criação de um Sistema Lingüístico – Cultural:** formado por professores das várias áreas: artes plásticas, música, novas tecnologias e línguas, em que estariam produzindo material específico para a formação **transcultural** dos estudantes para que este se transforme num cidadão do mundo: ser um **COSMOPOLITA**.
5. **Criação de um Sistema Lógico-Matemático** formado por professores das disciplinas de exatas (Matemática, Física, Biologia, Química) para produzirem material pedagógico para todas os sistemas pedagógicos da escola. Não mais seriam dadas as disciplinas: matemática, química, física, biologia, etc, mas uma complexa rede de informações em que uma “disciplina” (que denomino campo específico de saber científico) depende de outra, formando um complexo sistema de compreensão do conhecimento.
6. **Criação de um Sistema de Humanidades**, formado por professores de História, Geografia, Filosofia que estariam também criando materiais para a integração formal do conhecimento atual e clássico para a formação do **SUJEITO COSMOPOLITA**.

Nota:

Embora exista a linguagem matemática e das disciplinas chamadas de exatas, estas ainda não serão incluídas nesta fase, assim como as disciplinas do Sistema de Humanidades. Isso será introduzido em fase posterior, sem data marcada, pois dependerá do processo de formação do corpo docente. É de nossa intenção fazer a integração dessas disciplinas eliminando gradualmente o sistema curricular formal sem que com isso se elimine o conteúdo do programa formal de ensino. Tendo em vista a transdisciplinaridade, a complexidade e os três eixos basilares deste pensamento.

SUJEITO: *do ponto de vista do pensamento moderno: o eu pensante, consciência, espírito ou mente enquanto faculdade cognoscente e princípio fundador do seu próprio conhecimento. Porque ele será seu próprio objeto e sujeito de sua própria aprendizagem. Ele será ao mesmo tempo observador e observado de sua própria prática. (Huaiss, 2635)*

COSMOPOLITA: *oriundo ou próprio dos grandes centros urbanos, das grandes cidades. Que recebe influência cultural de grandes centros urbanos de outros países. Que se assemelha a outros grandes centros urbanos, apresentando características análogas. Aquele que se adapta rapidamente e com facilidade ao modo de vida dos locais por onde passa sem perder sua identidade, nisso inclui não só as grandes metrópoles, mas também a qualquer pequena comunidade. (Huaiss, p.853)*

COSMOPOLITISMO: *É aquele que tem afeição, interesse por tudo o que provém de ou que caracteriza os grandes centros urbanos. A verdadeira natureza humana, cujo pertencimento à humanidade – cidadania mundial – supera qualquer vinculação a um Estado específico (no cinismo e estoicismo na antiga Grécia). Na versão Kantiana, dissolução das fronteiras nacionais que caracteriza a culminância do desenvolvimento histórico da humanidade, decorrência de uma racionalidade plena e da pacificação nas relações humanas. (Huaiss, p. 853)*

Desta forma, teríamos um **Coordenador Pedagógico Geral** e três auxiliares de coordenação (chamados de CP) para dar suporte aos professores. Esses auxiliares de coordenação estariam vinculados diretamente ao cotidiano do

professor auxiliando o coordenador pedagógico nas tomadas de decisões quanto aos conteúdos de cada sistema e de cada série.

A escola poderia ter um **Orientador Educacional** para, entre outras atribuições, trabalhar com projetos com todos os sistemas, mas com ênfase no sistema intermediário e dar suporte tanto aos alunos quanto ao corpo docente na transição entre os sistemas.

A escola poderia ter um **Psicopedagogo** para planejar, organizar, orientar pais, crianças e professores no atendimento a casos especiais de aprendizagem.

Tanto o Orientador Educacional quanto o Psicopedagogo estariam intimamente articulados com o Coordenador Pedagógico, Auxiliar de Coordenação (atualmente chamado de OPEs) e Direção na assistência aos estudantes e suas famílias.

A função da MEDIATECA seria a geradora de informação auxiliando na formação da transculturalidade dos estudantes e de todo o corpo docente, articulando os projetos em uma proposta transdisciplinar de ação, distribuindo sugestões de atividades entre as séries, sendo agente integrador entre as disciplinas nos projetos transversais. Auxiliando assim na construção (parcial, claro) Sujeito Cosmopolita.

Depois desta minha viagem através do meu sonho com relação à Educação e ao desejo de pensar no futuro, vamos à realidade formal e das possibilidades reais do aqui e agora:

1. pensar na formação de professores.
2. rever procedimentos, atitudes e conteúdos das disciplinas, articulando as rotinas diárias dos estudantes, revendo as prioridades que no meu ponto de vista é criar uma nova rotina escolar em que se otimize o tempo e o espaço da permanência do estudante e do professor.
3. refletir sobre todo material pedagógico elaborado até agora e reorganizá-lo de forma mais “palatável” para os estudantes e pais.

Para isso, será necessário investir muito tempo, mas não necessariamente dinheiro, se fizermos algumas adequações e reorganizações dos papéis e funções do corpo docente.

As funções e papéis dos OPEs (agora chamados de CPs) e dos professores estão vinculados à apreciação do setor de Recursos Humanos já iniciados e a espera de definições.

Como vocês podem ver, existe uma profunda relação entre todos os itens colocados e preciso contar com uma equipe qualificada para colocarmos em prática o que está escrito. Isso demandaria tempo para execução.

SÉRIES	CICLO	NOME	COORDENADOR
G1 a 2 ^a	Ciclo 1	Inicial de Escolaridade	Maria Aparecida
3 ^a a 6 ^a	Ciclo 2	Intermediário de Escolaridade	Manolo Vilches
7 ^a a 3 ^o E. M	Ciclo 3	Ciclo Final da Escolaridade	Paulo Roberto

Linha do Tempo²¹

G1	G2	G3	G4	1^a.	2^a.	3^a.	4^a.	5^a.	6^a.	7^a.	8^a.	1^o.EM	2^o.	2^o.
3anos de idade	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
1^o. Ano de escolaridade	2^o.	3^o.	4^o.	5^o.	6^o.	7^o.	8^o.	9^o.	10^o.	11^o.	12^o.	13^o.	14^o.	15^o.

Nesta proposta, até o final de sua escolaridade, o estudante deverá ter formalizado além do especificado na LINHA do TEMPO, competências, e habilidades específicas para sua plena atuação como estudante, e que poderá dar continuidade aos estudos universitários com segurança e autonomia.

Pretendia-se, em uma segunda fase, dar ênfase às artes: plásticas, físicas e musicais. Para isso estudou-se a possibilidade de montar um projeto para atender

²¹ Ver anexo para mais detalhes

ao desenvolvimento dessas modalidades, já que estão incluídas na LINHA do Tempo.²²

- **Da formação dos Professores do Colégio**

A maioria das escolas investe grande parte de seu tempo na capacitação de seu corpo docente já que a formação inicial de cada um é bem diversificada. Como buscamos sempre uma melhoria no ensino, acredito que este é um fator determinante para atingirmos o grau de excelência almejada. A formação de professores em serviço implica em ações complexas onde práticas e teorias se fundem. Portanto, é um processo contínuo de ação e reflexão.

Falar de formação e atuação de professores é navegar na incerteza. É dar-se conta de nossa fragilidade frente à complexidade dos fenômenos que são nossos objetos de estudo: a aprendizagem e as relações humanas. É aprender que, ao nos depararmos com as dificuldades de aprendizagem e de relacionamentos do outro, estamos também trabalhando com as nossas próprias dificuldades. É saber que temos de aprender a conter nossas angústias, inseguranças e ansiedades frente ao novo e ao desconhecido. E, além disso, devemos estar conscientes de que cada indivíduo é um universo, como nós, fechado e inviolável, e que só algumas vezes, como “*flashes*”, temos uma parca visão do outro, através de uma explosão de seu inconsciente, consentindo em ser olhado. Isto é ser interdisciplinar

Falar sobre a formação de professores é falar sobre todo o nosso aprendizado ao longo da vida, é rever-se como pessoa em todos os âmbitos: social, afetivo, emocional, intelectual, cognitivo; é analisar nossa vida como um “histórico escolar”, no qual, muitas vezes, existem mais fracassos do que vitórias. Esta é uma atitude *interdisciplinar*.

“Mas a aventura maior de perceber-se interdisciplinar e pesquisar as possibilidades da Interdisciplinaridade revela-se sempre no cuidado e no critério da escolha dos caminhos a percorrer na execução de um projeto de trabalho. Entretanto perceber-se interdisciplinar e pesquisar a Interdisciplinaridade é,

²² Ver anexo sobre a Linha do Tempo do Estudante

sobretudo, acreditar que o outro também pode ser ou tornar-se pesquisador da Interdisciplinaridade” (Fazenda, 2001: 78).

Utilizando-me dos pensamentos de Fazenda, acredito que se perceber como educador exige tais critérios e cuidados na escolha dos caminhos a percorrer no processo de intervenção educacional, e isso só é possível quando entramos em contato com vários saberes; é acreditar que somos autores de nossa vida, querendo ou não, e que o outro também o é. O que precisamos é poder ser e saber que somos por meio da nossa autorização de autoria. É ter a consciência de que assinamos a nossa própria obra de vida todos os dias; é assumir-se como pessoa, com equívocos e acertos. Isto é ser interdisciplinar.

"Em nosso exercício diário de nossa formação e da formação do outro, o importante tem sido verificar que a razão não é apenas a capacidade de pensar, mas uma forma de produzir pensamento sistemático mais elaborado, e o caminho que vimos perseguindo é o de pensar o objeto utilizando todo o conhecimento disponível sobre ele, seja real (concreto) ou teórico (abstrato). Isto é interdisciplinar.” (Fazenda, 1999(a):83)."

Acredito que o fato de não sabermos direito o que fazer quando concluímos um curso de formação ou quando estamos nos anos iniciais da prática, está intimamente ligado às questões filosóficas e a maturidade com relação a nossa própria vida. Foi o que aconteceu comigo e acho que é o que acontece, talvez, com muitos profissionais neste período. Tive de rever todo o meu fazer pedagógico, minha formação inicial, para depois começar a pensar em uma nova fase de construção do meu conhecimento.

Essa revisão pessoal provocou em mim um grande desconforto, que me levou à busca de novas idéias e diferentes saberes.

Ivani Fazenda na década de 1990 já nos alertava sobre esta questão dizendo:

"... substituir ou alterar a obrigação pela satisfação, a arrogância pela humildade, a solidão pela cooperação, a especialização pela generalidade, o grupo homogêneo pelo heterogêneo, a reprodução pelo questionamento do conhecimento, me conduzem a uma nova postura e atitude profissional que é única e original, própria das pessoas que pensam interdisciplinarmente” (Fazenda, 1991: 83 e 113).

Esse não é um conceito fácil de se compreender e muito menos de se aplicar. Requer uma ruptura parcial com velhas posturas, transformando-as em novas, e isto quer dizer: mudar sua maneira de se portar frente ao mundo e frente às pessoas.

Estabelecer conexões é admitir que construímos um mundo com o outro, em parceria (uma das categorias da Interdisciplinaridade²³). Essa parceria me remeteu a outras reflexões. Uma delas é que a primeira parceria deveria ser comigo mesma e que nos encontramos com o outro em pequenos “*flashes*” de solidariedade e de amor, momentos de compaixão para com o diferente, totalmente igual a nós.

“Mais ainda, a consciência de que existem ‘probabilidades de conexões’ deverá nos conduzir crescentemente para o domínio das artes com a clareza de que poderemos produzir novas conexões com as tintas ao pintar um quadro, com a argila ao criar uma peça, com as palavras ao fazer uma poesia, e assim por diante...É o ser humano produzindo novas conexões, produzindo beleza, como já o fez com ‘Monalisa’ e tantas outras obras de arte.” (Espírito Santo, 2006. p. 64-65)

Construir em um mundo já aparentemente construído, mas que está também em processo de construção, constituindo isso um fato que só faz sentido para mim, é paradoxal, já que no início essa situação não fazia sentido nenhum e me produzia angústia e solidão, mas, aos poucos, minha visão foi se acomodando, a posição das coisas foi se alterando, o enfoque transformou-se, como se uma lente desfocada que gradativamente fosse se acostumando com o fazer e o agir, e fui me apreendendo e aprendendo com os “fiapos” dos outros a formar minha rede intelectual, profissional, social e afetiva. Isso é desenvolver e apurar a escuta e o olhar.

No começo, percebem-se grandes lacunas, buracos, mesmo, mas que aos poucos vão sendo preenchidos, tornando a tecitura da rede mais junta, com mais significados, mais amarradas, mas, paradoxalmente, mais leve, suave e flexível. Tem-se a sensação de que quanto mais aperta o nó dos nossos laços intelectuais e afetivos, mais frouxos e sutis eles ficam e outros nós surgirão em uma explosão incontrolável de construções a se desconstruírem.

²³ Ao longo do estudo da Interdisciplinaridade destacam-se diversos princípios que acabam por caracterizar a atitude interdisciplinar; a parceria é um desses princípios, juntamente com a espera, a humildade, a ousadia e tantas outras que apareceram nesta obra.

Sobre essa techedura, então, surgirá, sobreposta, a estampa multicolorida dos relacionamentos estabelecidos com os vários saberes, várias pessoas, inúmeros encontros e desencontros que, misturados, darão novos matizes. De acordo com cada laçada, uma nova perspectiva surgirá, criando novas cores. Então, de um saber fragmentado, começaremos a formar nosso caleidoscópio particular, dando sentido e significado à prática de cada um de nós.

"...chegamos à conclusão de que não podemos exercitar qualquer tipo de pesquisa sem parar para analisar o tipo de profissional que somos, a forma como nos tornamos assim, as dificuldades transpostas, a luta na busca de maior e melhor competência." (Fazenda, 1999(b): 11)."

Trazendo a este capítulo minha prática, procuro uma maneira de falar não só da atuação do professor, do pedagogo, enfim, de todos os profissionais que pretendem trabalhar com a evolução do ser humano.

Pontuando a minha existência e meu percurso, surgem descobertas que podem ajudar na formação e na atuação do profissional que desponta; desvelo com isso, provavelmente, algumas das leis das mudanças que me transformaram em uma profissional que busca compreender o outro em sua essência.

E assim começo lentamente a preparar-me ao longo de minha vida para dar meus primeiros passos em uma instituição alinhada com meus ideais.

1. Da formação continuada de professores: sugestão de projeto

(Esta sugestão fora encaminhada para o Núcleo em fevereiro de 2006 e só colocada em prática parcialmente em março de 2007).

Tendo o Colégio a proposta de uma visão transdisciplinar, uma visão emergente e um campo de pesquisa com base em uma nova ciência, ela se propõe:

- A articular os saberes,
- Ao estudo do universal,
- A restituição ao homem de sua integridade,

- A contínua educação e formação que nos remeta:
 - Ao conhecimento e ao respeito da totalidade aberta do ser humano,
 - À compreensão da Natureza e do mundo em que vivemos.

A visão transdisciplinar implica em uma nova lógica, em uma nova consciência do real, em uma nova interpelação ética, e em uma nova metafísica. Ela abarca a relação do homem com o ambiente (ecorelação), com o outro (heterorelação) e com nosso interior (autorelação), enquanto o nosso si mesmo, a nossa essência, a nossa verdadeira natureza.

Nesse sentido, ela nos remete a um processo contínuo de ecoformação, de heteroformação e de autoformação. (Gaston Pineau)

O Colégio, no intuito de dar continuidade e coerência ao trabalho que se propõe, elaborou para o ano de 2006 um programa de Educação Continuada para seu corpo docente a fim de propiciar um processo contínuo de transformação, valorização e humanização do professor nesse cenário tão complexo da atualidade. A necessidade, portanto, de re-configurar o papel do educador que deve ser sujeito do processo de ensino e aprendizagem e deve aprender a gerenciar o conhecimento exige deste profissional um constante repensar sobre seu fazer e atualização de seus conhecimentos.

O Programa de Educação Continuada de professores pretende desenvolver em seu corpo docente o pensamento ecológico, crítico e sistêmico, eixos basilares em torno dos quais se consubstanciam a proposta educativa do colégio. Este projeto tem também por objetivo atender as demandas da comunidade educacional, onde as novas concepções do conhecimento e da Educação serão discutidas e estudadas.

Para tanto, serão apresentadas atividades que envolvam os professores em intenso processo de síntese e aplicação de conhecimentos, permitindo ancorá-los na reflexão-ação-reflexão de sua práxis. A visão interdisciplinar e transdisciplinar perpassarão o tempo todo esses três eixos (ecológico, crítico e sistêmico) conferindo-lhes coerência, significado, unidade e harmonia no processo de desenvolvimento deste projeto.

Com isso, esses profissionais serão estimulados a descobrir e desenvolver suas potencialidades e habilidades nas suas áreas específicas de conhecimento, propiciando-lhes estabelecer redes entre os vários ramos do conhecimento diante do dinamismo e do uso de tecnologia de ponta integrada à sua ação pedagógica, oportunizando a necessidade de desenvolver habilidade de seleção, qualificação, de planejamento e pesquisa exigidos de um moderno profissional da Educação.

Para isso, pretendia contar, além da equipe do colégio, também com a colaboração de profissionais altamente qualificados e indiquei a princípio:

A professora Raquel Gianolla Miranda, que trabalha comigo desde 1999 em formação continuada de professores com a supervisão do Grupo de Estudos e Pesquisa da Interdisciplinaridade (GEPI) da PUCSP. Minha sugestão era que esta profissional trabalhasse em conjunto com o Colégio, com o Núcleo e com o Centro de Pesquisa.

No Colégio, ela faria uma leitura das práticas pedagógicas a partir do Ciclo 3 para adequação espaço-tempo e conteúdos assim como a rotina escolar.

A Professora Vera Melis, de reconhecida competência internacional no campo da Educação Infantil. Ela estaria também fazendo uma leitura do Ciclo 1 e 2 fazendo as mesmas adequações.

Nota: Advirto que não mexeremos, em hipótese alguma, nos eixos e nos programas de projetos, apenas faremos adequações para que as propostas originais sejam praticadas de forma coerente e harmoniosa. Só depois de implantado este projeto de capacitação contínua de professores e eles se sentirem seguros nesta proposta é que poderemos dar continuidade na reorganização curricular.²⁴

2. Da Escola de Pais

Com o objetivo de formar as famílias dentro dos princípios que regem esta instituição, pensou-se na organização da escola de pais para que as famílias compreendessem este processo, e passassem a adotar uma atitude mais alinhada

²⁴ Este projeto teve início apenas em março de 2007 e contei apenas com a colaboração de Manolo Vilches que, a meu convite, veio se juntar a nós depois de uma reforma estrutural dos Coordenadores Pedagógicos. Houve uma reformulação do Projeto inicial devido a questões políticas e financeiras. Para maiores detalhes ver anexo do programa.

com o Colégio. Para isso, convidamos todos os pais para que participassem e colaborassem com a idéia. Surgiu, então, um grupo de pais que se voluntariaram para que este projeto fosse a diante. Elaboramos uma pesquisa entre todos os pais sobre quais seriam os temas mais interessantes. Seleccionaram nove temas recorrentes e elegemos dentre eles seis para que fossem formatados em palestras. Entre os temas seleccionados estão: orientação sexual, disciplina, princípios norteadores do colégio, entre outros. Atualmente o grupo está seleccionando os palestrantes.

I. CONSIDERAÇÕES GERAIS

- A Escola é um ambiente artificial, que tem como principais objetivos integrar a criança na sociedade real, auxiliar no crescimento, evolução, e desenvolvimento cognitivo e social.
- A Escola contribui com a Sociedade e com a Família, sugerindo, apontando e promovendo o debate.
- A Família é a referência básica dessa criança; é ela quem dá os princípios básicos, os quais são trazidos para a escola. Cada adulto tem experiência educacional própria e matriz pedagógica individual.
- As famílias são investidores na construção de um novo modelo de educação e não compradores de serviço; essa construção deve ser orientada para o futuro.
- A Escola dos Pais deve se originar, vir das famílias e estar afinada com elas.

II. AMBIÇÕES

- Família e Escola devem entender as suas possibilidades e limitações e assumir as tarefas próprias (pertinentes).
- Ao compreender e assumir suas matrizes originais, os pais podem melhor contribuir para a construção de novas matrizes para as crianças.

- As novas matrizes devem ser formuladas visando à formação de cidadãos, preparando-os tanto física quanto espiritualmente para ser um kosmopolita (com k); a criança nasce com o talento – este deve ser educado e estimulado.

III. CARACTERÍSTICAS DA ESCOLA DOS PAIS

- Pretende ser um grande movimento, que parta da comunidade e a ela retorne, convidando e acolhendo, não encampando, todos os outros movimentos já existentes (Escola em Ação, Colegiado, Teatro e outros), respeitando seus objetivos particulares e promovendo suporte e apoio a todas as ações.
- Estando ligada diretamente à Diretoria da Escola, com quem participa e colabora, pretende ter autonomia de decisões.
- Não se pretende como uma instância burocrática, mas ativa que visa oferecer subsídios para a formação sócio-cultural das famílias da Comunidade Escolar, fortalecendo os laços e interesses dessa comunidade.
- Ser um espaço de experimentação, trocas, discussão, consultoria informal, criando um ambiente de sinergia e boa vontade, inquietação e ousadia e respeito e amor à dignidade e a diversidade; ser além de reativo, pró-ativo, trazendo temas provocativos, dialogando e promovendo o debate sobre princípios e valores, atos e atitudes.
- Para tal, pretende atuar, inicialmente por meio de cursos, palestras, debates acadêmicos, oficinas, vivências, com temas orientados para as necessidades das famílias. O trabalho próximo aos outros movimentos seria precioso para estabelecer as diretrizes dos temas e das abordagens.
- Veicular informação com qualidade, respeito e responsabilidade, de forma que as questões do dia-a-dia possam ser a motivação para as questões maiores, como discussões conceituais, atuando como fomentadores de reflexão.

3. Do projeto de inclusão

Adaptações curriculares para projeto de inclusão

A adaptação curricular deve levar em consideração a escolha dos conteúdos curriculares, as atividades e a adequação das estratégias de ensino-aprendizagem para que os alunos tenham a possibilidade de aumentar seu sucesso educacional.

Conteúdos curriculares devem ser significativos e relevantes; além disso, deve levar em consideração não os objetivos curriculares, mas também os estilos e ritmos de aprendizagem e os interesses dos alunos.

Ao escolher as atividades de ensino/aprendizagem, devemos levar em conta sua complexidade, a quantidade de informação, os formatos e o design.

Algumas alternativas para o trabalho com textos impressos: gravações; leitura em voz alta; trabalho em pares; utilizar uma abordagem multinível; desenvolver versões reduzidas dos textos para adequar aos níveis de leitura dos alunos; implementar estratégias de leitura (uso de palavras-chave, esquemas, sublinhar idéias principais etc).

Em relação às estratégias de ensino-aprendizagem é importante organizar, de maneira adequada, o mapeamento das salas de aula; ter um cuidado extremo na apresentação da nova informação (estrutura, clarificação, redundância, entusiasmo, ritmo apropriado e envolvimento); utilizar experiências multisensoriais; fazer adaptações nas atividades de leitura; adaptar as explicações; utilizar tecnologia de apoio.

O PROJETO DE EDUCAÇÃO PARA A PAZ

Após a colocação de sugestões do plano de ação, disse que ele só seria possível se acoplado a essas ações técnicas, pedagógicas e curriculares houvesse a implantação e implementação do projeto de uma Educação para a Paz cujo um dos objetivos é, ao de selecionar metas a serem conquistadas para cada grupo, considerar também os 4 Pilares da Educação para o século XXI e os 15 desafios globais que deverão constar dos projetos que todos os estudantes estarão desenvolvendo em todos as ciclos e também uma orientação voltada para a espiritualidade.

Aprendendo a conhecer (seleção dos aspectos cognitivos que deverão ser desenvolvidos)

Aprendendo a fazer (seleção das habilidades e procedimentos técnicos que serão desenvolvidos mediante as realizações previstas)

Aprendendo a viver em conjunto (seleção das atitudes de participação social que serão desenvolvidas nos diferentes grupos de trabalho das crianças)

Aprendendo a ser (seleção dos aspectos da própria identidade que serão trabalhados)

1. Uma Educação para a Espiritualidade²⁵

Todo processo educativo deve nos remeter à busca de um sentido para a vida e leva o educando a entrar em contato com os sentimentos mais profundos e ações que o levem a vivenciar integralmente sua humanidade.

Por humano, entende-se aqui a capacidade de sermos solidários, autônomos, emotivos e fraternos. Tal capacidade, embora intrinsecamente relacionada à nossa humanidade, vem se “perdendo” em meio às incertezas, dificuldades e a exacerbada competição em um mundo onde impera o “ter e o fazer”, o desenvolvimento tecnológico e a objetividade científica.

Assim, nos separamos do plano espiritual, nos afastamos das subjetividades, dos saberes como fruto da imaginação, rejeitando com desprezo as características idiossincráticas de cada ser humano e menosprezando sua espiritualidade.

Entretanto, da natureza humana emerge o transcendental e este pressupõe a intervenção de princípios superiores, um resgate que ceda espaço para o compartilhamento de pensamentos diversos e de racionalidades abertas que

²⁵ Para a implantação deste projeto para a espiritualidade contei com a colaboração da Dra. Maria da Glória Gonçalves Gimenes. Psicóloga, Psicoterapeuta, PhD em Psicologia da Reabilitação pelo Illinois Institute of Technology-Chicago – USA. Autora de diversos livros, tem se preocupado em organizar um programa de intervenção psicopedagógica e espiritual que facilite crianças a se desenvolverem psicologicamente e espiritualmente, aprendendo a dar sentido e significado à própria vida.

permitam a autocrítica, o reconhecimento de limites e uma convivência pacífica e cooperativa entre nós, seres humanos.

Assim, todo o processo educativo eficiente deve levar o educando a entrar em contato com sua humanidade e, uma vez que nada mais humano do que a característica transcendental do homem, a educação deve promover também ações/intervenções que permitam a conexão do homem (deste) com sua espiritualidade.

Entende-se aqui espiritualidade como uma força interna propulsora de bem-estar individual e coletivo. Contrariando, portanto, o conceito de religiosidade que muitas vezes só incentiva o dogmatismo e a segregação.

Fritjof Capra menciona que :

“... a noção de espiritualidade é coerente com a noção de mente encarnada que está sendo desenvolvida pela ciência da cognição. A experiência espiritual é uma experiência de que a mente e o corpo estão vivos numa unidade (...) essa experiência da unidade transcendente não só a separação entre mente e corpo, mas também a separação entre o eu e o mundo. A consciência dominante nesses momentos espirituais é o reconhecimento profundo da nossa unidade com todas as coisas, uma percepção de que pertencemos ao universo como um todo.” (, p.81)

Em relação a esta questão, Morin (2.002, p. 65-66) acrescenta que existe uma unidade humana e uma diversidade humana, e, ainda, a unidade está na diversidade e vice-versa. Assim, a extrema diversidade não deve mascarar a unidade e nem mesmo a unidade básica mascarar a diversidade. Deve-se, portanto, evitar que a unidade desapareça quando surge a diversidade e assim reciprocamente. Finalmente, Morin afirma que “ *o tesouro da humanidade está na diversidade criadora, mas a fonte da sua criatividade está na sua unidade geradora.*”

Seguindo esta linha de pensamento, o novo modelo de Educação para a Paz incentiva o ser humano a perceber a unidade existente na diversidade: o corpo e a mente, o eu e o mundo, compreendendo o Universo como um todo. Mas, acima de tudo, possibilita vivências eminentemente voltadas ao Eu Interior, de cada pessoa, podendo-se inferir que o ser humano volta-se a uma busca cósmica (espiritual) que toca os sentimentos mais profundos de cada pessoa.

Ao entrar em contato com tais sentimentos, emergem questões existenciais tais como:

- Quem somos? Onde estamos? De onde viemos? Qual nosso papel nesta vida? Para onde vamos?

É, então, despertado o interesse em compreender o sentido intrínseco da vida e, passar a assumir valores coerentes com o respeito por todos os sistemas vivos, facilitando, assim, a integração do ser humano como o planeta, com a natureza e com outros seres humanos.

O resgate da transcendência do ser humano, por meio de atividades educativas, faz eclodir no homem suas melhores qualidades, levando-o a cuidar do ambiente local, nacional e planetário.

Desde 1998, quando as Edições Unesco Brasil editaram Educação: um tesouro a descobrir. Relatório da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, coordenado por Jacques Delors, os eixos norteadores da política educacional contemporânea visam uma educação integral do ser humano. Assim, aprender a ser, a fazer, a viver juntos e conhecer, passaram a constituir aprendizagens indispensáveis a todas as pessoas para que o equilíbrio da vida no planeta Terra seja alcançado.

Em acordo com a proposta acima, acrescentamos que a educação contemporânea precisa priorizar os seguintes aspectos: cooperação, pluralismo, paz, ética, criatividade, afetividade, resistência, solidariedade, dignidade, coletividade, participação, igualdade, espiritualidade e amor.

Considerando as principais recomendações para a educação contemporânea, aprovadas pela Unesco, e internacionalmente reconhecidas, destacamos a “espiritualidade” como uma vertente que merece receber mais atenção, uma vez que esta catalisa valores essenciais que facilitam a aquisição de comportamentos condizentes com o perfil de pessoas capazes de sustentar uma vida equilibrada no planeta voltada para a paz.

Com base nos pressupostos acima, temos os seguintes objetivos para o Projeto da Paz voltados para a espiritualidade:

MACRO OBJETIVO

Implantar atividades educacionais que possibilitem aos estudantes desenvolverem comportamentos compatíveis com solidariedade, cooperação, tolerância, afetividade e participação, manifestando seu potencial espiritual, inerente a todo ser humano.

Despertar valores essenciais que facilitem a aquisição de comportamentos e sentimentos compatíveis com uma convivência pacífica, onde a tolerância frente à diversidade, a cooperação e as ações fraternas sejam preponderantes.

Promover a habilidade de acessar seu Eu Interior e despertar valores essenciais ao equilíbrio da vida em suas comunidades, cidades e País.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Facilitar o desenvolvimento físico, psíquico e espiritual de cada educando.
- Desenvolver a resiliência, ou seja, ensinando os educandos a enfrentarem com dignidade, tenacidade e esperança, as situações adversas adaptando-se às situações mais adversas sem perder sua identidade, seus princípios e valores, porém, respeitando o dos outros.
- Desenvolver uma conduta ética e moral frente aos outros e a si mesmas.
- Levar cada criança a assumir e a disseminar valores compatíveis com sua humanidade e transcendência, contribuindo para a paz, para a preservação da natureza e para a expansão da consciência em sua respectivas comunidades.
- Promover atividades que facilitem o exercício da autonomia, assumindo a responsabilidade por suas ações e seu “destino.”

Teríamos também atividades pedagógicas secundárias complementares que englobariam:

1) Oficina de Estórias

Objetivos

- Entrar em contato com conteúdos de fé, esperança, confiança, solidariedade, compaixão, amor e responsabilidade

- Familiarizar-se com preceitos éticos e morais estabelecidos ao longo da história da humanidade

Estratégias

- Relatos de histórias das diferentes civilizações e de estórias educativas que enfatizam princípios de fraternidade, união e organização
- Discussão, jogos e dramatização dos conteúdos relatados sob a supervisão de um Psicólogo-Educador

2) Oficina de Artes

Objetivos

- Proporcionar o exercício da criatividade e senso estético
- Facilitar a expressão de sentimentos e de experiências de conexão com seu “Eu Interior”

Estratégia

Implementação de um espaço onde o educando possa expressar-se livremente, sob a supervisão de um Arte-Terapeuta

3) Oficina Corporal

Objetivos

- Proporcionar a oportunidade de entrar em contato com as possibilidades corporais exercitando a flexibilidade, a capacidade física e o reconhecimento dos próprios limites
- Atingir um padrão adequado de auto-estima, através do exercício respiratório e vivência corporal

Estratégia

- Implantação de um espaço equipado adequadamente à prática da Técnica Corporal Pilates, sob a supervisão de um profissional credenciado para o ensino da mesma

4) Oficina de Meditação

Objetivos

- Oferecer ao educando a possibilidade de aprender e exercitar a conexão com seu “Eu Interior”
- Experimentar sensações e sentimentos de confiança, segurança, força interior e paz

Estratégia

- Aulas de meditação sob a supervisão de um Especialista em Meditação Infantil

Tendo-se os princípios que regem o Colégio como base, selecionei para este trabalho os aspectos que acredito serem de maior relevância para o momento.

2. Da Cidade Educativa²⁶

O objetivo é o de oferecer um contexto para o exercício da democracia, cidadania, empreendedorismo e resolução de problemas com convivência pacífica entre os participantes. Tendo como estratégia criar situações-problema que acontecem numa cidade real

A Cidade Educativa foi um projeto para ser o centro da Educação para a Paz. Idealizei uma cidade e o coordenador Manolo a colocou em 3D. Nele iríamos desenvolver a cidadania, democracia, o respeito, em fim, todas as qualidades exigidas para uma nova geração. Seriam também discutidos os assuntos da atualidade e em como solucionar as questões sociais e ecológicas do planeta. Haveria eleições tanto para Prefeito quanto para vereadores. Teríamos também por voto direto o Delegado, o Juiz e colaboradores que pudessem contribuir para o bem da coletividade. O Prefeito por votação de toda a escola e os vereadores seriam eleitos para representar cada classe.

A Cidade Educativa terá como princípio uma nova ética:

²⁶ Projeto elaborado em parceria com o Prof. Ms Manolo Vilches

“A nova revolução não é de superfície, onde se espelham os grupos atuais, não é para dividi-la de outra maneira em outros grupos, mas é revolução que se realiza em outra dimensão, volumétrica, pela qual o ser, aprofundando-se mais com suas raízes, no âmago da vida, se levanta a um nível de vida superior. Então, a divisão não está na forma, mas na substância, não no vaso que contém, mas no conteúdo, não nas aparências, mas na realidade, na natureza do indivíduo. (...) A revolução será interior, que produz um homem diferente; não será exterior, como as outras, que deixam o homem na mesma. Não se trata só de praticar as mesmas coisas com teoria, palavras e estilos diferentes, mas de viver a vida superior de ser, verdadeiramente civilizado. Trata-se de substituir o princípio fundamental de nosso nível biológico, o da luta pela vida – seleção do mais forte, individualista e separatista – por outro, colaboracionista, num estado orgânica. Não se trata de pequenos reajustes dos velhos sistemas, mas de cortar o mal pela raiz, iniciando outra forma de vida.” (Ubaldi, 1988, p.49)

É desta forma que concebemos uma nova civilização. E, através de uma vivência com os estudantes, estabeleceríamos uma nova ordem social.

Fariamos um grande fórum de debates organizado pelos professores uma vez por mês ou quando houvesse necessidade. O Prefeito teria a incumbência de fazer valer os princípios de uma nova ética, ou seja, da paz, da harmonia, da cooperação, do respeito mútuo, etc; tomar conta da organização das visitas, da limpeza em fim, da administração da Cidade, assim como fazer um organograma de atividades tanto das visitas externas (de outras escolas) quanto das internas (das classes).

Nesta Cidade projetada teríamos: Correio, banco, praça, supermercado, ruas faróis de trânsito, calçadas para pedestres, automóveis, motos e bicicletas. O prefeito também teria que trazer sistematicamente alguém para falar sobre algum assunto que tenha sido colocado em pauta na reunião com os vereadores ou em caráter especial caso surgisse algum assunto de interesse de todos. Os temas dos assuntos seriam sempre voltados para a paz e para resolução dos 15 desafios globais.

Com isso pretendemos formar cidadãos civilizados para um novo ciclo da humanidade. O ciclo em que o humano deverá olhar seu próximo com compreensão, superar a ferocidade e o egoísmo; voltado para a espiritualidade e para a paz.

A Cidade Educativa estaria vinculada a todos os projetos pedagógicos²⁷.

3. Da implantação do Sino da Paz

O sino da paz foi instituído com a finalidade de introduzir um minuto de reflexão dentro do colégio. Organizamos um ato ecumênico onde foram convidados a participar os representantes de todas as religiões. Todos os dias às 10 horas da manhã um estudante escolhido tocava o sino e todo o colégio parava suas atividades para ficar por um minuto em silêncio. Era uma proposta para começarmos a exercitar a meditação e a reflexão. Ele estaria vinculado a Cidade Educativa no sentido de fazer com que todos os habitantes deste espaço possam fazer um minuto de reflexão onde quer que estejam. Os cidadãos aprenderiam que quando estiverem passando por algum tipo de estresse poderão recorrer a esta atividade e se sentirão mais capacitados a resolver seus problemas fazendo pelo menos um minuto para pensar.

4. Do Espaço Lúdico-Sinestésico²⁸

Pensei em ter um lugar que fosse utilizado por todos os habitantes e visitantes do colégio, não só como espaço de recreação, mas também de socialização. Dividi o espaço em quatro partes e imaginei as 4 estações do ano, os quatro pontos cardeais, os 4 elementos da Natureza e os quatro pilares para a educação do século 21.

Fazendo a integração com todas as atividades do colégio e um espaço de convivência e uso para todos que quisessem desfrutar de um ambiente harmonioso e integrador entre o Ser, a Natureza, o Saber e sua Espiritualidade.

Assim termino este capítulo, não só deste trabalho como da minha experiência vivida num colégio. Este projeto é um sonho que espero um dia realizado, não necessariamente desta forma, mas de outras tantas que houver, não importa. Porém, sempre com a intenção de desenvolver o espírito humano para que ele cumpra o alto fim de sua existência: sua evolução.

²⁷ Ver nos anexos o projeto proposto ao Colégio

²⁸ Ver em anexo o projeto todo.

V – CONCLUSÃO

“Se conhecemos as leis da mudança, podemos nos antecipar a elas e a liberdade de ação se tornará possível”.

I CHING

Nossa profissão, que aos poucos foi se decompondo e com ela nossa auto-estima foi se degradando ao ponto que estamos hoje: com uma identidade fragilizada, com uma prática indefinida e inúmeras teorias “borboleteando” sem consistência teórica que possa nos dar um porto seguro, um farol que nos ilumine num oceano turbulento de idéias na maioria desencontrada, ou seja, uma desqualificando outras num desejo quase consciente de ser a “grande Mãe” salvadora da Educação Mundial, levou-me a fazer alguns questionamentos no final deste trabalho:

-Por que resistimos tanto à mudança se somos nós um dos responsáveis pela transformação de pensamento, de atitudes e comportamentos através do ensino?

-Por que resistimos tanto se somos nós que temos a responsabilidade de educar uma sociedade futura? Será que não acreditamos nisso? Queremos manter os mesmos padrões que nos foram ensinados? Se o profissional da Educação não for ousado, não será um bom profissional, será apenas um reprodutor de idéias passadas e, portanto, sem contexto.

-Será que temos a consciência que trabalhamos constantemente dentro de paradoxos? Ensinamos hoje o que aprendemos ontem, para formar cidadãos do amanhã.

Temos que nos atualizar para podermos acompanhar as rápidas mudanças que estão ocorrendo na sociedade mundial.

Não basta ter uma escola com instalações modernas para ser contemporânea, mas que atenda às necessidades e exigências da comunidade onde ela está inserida. Atualmente, com a sociedade sendo mobilizada pela pressa de se chegar não se sabendo onde, pela urgência de soluções extremamente complexas e pela cultura do efêmero, realmente a Educação tem o dever de auxiliar a constituição de uma nova sociedade revendo alguns de seus procedimentos.

Coloquei ao longo deste trabalho algumas questões que me inquietaram no momento das leituras, muitas outras irão surgir no decorrer de minha vida, mas sei também que muitas das dúvidas serão esclarecidas.

Contudo, sinto uma grande estranheza que ainda não tenhamos, consubstanciada na interdisciplinaridade que se apresenta como uma proposta de trabalho inovadora, arrojada e ousada para os parâmetros escolares atuais não seja utilizada pelos educadores.

Tenho a convicção de que para que a escola consiga superar sua crise deve dar um salto de qualidade.

A escola é constituída por pessoas e serão elas que devem dar este salto de qualidade.

Espero poder contribuir com este trabalho com a ampliação e a efetiva prática escolar.

Existe uma grande lacuna entre teoria e prática, mas com perseverança, alegria, amor e a crença nas competências e habilidades pessoais e na capacidade de formar um grupo coeso e unido em prol de uma nova sociedade, poderemos unir a teoria com a prática em sala de aula.

Também constatamos ao longo deste trabalho que vivemos com uma nova concepção de família, uma família que se reúne apenas no final de semana, quando acontece apenas um único momento de afeto e atenção às suas crianças; da

convivência plena, da dedicação, dos momentos de conversa, das famosas “lições de moral” que caracterizavam o dia-a-dia da família de alguns anos atrás.

Tanto a família quanto a escola foram se adaptando a um novo formato de sociedade onde a família foi deixando para trás alguns de seus deveres e a escola, por necessidade de sua comunidade, ampliando suas atividades pedagógicas que antes eram atribuídas apenas às famílias.

A Escola, querendo ou não, vem fazendo quase na mesma proporção o papel de formador e informador. A responsabilidade desta instituição (escola) está tomando o lugar da outra (família) e a Escola não está conseguindo dar conta de nenhuma das duas funções plenamente.

Ensinar, portanto, não é mais o que era. As expectativas da comunidade foram se intensificando e, além de culturalizar nossas crianças, espera-se da escola hoje, que ela também socialize, organize e moralize a sociedade futura.

Mais do que nunca se faz necessário que a escola como um sistema inserido numa comunidade tenha clareza do que ela quer, do que ela pode e principalmente do que ela deve fazer para saber onde quer chegar. Isso não se faz mais de uma forma isolada e solitária, mas requer um movimento de toda a sociedade e principalmente de uma comunidade também comprometida com a educação de suas crianças e não mais de uma ação do diretor imprimindo uma ação de cima para baixo, mas da necessidade dos vários grupos e sistemas que a compõem: pais, aprendizes, corpo docente e corpo administrativo.

A responsabilidade é de todos nós pela construção de uma visão ativa e principalmente viva da escola; é portanto, uma construção coletiva. Ao articular diferentes vozes, poderemos, é claro, gerar conflitos, mas isso deve ser bem conduzido e bem confrontado para ser bem trabalhado pois faz parte do processo coletivo. Ao nos mobilizarmos para solucionar algum tipo de dificuldade e darmos conta de que somos, cada um de nós; a sua maneira, responsável por ele (tanto pelo problema quanto por sua solução) é um momento de grande riqueza e de profundo aprendizado. Envolver-se, incluir-se, permitir sentir-se pertencente a um

grupo e compartilhar suas angustias, alegrias e tristezas é saber-se importante, aceito e capaz dentro de um grupo.

A queixa e a crítica por si só são as piores inimigas da construção da qualidade que buscamos, é preciso que todos nós estejamos imersos na vontade coletiva de evoluir e crescer, que tenhamos um interesse coletivo, único e genuíno e uma atitude positiva e de confiança frente aos nossos objetivos educacionais. Teremos que **aprender a ser** um profissional de educação frente às novas necessidades de nossos aprendizes e suas famílias. Temos que **aprender a aprender** para que possamos ensinar nossos estudantes a também fazê-lo. Temos que **aprender a fazer** e isso implica na melhoria de nossa prática. Temos que **aprender a conviver** e isso implica numa visão de multiculturalismo onde o diferente não seja confundido com deficiente. É saber que o outro ao pensar e se comportar de modo diferente de mim não está contra mim. Isto é a riqueza da diversidade.

Temos que ir a busca de respostas mais assertivas frente aos desafios da contemporaneidade, temos que desenvolver planos de ação que contemplem tanto a exigência da comunidade quanto a sua própria transformação, ou seja, atender a duas demandas. Formar um cidadão para o futuro, reflexivo, ético, inter, intra e transpessoal, e atender às necessidades emergenciais do aqui e agora, ou seja, desenvolver ao máximo possível todas as dimensões da humanidade do saber ser Ser humano, tanto do ponto de vista social, emocional quanto ambiental e espiritual.

Ao final deste trabalho sinto ter cumprido mais uma etapa da minha caminhada. Como um peregrino, paro para descansar e olhar o caminho percorrido, mas também admirar o quanto ainda falta para caminhar. Das feridas nos meus pés, lembro de todas, algumas já cicatrizadas outras ainda sangrando, mas com carinho cuido de todas elas como se fossem troféus pela caminhada. Se cheguei até aqui como cheguei foi porque também tive amigos que me socorreram e que caminharam junto comigo.

Das pessoas que não me compreenderam e por outros motivos não me acompanharam, sinto compaixão, pois sei que também sua caminhada é e será tão árdua e dura com elas como foi comigo. Dos lugares onde parei, alguns confortaram meu coração dando-me abrigo, outros trabalhei duramente, mas todos, sem

exceção, ensinaram-me a ser cada vez melhor. Não guardo mágoas, há muito tempo aprendi a compreender as pessoas, fico apenas triste por ver como ainda teremos que caminhar para chegarmos a aceitar o outro como ele é ou pelo menos como nos parece que são.

Ao chegar nesta etapa do trabalho, tenho alguns sentimentos: saudades e melancolia, mas repleto de alegria e amor.

Saudades dos momentos de reflexão e construção deste trabalho escrevendo cada palavra que por sua vez me conduziram pela viagem das lembranças escondidas, às vezes tão distantes às vezes tão presentes. Sentirei saudades destes momentos de solidão que me fizeram tão bem.

Melancolia, esse sentimento de vaga e doce tristeza que me compraz e que favorece a devaneios e momentos de meditação. São lembranças que ao serem colocadas no papel não mais me pertencerão, serão socializadas, lidas e interpretadas ao modo de cada leitor. Isso é doação e desapego.

Felizes aqueles que como eu, ao fim de mais um ciclo, podem olhar para trás e ver no solo do caminho percorrido as marcas do afeto, da solidariedade, do companheirismo e do amor ao próximo. Este fato me enche de alegria, reforça em mim a noção de responsabilidade e me torna para sempre grata pelo apoio recebido de todos os meus companheiros do GEPI.

Aprendi muito com todos vocês e com tudo que vivi ao longo de todos esses anos de convivência. Aprendi, por exemplo, a ter mais clareza de pensamento, a tratar as coisas simples com a merecida importância e as coisas importantes com a devida simplicidade. Tenho a certeza que na minha prática profissional aprendi que delegar poder e não tarefas a todas as equipes as quais liderei construímos, juntos, um ambiente feliz de respeito e fraternidade.

Aprendi, também, que não se deve confundir vocação com obrigação. Não somos obrigados a nada. Mesmo quando realizamos algo significativo, se pensarmos nele como compromisso ou trabalho, sem o necessário gosto e motivação, alguma coisa está errada conosco. Por mais que concretizemos feitos importantes, por motivos sinceros, se sua realização não for feita com prazer,

sentiremos mais esforço e imposição do que felicidade e conforto. Ninguém deve viver e trabalhar sem contentamento.

Aprendi que sou falível. E, por ser falível, só aceitamos mudar quando notamos nossa falta de habilidade em tratar a nós mesmas e aos outros; quando admitimos ter uma tendência a subestimar ou superestimar tudo e todos; quando percebemos nossa impotência e falibilidade diante das nossas decisões. É uma conscientização da consciência.

Para promovermos mudanças não necessitamos procurar novas paragens e sim novos olhares e a interdisciplinaridade auxiliou-me nisso. Experiências felizes ou infelizes são passos valiosos em nossas vidas, desde que percebamos o quanto elas nos têm para ensinar e mostrar. E esse período de convivência com todos os meus queridos amigos me ensinou a ver o mundo com outros cenários e as pessoas com outras roupagens.

Na realidade, quem se permite mudar pode ficar inicialmente, numa situação desconfortável, visto que poderá ficar exposto a algo com que não contava ou que não havia percebido. O que quero dizer com isso é que quando alteramos nosso “status quo”, modificamos nossa antiga maneira de interpretar, entender, expressar e dar sentido e importância às coisas.

A partir disso, nossa zona de estabilidade fica temporariamente ameaçada; nosso jeito anterior de ser e ver não funcionam mais. Tudo isso acarreta em nós uma batalha interna que gera desconfiança, medo e insegurança, até que nos reestruturemos novamente. A Interdisciplinaridade proporcionou-se esta rica experiência.

A propensão à infalibilidade, o rigor contra as mudanças e as amarras da auto-suficiência obstrui a arte de pensar e discernir. Isso me faz pensar que na escola da vida, somos eternos aprendizes. A fraqueza, gerada pelo orgulho, em não confessar que erramos ou que não sabemos leva-nos a cometer muitos desatinos, tanto no campo profissional quanto nas relações humanas.

É imaturo e ingênuo aquele que pensar que nunca tenha nada a aprender com as experiências alheias.

Por tudo isso valeu a pena conhecer todos vocês, amigos presentes e os que não mais estão entre nós. Aprendi a lutar pelos princípios da ética e da dignidade, primeiro pela nossa própria conduta como humano e depois pela postura e atitude profissional.

Hoje, mais madura, vejo que muito ainda poderia ter feito.

Agradeço a todos os meus amigos do GEPI e em especial à Ivani que me acolheu há 10 anos atrás e por ter-me proporcionado esta possibilidade de crescimento e reflexão.

É, portanto, por tudo isso que escrevi este trabalho, mas principalmente para dar o sentido ao sentido da minha própria existência.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Francisco Sales. *Os Pensadores e a Educação como caminho: Uma Proposta para uma Cultura da Paz*. Fonte: Centro de Filosofia Educação para o Pensar: Artigos - Assessoria Filosófico-pedagógica
<<http://www.centro-filos.org.br/professores/?action=artigos&codigo=29>>
- ANDRADE, Hernani Guimarães, *Parapsicologia: uma visão panorâmica* 1^a ed. São Paulo: Editora Jornalística FE, 2002.
- ANDOLFI, Maurizio e ANGELO, Claudio. *Tempo e Mito em Psicoterapia Familiar*
Porto Alegre: Artes Médicas: 1989
- ARCHANJO, José Luiz, org., BRUNO, J.C., prog.vis. *Pensamento vivo de Teilhard de Chardin*. São Paulo: Martin Claret, 1988
- BACKER, Fernando. *A epistemologia do professor: o cotidiano da escola*. Petrópolis, Vozes, 1993
- _____. "O que é construtivismo?", in *Idéias*, n.20. São Paulo, FDE, 1993.
- BARONE, Leda Maria . *De Ler o Desejo ao Desejo de Ler: Uma Leitura do Olhar do Psicopedagogo*, Petrópolis, Vozes, 1993.
- BATESON, Gregory. *Mente e Natureza. A unidade necessária*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1986.
- BENJAMIN, Walter. *O narrador: observações acerca da obra de Nicolau Lescov*
In: Benjamin, W.; Horkheimer, M.; Adorno, T.W.M. e Habermas, J. *Textos escolhidos*. São Paulo, Ed. Abril, v. XLVIII, pp. 63-82, 1975. (Coleção Os Pensadores).
- BERTALANFFY, Ludwig von. *Teoria Geral dos Sistemas*, 2^a ed., Petrópolis, Vozes, 2000.
- BERTOLUCCI, Eliana. *Psicologia do Sagrado. Psicoterapia Transpessoal*. São Paulo: Ágora, 1991
- BLEGER, José. *Psico-Higiene e Psicologia Institucional*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1992
- _____. *Psicologia de la conducta*, Paidós, Buenos Aires.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003a.

_____. *Velhos amigos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003b.

BREULIN, Douglas, SCHWARTZ, Richard e MACKUNE-KARRER Betty, *"Meta Conceitos. Transcendendo os Modelos de Terapia Familiar"*, 2ª ed. Porto Alegre: ArtMed Editora, 2000

BULFINCH, Thomas *"o Livro de Ouro da Mitologia (a idade das fábulas). Histórias de Deuses e Heróis"*, 9ª ed., Rio de Janeiro: Ediouro, 2000

CALIL, Vera L. Lamanno. *Terapia Familiar e de Casal*, 2ª ed., São Paulo, Summus, 1987.

CAMPBELL, Joseph com MOYERS, Bill *"O Poder do Mito"* São Paulo: Palas Athena, 1990

CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação - A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergentes*, São Paulo, Cultrix, 1987.

_____, *O Tao da Física*, São Paulo, Cultrix, 1990.

_____, *Sabedoria Incomum*, São Paulo, Cultrix, 1991.

_____, *Pertencendo ao Universo*, São Paulo, Cultrix, 1994.

_____, *A Teia da Vida*, São Paulo, Cultrix, 1997

_____, *"As Conexões Ocultas"*, Cultrix, 2002

CARTER, Betty, MCGOLDRICK, Monica e col. *"As Mudanças no ciclo de Vida Familiar. Uma estrutura para terapia familiar"*, 2ª ed. Porto Alegre, RS, ArtMed, 1995

CASSIRER, Ernest. *Linguagem e Mito*, 3ª ed., Coleção Debates, São Paulo, Perspectiva, 1992.

CERTEAU, Michel de (1980). *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1996.

CHEVALIER, Jean, GHEERBRAND, Alain. *"Dicionário de Símbolos"* Edição revista e

aumentada, Coordenação Carlos Sussekind, Tradução Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melin, 12^a ed. José Olímpio Editora

D'AMBROSIO, Ubiratan "A Era da Consciência" 2^a. Ed. São Paulo: Editora Fundação Petrópolis

DIAS, José Augusto. *Sistema Escolar Brasileiro in Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Graus - Leituras - Moisés Brejon* (org.), Pioneira, São Paulo, 1973

_____. *Direção de Unidade Escolar in Estrutura e Funcionamento de Ensino de 1º e 2º Graus - Leitura - Moisés Brjon* (org.), Pioneira, São Paulo, 1973

DEMO, Pedro. *"Complexidade e Aprendizagem. A Dinâmica não linear do Conhecimento"*, São Paulo: Editora Atlas, 2002

ELKAÏN, Mony. *"Se me ama, não me ame"*, São Paulo, Editora Papirus, 1990

_____, (org.) *"Panorama das Terapias Familiares"* vol.1 e 2 São Paulo: Summus Editorial, 1995

ESPÍRITO SANTO, Ruy Cezar do. *Pedagogia da transgressão*. Campinas: Papirus, 8^a. Ed. , 2007

_____. *O renascimento do Sagrado na Educação*. Campinas: Papirus, 3^a. Ed. 2001

_____. *Desafios na Educação do Educador*. Campinas: Papirus, 3^a. Ed. 2006

_____. *Auto conhecimento na Formação do Educador*. São Paulo: Agora, 2007

_____. *Histórias que educam*. São Paulo: Agora, 2001

FARIA, Hamilton José Barreto de "Educação e cultura da paz" (Texto elaborado especialmente para o Congresso da APASE - Sindicato de Supervisores do Magistério no Estado de São Paulo, Águas de Lindóia, Estado de São Paulo, maio de 2002.)

- FAZENDA, Ivani (org.) *“Os Lugares dos Sujeitos na Pesquisa” Educacional*
 Editora UFMS Campo Grande-MS 1999
- _____ (org.) *“Novos Enfoques da Pesquisa Educacional”* 3^a ed., São Paulo:
 Cortez, 1999
- _____ (org.) *“Metodologia da Pesquisa Educacional”* 5^a ed. São Paulo:
 _____ (org.) *“Práticas Interdisciplinares na Escola”* 2^a Ed., São
 Paulo: Cortez, 1993
- _____ (org.) *“A Pesquisa em Educação e as Transformações
 do Conhecimento”* 3^a ed. Campinas, SP: Papyrus, 1995
 (Coleção Práxis)
- _____ (org.) *“A Academia vai à Escola”* Campinas, SP: Papyrus,
 1995 (Coleção Práxis)
- _____ *“ Interdisciplinaridade Um Projeto em Parceria”* 4^a ed.
 São Paulo: Edições Loyola, 1999 (Coleção Educar 13)
- _____ (org.) *“Didática e Interdisciplinaridade”* 6^a ed. Campinas,
 SP: Papyrus, 2001 (Coleção Práxis)
- _____ *Integração e Interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou
 ideologia?* São Paulo: Loyola, 1979.
- _____ *“Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa”* 7^a ed.
 Campinas, SP: Papyrus, 2001 (Coleção Magistério:
 Formação e Trabalho Pedagógico)
- _____ *“A Virtude da força nas práticas interdisciplinares”* Campinas,
 São Paulo: Papyrus, 1999 (Coleção Práxis)
- _____, Severino, Antonio Joaquim (orgs.) *“Conhecimento,
 Pesquisa e Educação”* Campinas, SP: Papyrus, 2001
 (Série Cidade Educativa)
- _____ (org.) *“Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade”*
 1^a e 2^a ed. São Paulo, SP: Cortez, 2001
- _____ (org.) *Interdisciplinaridade na Formação de Professores: da teoria à
 prática.* Canoas: RS, 2006
- FERNÁNDEZ, Alicia. *A Inteligência Aprisionada*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.

- _____, *A Mulher Escondida na Professora*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.
- FERRAZ Jr., Tercio Sampaio. *A Filosofia com o Discurso Aporético*, in *A Filosofia e Visão Comum do Mundo – Bento Prado e colaboradores* (apostila).
- FERGUSON, Marilyn. *A Conspiração Aquariana*, 5ª ed., Rio de Janeiro, Record, 1991.
- FIGUEIRA, Sérvulo Augusto, (org.). *Contra Transferência: De Freud aos Contemporâneos*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994.
- FOUCAULT, Michel *“Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise”* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999
- _____ *“A Ordem do Discurso”*, 7ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001
- FREIRE, Madalena. *A paixão de conhecer o mundo*. São Paulo: Paz e Terra, 1983.
- FRITZEN, Silvino José. *Exercícios Práticos de Dinâmica de Grupo*, 1º e 2º volumes, 22ª edição, Petrópolis, Vozes, 1995
- GARDNER, Howard. *Inteligências Múltiplas*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.
- _____, *A Criança Pré-Escolar: Como pensa e como a Escola Pode Ensiná-la*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1994
- GRAEBER David ; GRUBACIC Andrej .*“El anarquismo, el movimiento revolucionario del siglo XXI”*. Znet . Disponível em:
 <www.cnt.es/sovmadrid/textos/El%20anarquismo,%20o%20el%20movimiento%20revolucionario%20del%20siglo%20XXI.pdf>.
- GROF, Christina & GROF, Stanislav. (1990) *A Tempestuosa busca do ser : um guia para o crescimento pessoal através da crise da transformação*. São Paulo : Cultrix, 1995.
- GUEVARA, A. J. Hoyos. ; DIB, V. C. . *Da Sociedade do Conhecimento á Sociedade da Consciência; princípios, práticas e paradoxos*. São Paulo: Saraiva, 2007. 279 p.
- GUSDORF, George. *Professores para quê? Para uma pedagogia da Pedagogia*, São Paulo, Martins Fontes, 1987.

- HAWKING, Stephen W. *Uma Breve História do Tempo, Do Big Bang aos buracos negros*, Rio de Janeiro, Rocco, 1989.
- HERRIGEL, Eugen, "A arte cavalheiresca do arqueiro zen.", São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 1992
- HOFFMANN, Lynn. *Fundamentos de la Terapia Familiar. Un marco conceptual para el cambio de sistemas*, México: Fondo de Cultura Económica, 1987.
- HOFSTADTER, Douglas R. "Godel, Escher e Bach: Um Entrelaçamento de Gênios Brilhantes", Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial, 2001
- IMBER-BLACK, Evan e col. "Os Segredos na Família e na Terapia Familiar", Porto Alegre, RS: ArtMed, 1994
- KAUFMAN, A. *Teatro Pedagógico: Bastidores da Iniciação Médica*, São Paulo, gora, 1992
- _____, *Teoria da Comunicação*, In: Mário Rodrigues Louzã Neto (org) *Psiquiatria Básica*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.0
- KUSHNER, Kenneth, "O arqueiro Zen e a arte de viver. Uma flecha uma vida", São Paulo: Editora Pensamento, 1992
- LARROSA, Jorge. "Tecnologias do eu e educação". In *O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos* [Tomaz T. Silva, org.]. Petrópolis(RJ): Vozes, 1994.
- LEFEBVRE, Henri. *Lógica formal / Lógica dialética*. 3ª. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983.
- LEFRANÇOIS, Guy R.. *Of Children*, 4ª ed. Belmont, Wadsworth Publishing Company, 1983.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Psicologia Educacional: Uma avaliação crítica* .In *Psicologia Social: O homem em movimento*, Lane, Silvia T. M. e Codo, Wanderley, (orgs.) 13ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1994.
- LÜCK, Heloísa. *Pedagogia Interdisciplinar. Fundamentos teóricos-metodológicos*. 2ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes Editora, 1995

- MACHADO, Nilson José. *Epistemologia e Didática*, São Paulo, Cortez, 1995.
- MAHONEY, Michel J. *“Processos Humanos de Mudança. As Bases Científicas Da Psicoterapia”*, Porto Alegre, RS: ArtMed, 1998
- MATUI, Jiron. *Construtivismo: teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino*, São Paulo, Editora Moderna, 1995
- MAKARENKO, Anton Semiónovitch. *Poemas Pedagógicos*. Vol. 1, 3ª ed. Editora Brasiliense, São Paulo, 1989.
- _____, *Poemas Pedagógicos*. Vol. 2 e 3, 2ª ed., Editora Brasiliense, São Paulo, 1991.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A Árvore do Conhecimento*, Campinas, Psy II, 1995.
- _____, VARELA, Francisco *“De Máquinas e Seres Vivos. Autopoiese – A Organização do Vivo”*, 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997
- _____, *“Da Biologia à Psicologia”*, 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- _____, *“Emoções e Linguagem na Educação e na Política”*, Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999
- _____, *“Cognição, Ciência e Vida Cotidiana”*, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001
- MENDES, Glória. *O Desejo de Conhecer e o Conhecer do Desejo, Mitos de quem ensina e de quem aprende*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.
- MINUCHIN, Salvador *“A Cura da Família. Histórias de Esperança e renovação contadas pela terapia familiar”*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995
- MORIN, Edgar *“O Método 4. As Idéias Habitat, vida, costumes, organização”*, Porto Alegre, Editora Sulina, 2001
- _____, *“Ciência com Consciência”*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1998
- _____, *“Introdução ao Pensamento Complexo”*, 3ª ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001

- _____, *“A Cabeça Bem-Feita. Repensar a reforma, reformar o pensamento”*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000
- _____, *“Complexidade e Transdisciplinaridade. A Reforma da Universidade e do Ensino fundamental”*, Natal: EDUFRRN, Editora da UFRN, 1999
- NICOLESCU, Basarab *“O Manifesto da Transdisciplinaridade”* São Paulo: TRIOM, 1999
- PACCOLA, Marilene Krom – *Leitura e Diferenciação do Mito*, São Paulo, Sumus, 1994.
- PAIN, Sara. *Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.
- PALLAZOLI, M. S.; BOSCOLO, L.; CECCHIN, G.; PRATA, G. *Paradox and Counterparadox*, Janson Aronson, New York, 1978.
- PAVIANI, Jaime. *Problemas de Filosofia da Educação*, 4ª ed., Petrópolis, Vozes, 1988.
- PENA-VEIGA, Alfredo e Nascimento, Elimar Pinheiro (orgs) *“O Pensar Complexo. Edgar Morin e a crise da Modernidade*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 1999
- _____, Almeida Cleide R. S. e Petraglia Izabel, *“Edgar Morin: Ética, Cultura e Educação”*, São Paulo: Cortez Editora, 2001
- PICHON-RIVIÈRE, Enrique. *O Processo Grupal*, São Paulo, Martins Fontes, 1994.
- _____, *Teoria do Vínculo*, São Paulo, Martins Fontes, 1994
- PIERI, Paolo Francesco. *“Dicionário Junguiano”* Editora Vozes
- PINEAU, G. *O Sentido do Sentido* in “Educação e Transdisciplinaridade I” MELLO, Maria F., BARROS, Vitória M. , SOMMERMAN, Américo (orgs). Brasília: Unesco, 2000
- POSTMAN, Niel. *O fim da Educação*. Rio de Janeiro: Graphia, 2002
- RAHAM, Ralph, MCKENNA, Terence, SHELDRAKE, Rupert. *Caos, Criatividade e o Retorno do Sagrado - Triálogos nas fronteiras do Ocidente*. São Paulo:

- Cultrix/Pensamento, 1994.
- REMEN, Rachel Naomi (1996), *Histórias que curam: conversas sábias ao pé do fogão*. São Paulo: Ágora, 1998.
- RICOEUR, Paul . *O percurso do reconhecimento*. ORIG. *Parcours de la reconnaissance*. Paris: Stock, 2004.
- RODRIGUES, Aroldo. *Psicologia Social para Principiantes – Estudo da Intervenção Humana*, Petrópolis, Vozes, 1992.
- SAFRA, Gilberto - *Hermenêutica na situação clínica: o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal*. São Paulo: Edições Sobornost, 2006. Páginas 68 e 69
- SCHNITMAN, Dora Fried (org.). *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade, Artes Médicas, Porto Alegre, 1996*.
- _____, LITTLEJOHN Stephen, (orgs) “*Novos Paradigmas em Mediação*”, Porto Alegre: ArteMed, 1999
- SCOZ, Beatriz. *Psicopedagogia e realidade escolar; o problema escolar e de aprendizagem*, 3^a. ed., Petrópolis, Vozes, 1996.
- SEVERINO, Antônio Joaquim *Metodologia do Trabalho Científico*. 21^a Ed. Ver. E ampl. São Paulo: Cortez, 2000
- SHELDRAKE, Rupert “*O Renascimento da Natureza. O reflorescimento da Ciência e de Deus*” São Paulo, Cultrix, 1993
- SILVA, M. C. *A Paixão de Formar: Da Psicanálise à Educação*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.
- SOMERMMAN, Américo. *Inter ou transdisciplinaridade? da fragmentação disciplinar ao novo diálogo entre os saberes*. São Paulo:Paulus, 2006.
- TALBOT, Michael. *O Universo Holográfico*, 3^a ed., São Paulo, Best Seller, 1994.
- TARRANT, John “*A luz dentro da Escuridão. Zen, Alma e vida espiritual*”, Rio de Janeiro: Rocco,2002
- UBALDI, Pietro. *Princípios de uma Nova Ética*. 3^a. Ed. – Rio de Janeiro: Fundação Pietro Ubaldo, 1988
- _____. *Problemas do Futuro*. 4^a. Ed. Rio de Janeiro: Fundação Pietro

Ubaldo, 1988

_____. *A Grande Síntese – Síntese e solução dos problemas da ciência e do espírito*. 21ª. Ed. Rio de Janeiro: Fraternidade Francisco de Assis. 2001

VASCONCELLOS, Maria José Esteves de – *Terapia Familiar Sistêmica*. Bases Cibernéticas, Campinas, Psy II, 1995.

VENDRAMINI, Leni, GASPARIAN, M. C. e CARNEIRO, Raquel “*Tecendo fios entre as redes de Pensamento de Fazenda e Pineau*” in: Revista da APG PUC-SP, São Paulo: Editora Lorosae Ano X número 26, novembro de 2001

VISCA, Jorge. *Clínica Psicopedagógica: Epistemologia Convergente*, Artes Médicas, Porto Alegre, 1987.

WALLON, Henri. *Psicologia e Educação da Infância*, Lisboa, Estampa, 1975.

WATZLAWICK, Paul et alii – *Pragmática da Comunicação Humana*, São Paulo, Cultrix, 1993.

_____, KRIEG, Peter (org.) “*O Olhar do Observador. Contribuições para uma teoria do Conhecimento construtivista*”, gora as: Editora Psy, 1995

_____, (org.) “*A Realidade Inventada*”, Campinas: Editora Psy, 1994

WARSCHAUER, Cecília. *A Roda e o Registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

_____. *Rodas em Rede: oportunidades formativas na escola e fora dela*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

WILBER, Ken, *Espiritualidade Integral: uma nova função para a religião neste início de milênio*. São Paulo: Aleph, 2006 – Série Novo Pensamento

_____. *A união da Alma e dos sentidos: integrando ciência e religião*. 3ª reimpr. Da 1ª. Ed. 2001

WILHELM, Richard, “*I Ching. O livro das Mutações*”, 20ª ed. São Paulo, Editora Pensamento-Cultrix, 2000

ZELAN, Karen. “*Os Riscos do Saber; Obstáculos do Desenvolvimento à Aprendizagem Escolar*”, Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 1993.

ZOHAR, Danah. “*O Ser Quântico*”. São Paulo: Best Seller, 1992.

ANEXOS

ANEXO 1

Direitos Humanos

POR UM NOVO COMEÇO

O ano 2000 precisa ser um novo começo para todos nós. Juntos, podemos transformar a cultura da guerra e da violência em uma cultura de paz e não-violência. Para tanto, é preciso a participação de todos. Assim, transmitiremos aos jovens e às gerações futuras valores que os inspirarão a construir um mundo de dignidade e harmonia, um mundo de justiça, solidariedade, liberdade e prosperidade. A cultura de paz torna possível o desenvolvimento sustentável, a proteção do meio ambiente e o crescimento pessoal de cada ser humano.

A Assembléia Geral das Nações Unidas proclamou o ano 2000 como o Ano Internacional por uma Cultura de Paz. A Unesco é a responsável pela coordenação das atividades de comemoração do Ano Internacional por uma Cultura de Paz.

Um grupo de Prêmios Nobel da Paz esteve reunido em Paris para a celebração do 50º Aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos e juntos redigiram o "Manifesto 2000 por uma Cultura de Paz e Não-Violência".

Norman Borlaug, Adolfo Perez Esquivel, Dalaï Lama, Mikhail Sergeyevich Gorbachev, Mairead Maguire, Nelson Mandela, Rigoberta Menchu Tum, Shimon Peres, Jose Ramos Horta, Joseph Roblat, Desmond Mpilo Tutu, David Trimble, Elie Wiesel e Carlos Felipe Ximenes Belo estão entre os primeiros cidadãos a assinar o Manifesto 2000. Junte-se a eles!

O QUE É O MANIFESTO 2000?

O Manifesto 2000 por uma Cultura de Paz e Não-Violência foi escrito por um grupo de Prêmios Nobel da Paz, com o fim de criar um senso de responsabilidade que se inicia em nível pessoal - não se trata de uma moção ou petição endereçada às altas autoridades.

É responsabilidade de cada um colocar em prática os valores, as atitudes e formas de conduta que inspirem uma Cultura de Paz. Todos podem contribuir para esse objetivo dentro de sua família, de seu bairro, de sua cidade, de sua região e de seu país ao promover a não-violência, a tolerância, o diálogo, a reconciliação, a justiça e a solidariedade em atitudes cotidianas.

O Manifesto 2000 foi lançado em Paris no dia 04 de março de 1999 e está aberto para assinaturas do público geral em todo o mundo. Para assinar, basta acessar o site <http://www.Unesco.org/manifesto2000> ou enviar o seu compromisso pessoal a um dos Escritórios da Unesco no mundo.

A grande meta é apresentar 100 milhões de assinaturas à Assembléia Geral das Nações Unidas em sua reunião da virada do milênio em Setembro do ano 2000.

ANEXO 2

MANIFESTO 2000 - O TEXTO

Reconhecendo a minha cota de responsabilidade com o futuro da humanidade, especialmente com as crianças de hoje e as das gerações futuras, eu me comprometo - em minha vida diária, na minha família, no meu trabalho, na minha comunidade, no meu país e na minha região - a:

Respeitar a vida e a dignidade de cada pessoa, sem discriminação ou preconceito;

Praticar a não-violência ativa, rejeitando a violência sob todas as suas formas: física, sexual, psicológica, econômica e social, em particular contra os grupos mais desprovidos e vulneráveis como as crianças e os adolescentes;

Compartilhar o meu tempo e meus recursos materiais em um espírito de generosidade visando o fim da exclusão, da injustiça e da opressão política e econômica;

Defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, dando sempre preferência ao diálogo e à escuta do que ao fanatismo, a difamação e a rejeição do outro;

Promover um comportamento de consumo que seja responsável e práticas de desenvolvimento que respeitem todas as formas de vida e preservem o equilíbrio da natureza no planeta;

Contribuir para o desenvolvimento da minha comunidade, com a ampla participação da mulher e o respeito pelos princípios democráticos, de modo a construir novas formas de solidariedade.

ASSINE VOCÊ TAMBÉM O MANIFESTO 2000!

Se você tem acesso à Internet:
<http://www.Unesco.org.br/manifesto2000>

Se você não tem acesso à Internet, escreva para a Unesco,
assine o manifesto e declare o seu compromisso com a cultura de paz:
SAS, Quadra 05, Bloco H, Lote 06
Ed. CNPq/IBICT/Unesco - 9º Andar
70070-914 - Brasília - DF

ANEXO 3

A proposta do Projeto Milênio

O Projeto se propõe a ser um recurso internacional para ajudar na organização de estudos e pesquisas através da atualização constante e aprimoramento do pensamento humano acerca do futuro.

Procura disponibilizar esse pensamento regionalmente para a definição de políticas públicas, capacitação avançada, educação pública e realimentação de dados, para criar conhecimento acumulado sobre os futuros potenciais, através de diversos meios de informação e comunicação.

O Projeto não pretende ser um estudo definitivo sobre o futuro. Ele pretende sim fornecer informações permanentes de forma que tomadores de decisão em cada região do planeta possam identificar, avaliar e analisar temas com impacto global atuando como um "think tank" distribuído geograficamente e institucionalmente. Propicia uma capacidade global para antecipação dos problemas a longo prazo.

É um legado para os desafios do terceiro milênio

Como o Projeto Milênio atua

São utilizados métodos prospectivos padrão com a inclusão de ferramentas inovadoras que o próprio projeto desenvolveu para pesquisar os principais fatores que estão formando o futuro do mundo. Estes processos são desenhados para identificar e avaliar os desafios enfrentados pela humanidade e criar cenários.

Participantes do mundo todo oferecem perspectivas locais para o Projeto Milênio através de questionários, entrevistas, encontros e discussões online.

O Estado do Futuro

O relatório avalia a situação global através da identificação e análise de tendências do futuro, desenvolvimento de cenários normativos, exploratórios e de longo prazo, oferece bibliografias de centenas de cenários; estudos especializados sobre o futuro da ciência e da tecnologia, segurança ambiental e análises de legislações e metas internacionais.

Cada relatório **O Estado do Futuro** aperfeiçoa e complementa a edição anterior. Ele é constituído de uma série de sumários executivos de 90 páginas, acompanhados por um CD-ROM de 2.000 páginas, incluindo pormenores completos do trabalho cumulativo do Projeto Milênio desde 1996.

Cada relatório considera a situação internacional dos seguintes 15 Desafios Globais, oferecendo perspectivas e prospecções para o futuro, sugerindo ações e procedimentos, identificando indicadores que possam medir o progresso de cada um deles.

Informação extensiva sobre o Projeto Milênio, seu Estado do Futuro relatório anual, o Índice do Estado do Futuro, está disponível online:

www.stateofthefuture.org

O projeto e seus relatórios não são documentos oficiais do UN ou UNU, mas são produtos do American Council for the UNU, um NGO sem fins lucrativos, que providencia apoio a United Nations University.

IEF - Índice Estado do Futuro

Este índice compreensivo tem o objetivo de medir o progresso mundial obtido nos 15 Desafios Globais descritos no relatório O Estado do Futuro. Com base nos dados históricos dos principais indicadores e na análise das tendências, ele prevê se o futuro promete ser melhor ou pior.

- Desenvolvimento sustentável
- Água
- População e Recursos
- Democratização
- Políticas Globais e de Longo Prazo
- Globalização da Tecnologia de Informação
- Distância entre Ricos e Pobres
- Saúde
- Capacidade para tomada de decisões
- Resolução de Conflitos
- A condição das mulheres
- Crime Transnacional
- Energia
- Ciência e Tecnologia
- Ética Global

Outras áreas de estudo

- Estratégias de Contra-terrorismo
- Ciência e Tecnologia
- Segurança Ambiental
- Análise da Cúpula do Milênio das Nações Unidas
- Advertência Antecipadas para Tomada de Decisões
- Metas Governamentais de Longo Prazo
- Os Futuros Africanos - 2025
- Metodologias Prospectivas, um manual compreensivo de ferramentas e métodos

O Projeto Milênio é reconhecido por organizações de ponta

- O Departamento de Energia dos Estados Unidos o considera uma das melhores iniciativas para a previsão do futuro
- Anualmente inserido entre os "Top Picks" da publicação Future Survey
- Reconhecido como uma das melhores práticas pelo United Nations Habitat

A quem se destina o Projeto Milênio

- Presidentes e Executivos de Empresas
- Todo Executivo com Responsabilidade Internacional
- Planejadores Estratégicos de Organizações
- Gerentes de Projetos Globais
- Legisladores
- Universidades
- Associações
- Fundações
- Bibliotecas
- Alunos

A rede internacional do Projeto Milênio

O Projeto Millennium é uma iniciativa do American Council da Universidade das Nações que consiste numa pesquisa global participativa com a participação de uma rede global de 1.000 futuristas, acadêmicos, cientistas, legisladores, planejadores, empresários, políticos e ativistas sociais de mais de 50 países. A base de conteúdo do Projeto vem de um processo cumulativo de visões, percepções e pensamentos de centenas de participantes, culminando na publicação anual do Relatório Estado do Futuro.

Comitê Internacional de Planejamento

Um comitê de planejamento, constituído por 37 membros de 21 países, monitora o Projeto Milênio. Os administradores principais são: Jerome C. Glenn, Diretor; Theodore J. Gordon, Fellow Senior; Elizabeth Florescu, Diretora de Pesquisa. O escritório do Projeto Milênio em Washington, DC é a base da coordenação e do desenvolvimento das publicações, sob os auspícios do Conselho Americano da Universidade das Nações Unidas.

O Projeto Milênio no Brasil

A condução do projeto no Brasil está sob a supervisão do NEF – Núcleo de Estudos do Futuro, sediado na PUC de São Paulo. O NEF é um centro de pesquisa especializado em estudos do futuro, criado em 2001 pelo Prof. Arnaldo de Hoyos

Diretoria

Diretor Geral: Arnaldo José de Hoyos G

Diretora de Pesquisa: Rosa Alegria

Diretoria Executiva: Beatrice Gropp, Christiane Araújo, Claudia N. Pellegrino, Eduardo Vaz Jr. , Lala DeHeinzelin, Marcelo Dias, Mônica Cairrão , Oriana White, Vitoria C. Dib

Conselho Consultivo

Ladislau Dowbor

Regina Festa

Ubiratan D´Ambrosio

Conselho Internacional

Francisco Jose Mojica, Colombia

Hazel Henderson, EUA
Peter Bishop, EUA

Endereços

Núcleo de Estudos do Futuro - PUC – SP
Rua Monte Alegre, 984 – Perdizes
CEP 05014-901 – São Paulo – SP – Brasil
Telefone: (11) 3670.8513 Fax: (11) 3670.8400
e-mail: nefuturo@uol.com.br

The Millennium Project
The American Council for the United Nations University
4421 Garrison Street, NW
Washington. DC 20016
Fone e Fax: 202-686-5179
e-mail: acunu@igc.org
Website: www.acunu.org

O Projeto Millenium na América Latina

Através do núcleo argentino CELGYP – Centro Latino Americano de Globalização e Prospectiva, diversos sub-núcleos estão interligados nos seguintes países:

Argentina

Co-diretores: Miguel A Gutierrez e Eduardo Balbi – CELGYP
Centro Latino-americano de Globalização e Prospectiva

Chile

Diretor: Dr. Guillermo Holzman Perez
Instituto de Ciência Política da Universidade do Chile

Colômbia

Diretor: Dr. Francisco José Mojica
Universidade Externado da Colômbia

Cuba

Diretor: Dr. Antonio F. Romero Gomez
CIEL – Centro de Investigaciones de Economía Internacional
Universidade de Havana

Equador

Diretor: Mario Játiva
Centro de Excelência, Vice-reitorado de Pós-Graduação e Pesquisa
Universidade Tecnológica Equinocial

Venezuela

Diretor: Jose Cordero
Sociedade Mundial do Futuro da Venezuela

México

Diretor: Axel Didrixson
Cátedra Unesco “Universidad e Integración” - UNAM

Núcleos Regionais

- Beijing, China
- Buenos Aires, Argentina
- Cairo, Egypt
- Caracas, Venezuela
- Helsinki, Finland
- London, United Kingdom
- Madurai/New Delhi, India
- Moscow, Russia
- Paris, France
- Prague, Czech Republic
- Rome, Italy
- São Paulo, Brazil
- Tehran, Iran
- Tokyo, Japan
- Washington, DC, USA (coordenação)

Apoio financeiro internacional

- Alan F. Kay & Hazel Henderson Foundation for Social Innovation
- Applied Materials
- Deloitte & Touche
- Ford Motor Company
- Foundation for the Future
- General Motors
- Hughes Space and Communications
- Monsanto Company
- Motorola Company
- Pioneer Hi-Bred International
- Shell International (Royal Dutch Shell)
- UN Development Programme (U.N.D.P.)
- Unesco
- United Nations University
- US Department of Energy
- US Army Environmental Policy Institute
- US Environmental Protection Agency

ANEXO 4

Dilema do prisioneiro

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Cooperarão ambos os prisioneiros para minimizar a perda da liberdade , ou um dos presos, confiando na cooperação do outro, o trairá para ganhar a liberdade?

O Dilema do prisioneiro foi originalmente formulado por Merrill Flood e Melvin Dresher enquanto trabalhavam na RAND em 1950. Mais tarde, Albert W. Tucker o formalizou com o tema da sentença de tempo de prisão e deu ao problema geral esse nome específico.

O Dilema do Prisioneiro (DP) clássico funciona da seguinte forma:

Dois suspeitos, A e B, são presos pela polícia. A polícia tem provas insuficientes para condená-los, mas, separando os prisioneiros, oferece a ambos o mesmo acordo: se um dos prisioneiros testemunhar para a procuradoria contra o outro e o outro permanecer em silêncio, o dedo-duro sai livre enquanto o cúmplice silencioso cumpre 10 anos de sentença. Se ambos ficarem em silêncio, a polícia só pode condená-los a 6 meses de cadeia cada um. Se ambos traírem o comparsa, cada um leva 2 anos de cadeia. Cada prisioneiro faz sua decisão sem saber que decisão o outro vai tomar e nenhum tem certeza da decisão do outro. A questão que o dilema propõe é: o que vai acontecer? Como o prisioneiro vai reagir?

O fato é que pode haver dois vencedores no jogo, sendo esta última solução a melhor para ambos, quando analisada em conjunto. Entretanto, os jogadores confrontam-se com alguns problemas: Confiam no cúmplice e permanecem negando o crime, mesmo correndo o risco de serem colocados numa situação ainda pior, ou confessam e esperam ser libertados, apesar de que, se ele fizer o mesmo, ambos ficarão numa situação pior do que se permanecessem calados?

Em abstrato, não importa os valores das penas, mas o cálculo das vantagens de uma decisão cujas conseqüências estão atreladas às decisões de outros agentes, onde a confiança e traição fazem parte da estratégia em jogo.

Casos como este são recorrentes na economia, na biologia e na estratégia. O estudo das táticas mais vantajosas num cenário onde esse dilema se repita é um dos temas da teoria dos jogos.

Bibliografia

Uma Mente Brilhante – Sylvia Nasar
The Handbook of Experimental Economics - John H. Kagel e Alvin E. Roth

ANEXO 5

Programa de educação de professores

Este projeto teve início em março de 2007 e contei apenas com a colaboração de Manolo Vilches que, a meu convite, veio se juntar a nós em agosto de 2006 depois de uma reforma estrutural dos Coordenadores Pedagógicos.

SEMINÁRIO DE SENSIBILIZAÇÃO PARA PROFESSORES 2007

Introdução

O Colégio Sidarta, no intuito de dar continuidade e coerência ao trabalho que se propõe, elaborou para o ano de 2007 um programa de Educação Continuada para professores em geral e seu corpo docente em particular, a fim de propiciar um processo contínuo de transformação, valorização e atualização do professor nesse cenário tão complexo da atualidade. A necessidade, portanto, de reconfigurar o papel do educador que deve ser sujeito do processo de ensino e aprendizagem, e aprender a gerenciar o conhecimento exige deste profissional um constante repensar sobre seu fazer e atualização de seus conhecimentos.

O Programa de Educação Continuada de professores pretende desenvolver em seu corpo docente o pensamento ecológico, crítico e sistêmico, eixos basilares em torno dos quais se consubstanciam a proposta educativa do colégio. Este projeto tem também por objetivo atender as demandas da comunidade educacional onde as novas concepções do conhecimento e da Educação serão discutidas e estudadas.

Para tanto serão apresentadas atividades que envolvam os professores em intenso processo de síntese e aplicação de conhecimentos, permitindo ancorá-los na reflexão-ação-reflexão de sua práxis. A visão interdisciplinar e transdisciplinar perpassarão o tempo todo esses três eixos (ecológico, crítico e sistêmico) conferindo-lhes coerência, significado, unidade e harmonia no processo de desenvolvimento deste projeto.

Com isso, esses profissionais serão estimulados a descobrir e desenvolver suas potencialidades e habilidades nas suas áreas específicas de conhecimento, propiciando-lhes estabelecer redes entre os vários ramos do conhecimento diante do dinamismo e do uso de tecnologia de ponta integrada à sua ação pedagógica oportunizando a necessidade de desenvolver habilidade de seleção, qualificação, de planejamento e pesquisa exigidos de um moderno profissional da Educação.

Justificativa:

Acredito que a missão desta formação seja não apenas transmitir um mero saber, mas transmitir uma cultura que permita compreender nossa condição humana e nos ajude a viver melhor e mais feliz.

Se o saber não nos torna melhores nem mais felizes (Kleist) a Educação pode nos ajudar a nos tornarmos melhores e nos ensina e assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas. (Morin).

Proposta:

Criação de 5 encontros no semestre com a apresentação de painéis coordenados pelos próprios professores com orientação da Direção, Coordenação Pedagógica, Núcleo e Centro. Os painéis versarão sobre temas sugeridos por parte do grupo (pelas pesquisas realizadas) além de temas pertinentes às considerações iniciais deste projeto.

Para cada tema, um grupo de no mínimo 5 professores deve se articular para a exposição e condução das discussões. Vale salientar que os professores têm liberdade de escolha para que possam contribuir com seu conhecimento adquirido nas diferentes áreas em análise.

Fica aberta a possibilidade de um professor atuar em mais de um painel, de acordo com suas possibilidades e interesse.

Da produção do grupo:

Para cada painel deveremos ter:

- 1- Criação de um texto síntese a ser distribuído c/ antecedência a todos. O texto deverá ser produzido dentro das normas acadêmicas de produção com indicação bibliográfica pertinente.
- 2- Criação de uma apresentação multimidiática com cerca de 60min. capaz de ilustrar a exposição. (a apresentação deve ser disponibilizada ao grupo).
- 3- Abertura e encaminhamento de perguntas ao grupo organizador.

O grupo poderá trazer convidados com contribuições ao tema desde que isso não represente custos para a instituição.

Da realização:

A idéia a ser apresentada aos membros da equipe pedagógica Sidarta na tarde de 22/01/2007 sugere a realização dos encontros em caráter quinzenal a partir de 02/03/2007 no horário das 15 às 17h. Este horário garante a presença dos participantes em pelo menos 60min dos painéis, período suposto de explanação, ficando optativa a participação nos 60min restantes de discussão e debates sobre os temas em apresentação.

A realização destes encontros em outros horários (16 às 18h) poderia gerar, pelo caráter extraordinário, um reduzido envolvimento do grupo.

MÓDULO I

1º. Semestre de 2007

TEMA	DATA	HORÁRIO	TEMA
1	02/03	15:00-17:00	EPC no Sidarta
2	16/03	15:00-17:00	Trabalho com Projetos
3	13/04	15:00-17:00	Inter e Transdisciplinaridade
4	27/04	15:00-17:00	Avaliação
5	18/05	15:00-17:00	O trabalho com portfólios

Sugestões para outros módulos por assunto:

1)A constituição da identidade do professor

- Como foi se constituindo a identidade do professor através dos tempos: suas representações em diferentes períodos históricos.
- Da transitoriedade das habilidades para a noção de competência como atitude.
- Dos papéis de tradicionais de poder pela centralização para os papéis tradicionais de poder pela liderança.
- Da práxis técnico-pedagógicas, para a práxis técnico-vivencial: como ir além das fronteiras de sala de aula.
- Os vários mecanismos de compreensão do significado dessa identidade e suas possibilidades de utilização na prática cotidiana e seus vários níveis de abrangência: com alunos, com família e com seus pares.

2)O desafio de desenvolver competências e habilidades

- Quais são as competências e habilidades essenciais para o profissional da Educação no século XXI?
- Qual é a visão de futuro do professor e do aluno? São complementares ou simétricas?
- A questão do comprometimento e do entusiasmo no processo de ensino e aprendizagem, tanto do aluno quanto do professor.
- Docência e seus paradigmas
- A formação acadêmica e suas implicações na sua prática

- As atitudes do professor convalidando as ações dos estudantes: uma questão de postura frente os desafios da vida.
- O que significa saber-saber; saber-fazer; saber-ser; saber-conviver?
- O que significa aprender a aprender; aprender a viver?
- Os vários níveis de percepção dos comportamentos, das interações e envolvimento entre alunos, entre professor e aluno e entre professores

3)As várias formas do trabalho de pesquisa em Educação

- O papel do professor-pesquisador: como orientador do processo de pesquisa dos seus alunos e como pesquisador de sua própria pesquisa.
- Como delimitar a pesquisa no foco escolar
- Como organizar uma equipe de pesquisa escolar determinando papéis e responsabilidades.
- A importância da pergunta: desenvolvendo habilidades para sua elaboração.
- O desafio de ensinar e o desafio do aprender: duas questões importantes do processo.
- A sociedade da informação: aprendendo a aprender como selecionar informações.
- Aprendendo a socializar e avaliar as informações pesquisadas.

Bibliografia sugerida

Para cada um dos temas propostos segue uma bibliografia básica sugerida, lembrando que os grupos poderão contar com o apoio da direção, coordenação e demais membros da equipe Sidarta para a realização destes painéis.

1 EPC no Sidarta

2 Trabalho com Projetos

3 Inter e Transdisciplinaridade

4 Avaliação

- 5** **Novas Tecnologias no ensino**
- 6** **A sociedade pós-moderna, hiper-moderna e contemporânea**
- 7** **Criatividade e aprendizagem**
- 8** **Os desafios do trabalho com pesquisa na escola**
- 9** **A questão da inclusão e da diversidade**
- 10** **O trabalho com *portfolios***

ANEXO 6

Linha do Tempo Aluno Sidarta

Etapas	2,5 a 6 anos	7 a 10 anos	11 a 15 anos	16 a 18 anos
Competências	Auto-estima Independência Lidar com frustrações e alegrias Expressão individual Disciplina	Tolerância Responsabilidade Auto-confiança Autonomia (escolhas) Iniciativa Persistência Reflexão Disciplina	11-12 anos pré-adolescência 13 anos pico da adolescência Capacidade de análise e síntese, julgamento. Projeção Gerenciamento de tempo Auto-disciplina Mesmas que etapa anterior Saber ouvir	Autonomia intelectual Capacidade de sonhar Resiliência Saber ouvir Saber competir
Valores	Respeitosamente Solidariedade Cooperação	Respeito Autodeterminação Diversidade Companheirismo	Postura de estudante <ul style="list-style-type: none"> • Iniciativa • Autonomia Empreendedorismo Voluntariado Respeito Compaixão Eterno aprendiz	Compreensão Convivência Pacífica: aceitação Respeito Solidariedade: Voluntariado
Objetivos	Afetividade Sociabilização: responsabilidade, compromisso e limites Experimentação (aprender) Conhecimento do mundo através das diferentes linguagens: arte, música, Bilíngüe 2008 – transição de bilíngüe infantil para 1ª	Alfabetização Aprender a conviver Consciência social ecológica Grau da profundidade da compreensão Sistematização de procedimentos, conteúdos e atitudes através de experiências concretas	Autonomia Formalização e estruturação dos saberes em todas as áreas 2006 especialistas (5ª série) Eco-formação Aprender a aprender = aprender a conhecer, conviver, fazer, ser	Aprofundamento dos conhecimentos Adaptação a novas situações/desafios <ul style="list-style-type: none"> • Mercado de trabalho • Vestibular • Ensino superior Como realizar sonhos <ul style="list-style-type: none"> • Sonhar • Planejar • Executar Prática cidadania <ul style="list-style-type: none"> • Consciência do grupo • Prática

	série 2007 G4 = Ensino Básico 2007 5-8 espanhol		Expressão: saber expressar suas idéias Solidariedade • Social	Passar pelo desafio (vestibular)
Eixos de arte + música + esporte + ser político (engajamento num projeto) + Projeto de Vida – permeando todos os trabalhos				

Ensino Médio

	1º Ano	2º Ano	3º Ano
Pedagógico Educativo	1 Projeto Interdisciplinar por trimestre 3 X por ano	Idem	Idem
Matriz	+ 1 Arte/Música Literatura/Língua Portuguesa + Cursinho (extra-colégio)	Idem	+ 1 Atualidades Idem
Quem	Atualmente 19 pessoas na equipe 7 – especialistas de línguas 12 – especialistas matriz básica 2006 – 7 permanece, 5 novos		

Ensino Fundamental – Ciclo Final

	5ª	6ª	7ª	8ª
Pedagógico Educativo	1ª atividade do dia – definição de utilização de horário			

	Formação <ul style="list-style-type: none"> • Pedagógica • Papel do Educador Filosofia Elaboração do material Informática			
Matriz				
Quem	5 substituições			

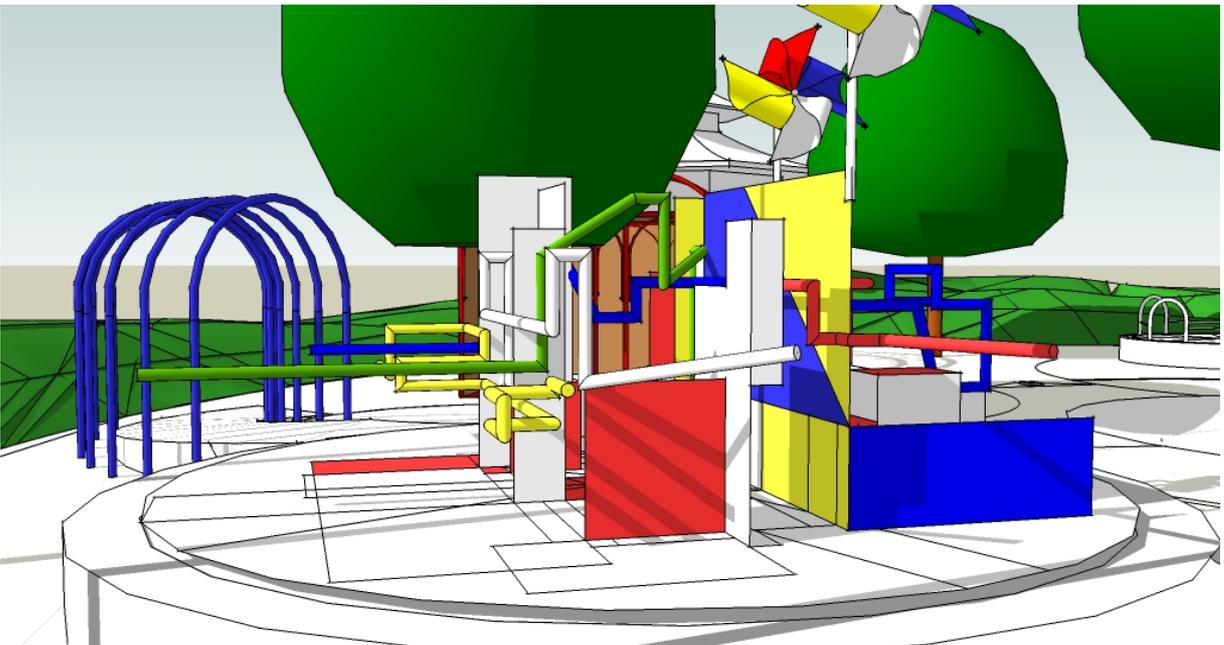
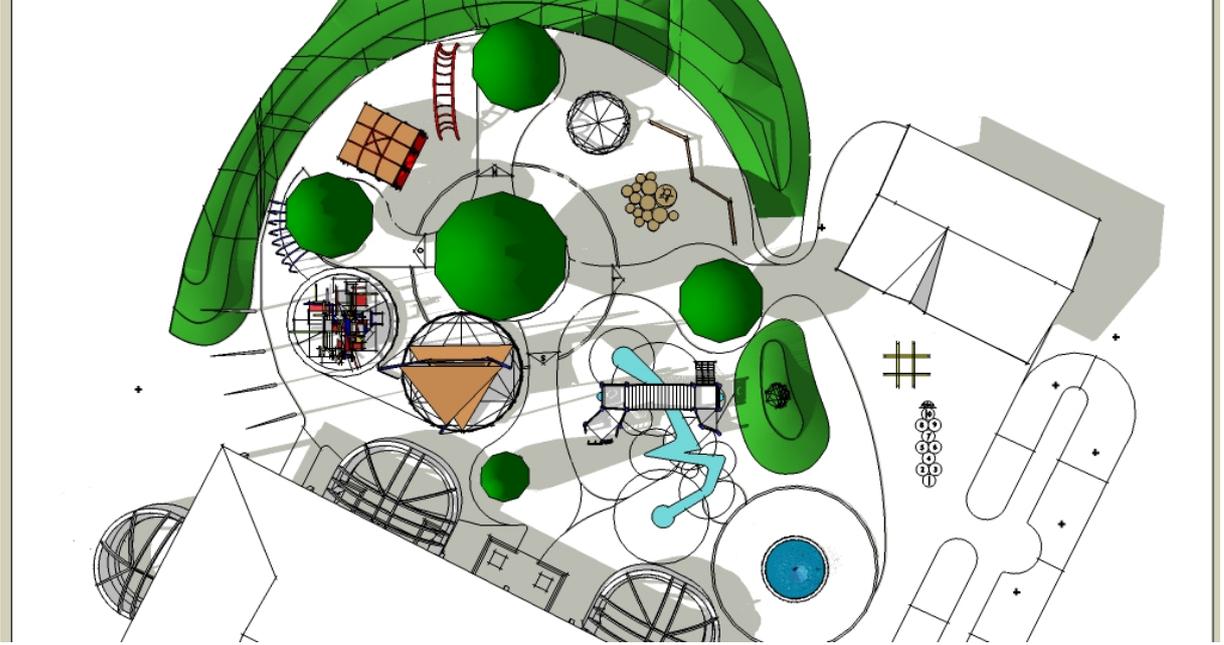
Ensino Fundamental – Ciclo Inicial/ Intermediário

	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a
Pedagógico Educacional	Língua Portuguesa Projeto Assembléias		Sistematização Jovem empreendedor (implantação em 2006) Material Didático + integração de Assesores e PCAs	
Matriz				
Quem				
Oficinas			Xadrez	

Educação Infantil

	G12	G23	G3	G4
Pedagógico Educacional	Escola com Pais Formação de professores Formação bilíngües <ul style="list-style-type: none"> • Inteligências múltiplas • Projetos Fortalecimento das diferentes linguagens Assessoria planejamento música, cultura e escolha			
Matriz	Garantir PPs e Reunião Pedagógica			
Quem	Incrementar as artes	+1 professora +1 auxiliar		

ANEXO 7
ESPAÇO LÚDICO-SINESTÉSICO



ANEXO 8
CIDADE EDUCATIVA



